BRUXAS à portuguesa

JOÃO
ALVES
DA COSTA



Livraria Bertrand

Bruxas à Portuguesa

DO AUTOR:

AMÉRICA EM CARNE VIVA (*novo jornalismo* ou literatura de não ficção) — Bertrand, Col. Documentos de Todos os Tempos, 1.ª ed. 1974; Livros Unibolso, 2.ª ed. 1975.

AS DIABRURAS DO MENINO HAMLET (novela fragmentária) — Bertrand, Col. Autores Portugueses, 1975.

SAÚDE — A FERIDA ABERTA — Um Ano da Jovem Democracia Portuguesa (reportagem) — Liber, 1975.

DROGA E PROSTITUIÇÃO EM LISBOA (*novo jornalismo* ou literatura de não ficção) — Bertrand, Col. Realidade e Denúncia, 1.ª ed. 1977; 2.ª ed. 1977; 3.ª ed. 1977.

VIOLENTAR OU RECUPERAR MENORES EM PORTUGAL (*novo jornalismo* ou literatura de não ficção) — Bertrand, Col. Realidade e Denúncia, 1.ª ed. 1978.

BRUXAS À PORTUGUESA (semificção) — Bertrand, Col. Realidade e Denúncia, 1.ª ed., Junho de 1980; 2.ª ed., Julho de 1980; 3.ª ed., Setembro de 1980.

JOÃO ALVES DA COSTA

Bruxas à Portuguesa

4.ª EDIÇÃO



LIVRARIA BERTRAND
APARTADO 37 — AMADORA

Capa de José Cândido

Composto e impresso nas Oficinas Gráficas da Livraria Bertrand, S. A. R. L., Rua João de Deus — Venda Nova — Amadora

Acabou de imprimir-se em Setembro de 1980

para ana paula, quem?
ela é a lobis-*mulher de Alhandra*
a jovem radiactiva das lezírias
que trocou o Tejo pelo Atlântico
e ambos pelos dois sexos de Urânio
alcaide de um «continente instável»
*siamesa de outras siglas (*An Krid *e* Beb-é*)*
sumarentas concessões entre o prazer e a dor
ela despudorada gaibéua
investigou comigo a realidade
inspirou para o prelo
a trilogia maldita *(donde este aceno):*
Droga e Prostituição em Lisboa
Violentar ou Recuperar Menores em Portugal
Bruxas à Portuguesa

j. a. da c.
21-1-80

CAPÍTULO 1

A metamorfose da medium

ISTO é o diabo?
Quero andar e não posso. A senhora veja lá, sente-se mal? *Psssst!* Um copo de água, depressa, para esta senhora, que diz não consegue mexer-se.
Se é burla e manga connosco, tem bom remédio — chame um táxi, firme o passe social, alugue *chauffeur*, filie-se numa tarifa de grupo, inscreva-se num partido de gente rica, desengome-se!
Ela voltou à mesma: *Quero andar e não posso.* A senhora alguma vez sofreu da espinha em miúda, ou de paralisia em pequena, epilepsia, quebras de tensão, o médico assistente está ao corrente, electroencefalograma tem?
Estava-se em Lisboa, na rua, algures.
Não há bela sem senão: a gaja não regula da mona. Ela é é uma grandesíssima...
Hesitação. Os passantes sustiveram o passo, a revelação vinha aí, a mexeriquice tem cheiro próprio, uma mulher daquela idade precisa de fazer figuras?
Depois, levaram-na para uma escada iluminada, uma porta abriu-se para acolher o fardo de olhos abertos. A mulher ia hirta, se bem que tolhida. Ou seja, hirta, tolhida, se bem que acordada. Indisposição momentânea? Algia nervosa? Disparo gástrico? O coração! Alguém tome as pulsações...

Isto é o diabo?

A sala estava repleta. O divã veio a matar, a mulher estendeu-se numa curva tal qual a nómada do deserto vergada perante a velocidade das areias. Veio a dona do rés-do-chão, de rolos e cara enxofrada, acendeu o lume para ferver um chá de folhas de eucalipto.
A voz de dentro: «Não, filha, essas são para o banho das dores na espinha, vai buscar as de tília.»
— Só vejo um restinho de laranjeira...
— Arranja-te que a mulher não vai fazer nenhum exame!
Situação: o prédio de pé, alvoroço, as vizinhas de roupão, os forasteiros movidos pela curiosidade, o marido da inditosa criatura perdeu o norte a quem vinha à consulta.
Isto é o diabo!
Não brinques com isto, o que é tem muita força.
O emissário do senhorio assomou na ombreira. Era algarvio, dizia «ombrêra». Era característico, mole, detestava aglomerações, era quarta-feira, dentro de uma hora haveria bola no estádio, que atraso, e ele não suportava *sabats* antecipados. «Bem basta o jogo antecipado ao sábado que me dá conta do juízo, a minha mulher dá-lhe para querer sair ao fim-de-semana. Essa é que devia estar presa de membros, salvo seja.»
Com licença. As pessoas calaram-se. Um homem de posição dera entrada no cubículo, era um senhor delegado, talvez da Procuradoria da República, talvez da Junta das Frutas, agora paralisado pela ciática, que se justificou sem credenciais: «Apanhei o Ministério vazio e safei-me logo para cá.»
Quem aguardava que o mandatado pelo senhorio fosse estrilhar, murchou. O médico das análises, o engenheiro de Sines, o maquinista da CP, o jornalista, o comissário da PSP, o terceiro-piloto da Marinha Mercante, mais a leiteira, a cartomante, a ervanária, a cabeleireira estavam lá. Era um grande pinhão. Ele raspou-se para a Luz.
«Mamã, esta senhora é que é a tal bruxa?» O fundo, titubeante silêncio. Os passos (ainda mais) riscavam o patamar de cima como uma ardósia de escola. O comboio devia passar perto, porque apitou três vezes e um quarto. Dali até Santa Apolónia era um estafanço, qualquer coisa como 70 escudos de táxi, mas a gente da província não desarmava. A consulta

tinha horas. O desfalecimento da mulher é que não. Equimoses, inchaços, rubores, peles engelhadas, semblantes em vinha-d'alhos compareciam à tabela. «Aqui é que?...»

— Aqui é que...

Em surdina, o marido mandara servir a tisana de tília aos presentes porque sempre ficava mais em conta do que encher a banheira com as folhas de eucalipto.

Uma outra lançou para descongestionar: «O dono da casa agradece a todos o incómodo de assistir à Dona que se sentiu indisposta, boa-noite, manda dizer, vai-se fazendo tarde.»

— Eu vim de tão longe para nada?

Os curiosos, poucos abalaram. Isso sim. Os de fora não tocaram no chá por medo às mágicas, os habituais prepararam-se para o serão.

— Eu sei lá!

— Eu só se visse!

— Eu nem que visse acreditava nesta aldrabice!

— Por amor de Deus, só não vê quem é ceguinho de todo!

Padecentes de todo o estilo abeiraram-se do *Santo Guia*, a mulher acusava os primeiros sintomas à margem da normalidade.

A TRANSFIGURAÇÃO

Apresentava uma deformação no ombro esquerdo, situado num plano superior ao direito, desenhando, por isso, uma linha oblíqua ao corpo. A anca direita, por seu turno, subira como se, súbito, deflagrasse uma anomalia óssea no encaixe da coxa (fémur). Ali, à frente de todos, uma enorme e impressionante deformação. Simultaneamente, e em consequência, a perna direita tornou-se mais curta alguns centímetros, passando a mulher a coxear em flagrante dificuldade.

Perante a *medium*, uma grávida de cinco meses que lhe pedira auxílio. *As mãos, minha senhora, as suas mãos.*

Dona, o nome escapou. Veio a fita métrica. Alguém mediu o diâmetro

à grávida: 98 centímetros. A mulher transfigurada conhecia o auge da mutação: a barriga aumentou de súbito volume, atingindo 1,10 m e, a seguir, 1,21. Um oh de espanto, a *medium* medita tanto como uma criatura «de esperanças» em fim de tempo. A grávida não sabia que dizer. Nem o marido da *medium.*
«Oh, Dona, é maravilhoso ver!»

Então, a transfigurada contou que já uma vez a sua barriga crescera assim, à luz do dia, num autocarro «22», e a tal ponto que os passageiros tomaram a iniciativa de lhe oferecer o lugar. Só que a barriga desincha, também num ápice, e o impante balão redundou num anémico melão! Ficou toda a gente para morrer!
De outra vez houvera uma denúncia. Uma cliente deu à língua para ganhar 100 escudos e a *medium* respondera no gabinete da Judiciária. Qual não fora o espanto policial (tal como quando o Mar abriu alas!) quando o abdómen inchado assinou o seu «número», digno de um circo de Fellini. Esmagados, os agentes concluíram «nunca vimos coisa assim», encerraram o auto, mandaram a mulher em paz.
Que gelo tão grande, o santo guia já cá está!
As contracções do estômago prosseguiram, bem como a dificuldade em andar. Os pés pisavam de lado, ajazados pelo peso. Soltou três arrotos monumentais. O fundo das costas e as nádegas assemelhavam-se a mosaicos empedernidos. Lava calcinada numa «Pompeia» caseira. O *Guia*, diz ela, é nem mais nem menos do que o infeliz Infante D. Fernando, filho de D. João I e D. Filipa de Lencastre, apodrecido, cativo, nas celas de Marrocos.
A do rés-do-chão recorda, ainda, as últimas palavras da *medium* antes do início da dilatação, que estranho:
— Quando tocou o telefone, senti (cá para mim) que a tua espinha não estava boa...
— Que tinha, Dona?
— Não estavas «bem acompanhado», tens «irmãos maus» contigo e o *Guia* veio a correr proteger-me. Fiquei assim, como, aliás, acontece sempre. Se assim não fosse, o mais que podia acontecer...

— ?

— Era desatar à chapada, como já aconteceu!

O jornalista confirma: era a primeira que lá punha os pés. Sofria de dores na altura (motivo: ciática bilateral).

Agora, a barriga passa?

Ela para mim: «Só passará, só voltarei ao estado normal quando tu saíres. Não me incomoda, porque sei estou protegida.»

Pasmo. Havia testemunhas.

A *medium:* na zona dorsal, dos dois lados, nota-se à pressão digital um durão que abrange o perímetro inteiro das costas, uma dureza coriácea como que provinda de uma contracção muscular constante. Um espasmo. O ombro esquerdo revelava um anquilosamento e uma rigidez que mais pareciam proceder de uma fractura calcificada, consolidada em defeito, fora do encaixe natural.

A grávida fez força para tentar soerguer o braço daquele lado para a posição correcta (inicial), eu ajudei, mas deparava-se-nos uma sólida consolidação, um argamacento bloco que impedia toda e qualquer movimentação (progressão ou elevação) nesse sentido.

Curioso: o braço oposto consentia na elevação pura e simples.

A pele de galinha é o primeiro indício.

Segue-se-lhe o punhal do frio golpeando o corpo. Os arrotos prolongados e as descargas de desanuviamento electromagnético que constam de um espanejar da zona da anca (como se de um pato molhado saindo de dentro de água). O volume da barriga aumenta, de novo. A mulher tem de desapertar a saia. Quem a procura, busca o poder terapêutico das suas mães. O relaxamento das massagens, o alívio dos dedos para o aperto das dores. Aproveito para me deitar no sofá da sala.

CAPÍTULO 2

O homem com espinha de gato

No peito, na bacia, nas virilhas o calor derramado das mãos, toquei-lhes, estavam frias. Alguma coisa acontece. O aquecimento surge com a leve pressão manual e digital na extensão do corpo. Quando ela toca, é chumbo, quente de linotipo, são lâminas temperadas, de Toledo para o nosso bairro, simuladas de leveza. Pesam, sim, na profundidade da dor.

No interior do corpo rasgam-se feridas, sugestões em carne viva. Não durmo, não sonho, não estou hipnotizado. A mulher: «É preciso chamar as dores», e o homem deitado graceja, porque está indefeso: «Vá lá alguém que eu já tenho a minha conta!»

A massagem (dita esfrega) principia, invariavelmente, na zona do abdómen, desliza para a cavidade toráxica, em ambos os lados, perto do coração, da suprema «bomba», salta uma impressão finíssima. Ela nem pode tocar, ele o diz, à medida que a mão passa é como se abrissem gumes de uma navalha, afiassem varetas de chapéus-de-chuva nos mamilos. Parece que alguém escanhoteia o meu interior com uma «naifa» ou algum carnívoro fila entre dentes as entranhas do meu peito. Revolvo-me, é agudo de mais. «Meta mais graves, senhora.»

Levo tempo a atinar se será dor ou apenas ressalto, uma descontinuidade sebácea. Ali estavam as suas mãos num envolvente cerco, o paciente a magra cidadela meridional espadeirada pela súbita descoberta de uma grossura fibrosa, um nódulo muscular. «Espera um pouco que já passa.» Gradualmente, o peito harmoniza-se, reganha o equilíbrio.

A algia interior ou mergulhou nas refinarias do intestino ou ascendeu, em balão, tal como nos livros de Verne.

É falso pensar que o ressalto fez uma ou outra coisa. A massagem dirige-se, agora, para as coxas, os campos meniscais, os artelhos, os ligamentos e tendões nos pés. Nos membros superiores acontece o mesmo, nos braços. Ou as costas, nas omoplatas, na espinha, na bacia. O homem revolve-se como uma lata rua abaixo num desenho animado, os ressaltos lá estão no seu trejeito mordaz, não sei se numa desmultiplicação, um seu átomo panteísta, se agrupados numa trupe, de bandeira panamiana, como os vapores do contrabando, numa quadrilha de ratoneiros. Ela comenta a acção terapêutica das mãos de uma forma que me parece descabida ou infantil, porque estou transido com o que sinto e não encontro explicação lógica, racional. «É preciso fazer sair o "mexilhão", o "material". Hoje estás mesmo carregadinho. "Eles" ou vêm ao tratamento e gostam, ou desandam passado um bocado, é preciso chamar as dores, os altos, não os sentes?... Custa tanto, eu sei...»

Levantou-me as pernas numa ginástica sem dobrar o joelho, uma de cada vez, depois as duas em conjunto. «O movimento só te faz bem, qualquer dia não te podias mexer.» «Eles», «eles», quem, dona, pergunto? Fazendo ouvidos de mercador: «Este calor é um passo para o alívio.» Acocorada sobre as minhas costas ela emite um bafo dirigido ao planalto sacro-ilíaco, fá-lo rapidamente enquanto das mãos prossegue a «tal» torneira térmica, num jacto de amenidade, sensação reconfortante, Ao invés, nos nós dos dedos aquela mesma dor de navalha, cuja picada instantânea se reflecte na virilha. Os pés estão dormentes. Pouco a pouco, como um aguadeiro de mau agoiro, cada ressalto vai desvanecendo-se e até onde então habitavam chagas e durões deslizavam os dedos em paz, a pressão digital mantém-se, a dor é que mudou de dono.

«Explica-me lá isto que faz muita impressão à cabecinha... digo-te que tens carradas de "mexilhão"... são os *encostos*...» Havia uma certeza: aquela sala não era um depósito de moluscos, nem aquela casa uma tendinha de mariscos golpeados na rocha.

Desde aquele instante apoderou-se de mim um torpor, o peso do batel do sono nas pálpebras, talvez aquela romântica condição celebrada

por Washington Irving, escritor, no século XIX da América, do *half-shut-eye* (olho meio fechado). A mulher não ia em cantigas, a analfabeta postou os dedos nos meus olhos, premindo levemente. A seguir, a cabeça, entalou-me o crânio com as mãos. Um longínquo craque após o que os dedos nos ouvidos, alfinetando o martelo, a bigorna, os tímpanos, desenterraram o sossego magnético. Já dói forte, fino e fundo. É prego a fundo! Arranco-lhe as mãos dos ouvidos como quem tira, bruscamente, os auscultadores. «Vês que não estás bem?!...» A danada reagarra os altos nos dois lados do pescoço como tenazes vampíricas na região jugular. Pareço, sem me ver ao espelho, uma fera recém-desperta, imobilizada pela garganta. Só me falta esfolarem-me, aguardo a cacetada da misericórdia, que me acertem à primeira, peço.

«Julgas que eu não sei o que tens? É de alto a baixo... mentira?... ou não te toco onde só te dói!?»

O homem arredondou-se numa elipse. Só era possível a uma espinha de gato, mas ninguém ronronava. Era um rapaz que me sucedia na massagem. Ele ganha uma enfurecida irritação, à fricção da mão no peito, cerra os punhos como «Rocky», antes do combate, ali é já o *ring*, agita-se como o *boxeur* na ganância de um «gancho» à tromba, ele só quer atingir a mulher, a cara transmuda-se para uma residencial de Esgares e Ódio, Lda. A firma. Não logra acção, tanto desejava desferir na Dona, como disse, perdão, não ouvi, o murro da sua vida. Entre as quatro cordas ele está paralisado. Se calhar, drogaram-no antes do combate. Ele só está deitado, não bebe, nem fuma, só capilé. Depois, num esticão, desprende-se, descontrai-se, ganha sentidos e ânimo de uma tensão sonâmbula. Como se lhe dessem a cheirar o amoníaco.

Vira-se de costas, a mulher, reconciliada, corre-lhe as mãos pela coluna vertebral, ele, homem-gato, arqueia a espinha a 180 graus. Coisa nunca vista antes ou depois de Tordesilhas, espanhóis e portugueses preparam-se para dividir o Mundo ao meio, cada um espreme-o como um limão, cospem as graínhas, e a cinquentona, deserdada caricatura de enxovalhos e maçadas, pisca-me o olho:

— Se este fulano pudesse, matava-me!

CAPÍTULO 3

"Marido de medium é moiro que anda na Costa!"

A noite espanhola: a carvão, a fornalha, a solavanco. Despoletada em Santa Apolónia a composição do *Sud* metia-se ao caminho *tran tran tran tran trás trás trás trás.*

Via a mulher aos 53: «Há mais de vinte anos, o doutor Gamboa receitou-me uns comprimidos que eu deitava pia abaixo. Veio outro que me aconselhou a não falar durante as refeições para que não inchasse o estômago... perguntem-me lá se deu resultado?! Eu falava sempre, olá, isso é que era bom!», era reguila a *medium.*

Perto de Salamanca, a lua estava sumo e eles, os bárbaros ibéricos, acompanhavam-no na viagem. Os cabazes de vime, a embrulhada parda (da sua vida), o escorrepichar das vasilhas, os espaços embatucados, o sonolento estoporado, ele.

O português, o marido, o viajante recordava que nunca autorizara o internamento de sua mulher no Júlio de Matos. Que difícil é ser-se marido de *medium*! Ali na balbúrdia *tran tran trás trás* sabia (autenticava, autem'picava-lhe...) que era pior em Portugal, meridiano de cão. Antes a horda dos passageiros, o nauseabundo folclore dos espanhóis que os invasores de sua casa, a cave, a qualquer hora. Ciladas de crentes assexuados fiéis das mãos e das massagens de sua mulher, a estampa do Santo Guia, escalabitano Infante, que sem culpa perecera numa cela marroquina e agora, ele, pagava as favas do martírio...

«A minha vontade era espatifar, partir, escaqueirar, a minha cabeça não andava bem. Quando eu sentia essas coisas é que eles me agarravam,

eles, quem?, submissos locatários de quartos arrendados por si para sobreviver... e eu?, andava coxa, de gatas, comia no lugar da serradura, ladrava, debaixo da chaminé, marchava a quatro patas, só não lembro se também ia ao caixote para as necessidades. E o pior, o melhor, é que eu sabia o que fazia, embora afirmasse o contrário. E eles: chamavam-me maluca, o meu maior prazer aos 20 e tal era andar encostada às paredes como um pedaço de cal pingado, uma gata de cio, uma sombra "coitadinha, até mete pena!", e eu ia "aos arames", borrava-me pelas pernas abaixo, alagava-me em xixi.» «Hi, hi, como ele deve ir...»

Róis-me pragas, mulher de um raio. Sentia óbvias saudades, da praxe, mas o pesadelo ali só era visível na memória, nos ouvidos. As chamadas telefónicas *mid*-noite, os possessos da madrugada, as dores nas articulações, ouvia as mulheres

PARECE UMA CHAVE INGLESA A
ENROSCAR JUNTO AO OSSO
SE VOCEMESSÊ ME DESSE UMA
ESFREGA

o *hall* daquela morada habitada pelos espíritos que não lhe suportavam a renda, nem a água, a luz, assemelhava-se aos corredores da Caixa, a uma enfermaria do Banco, o éter era substituído pela cânfora, ele ficava de «vela», a mulher acorria às maleitas no corpo de homens, mulheres e crianças, estava de serviço à chatice dos outros, não era nada contra o Santo Guia...

Aliás, o Infante D. Fernando só cometera um deslize para cúmulo do seu sofrimento — indicara o número da porta daquela cave onde a mão benfazeja premia as dores grátis. Assim acreditava a *medium* mais a legião dos sofredores, ele nem queria que a mulher lhe tocasse, pois podia «pegar-se» e ele não estava disposto. Em pleno comboio, consumia o tempo sedoso que o apertava como um lenço no seu duro pescoço de cortiça boiando na noite sobre carris intermináveis.

«A senhora que me criou disse ao meu marido que se eu fosse filha dela me punha no hospital dos Doidos, mas ele nunca deixou. Há pessoas que vêm aqui (apontava o colchão das massagens), olham para mim e desmaiam. Outras têm medo. De uma vez agarrei numa

mulher tesa como um carapau e levantei-a estilo boneca de trapos. Nunca desmaiei na rua, tive sorte, mas recordo uma crise terrível

chovia imenso, ia na rua, perto do Chile, trabalhava ainda de modista, deu-ma na "mona", peguei nos sapatos, dependurei-os na mão, pus-me ao caminho, assim descalça e tudo. Até que um cavalheiro que passava me deteve: "Oh, filha!, que se passa contigo?" (o casaco no braço, os pés na poça, as palmilhas debaixo do braço, a cidade desfeita), convidou-me para uma bebida quente. Meteu-me a seguir num eléctrico, ainda havia carreiras entre o Chile e o Areeiro, frisou ao revisor que tomasse bem conta de mim. Chegada à Praça, o homem da Carris bem me quis vigiar, mas eu deitei-me a correr, rua abaixo, ninguém mais me apanhou. Em casa perdi a acção, não desmaiei e bem os ouvia, bichanando: "Que tem ela?" O meu marido insistiu: "Há-de haver qualquer coisa para tratar desta rapariga."»

Tinha a consciência descansada. A catalepsia sucedeu à raiva, a indiferença ao desgosto, a abulia à ira, as perturbações psicomotoras, endocrinovasculares, gastrocefaleicas ao ciúme. Durante a noite sonambulava a tensão, causticava em mim um culto oculto de eterno descontrolo. A casa e o descanso não me pertenciam, mas antes a quem, desabridamente, se insinuava nas minhas chávenas, no meu sangue. Estive quase em vésperas de morticínio, depois que me chamassem de exterminador! Viria com o retrato nas primeiras páginas e, enquanto não me deportassem, seria com prazer que vampiraria sobre os homens, as mulheres, a inadiável horda dos asmáticos, a brigada dos reumáticos, a lengalenga dos constipados, os dói-me-aqui, os dói-me-ali, as criaturas de merda que não me desamparavam a porta e as mãos fortes, rudes, terapêuticas de minha mulher.

E eu, amante? Na cama fingia que lia para ver, para não ler. Trancava-me como um emparedado. Que não eram horas... que eram horas em demasia... que eram desoras... e a malta MOITA vinha com a léria da fraqueza no bucho, a tremura, o suor, a cãibra, o tinir da tripa, a circunvalação dos gases, o presidencialismo do esófago (sons estranhos)

e o fim era repetitivo na madrugada: biscoitos, bules, a minha mulher, de coragem, a moura de trabalho, recriminava, acedia.

— *Encosta-te à bananeira!...*

— *Chegue para lá o seu transistor!...*

— *Tire daí a sua delicada mão!...*

Punha-se a bater, num circuito sadomasochista, «para despegar os mexilhões de onde eles estão...». Qual não era o meu espanto quando ouvia os glutões: «Realmente a porrada faz bem... sinto-me mais leve! Amanhã quero uma tareia igual!» E ela, na sua inocência:

— Vocês podem ser muito cursos, mas não percebem nada disto. A velha maluca é que sabe, embora não saiba porquê!



«As estranhezas todas começaram aos 20 e tal, residia em Lisboa numa cave. Bem, já em Campolide tivera uma reacção muito estranha, costurava e sem pretexto bati nas minhas colegas. Tinha uma febre doida, foi lá o médico e desatei-lhe à "chapada". Ele perguntou pelo meu marido: "Chega de avião daqui a bocadinho." Voltei a arriar nas outras, elas cavaram. Foi uma coisa de repente e depois aquilo passou. Depois veio a vontade de querer matar a minha filha, elas puxaram a miúda e puseram-na dentro do quarto, assim se passaram três dias dos piores, ouvia chamar por mim, não sabia quem, sobressaltava-me, tinha "cagufa" à brava, olhava para debaixo da mesa e via assim

assim

assim coisas

negras. Não tem explicação. Metiam-me medo, ouvia-as a qualquer hora. Não era capaz de ir sozinha à cozinha. Nessas alturas, o meu marido, se queria, fazia ele o jantar.

Entretanto, morreu o meu sogro, foi um dia de tragédia, estive completamente arrasada, porque gostava muito dele e ele de mim. Já não morava em Campolide, mas aqui. Não sei o que tinha, mas sentia-o em casa, soprava-me ao ouvido, ai tanto medo! Era como ele costumava fazer à minha sogra. Ela horrorizada. Eu ia às compras, chegava a casa,

catrapuz, caía para o chão. Via-o tal e qual, com as mãos atrás das costas, a minha sogra nem queria acreditar, dizia "não pode ser!". "Esta rapariga está chanfrada, mas quem me dera vê-lo!!!!!!......!!!!!!......!!!!!!......"

Sentia-me mal, desmaiava, uns dias melhor, outros bem, noutros pior, malíssimo, recomeçava a tragédia. Foi quando a minha sogra faleceu. Quatro anos mais tarde. Depois da morte dela é que foi um medo...»



Entre Vilar Formoso e Hendaia entrara a máquina a carvão. Os compartimentos estavam de cortinas opacas, uma luz violeta suave no tecto servia de «isco» ao sono. Foi andar de cavalo para burro. A fornalha palitava as suas mandíbulas fluorescentes, a lua era um rebuçado de laranja possuído pelo fumo branco que se diluía no escuro através de uma transpiração sebácea. De vez em quando o comboio estacava no planalto, copas, paus...

— Assi es mejor para embaralhar!...

A luz acende-se. Uma manga entra.

— Ustedes son venidos de Lisboa?

— Que remédio...

— Passaportes...

Os espanhóis estavam todos combinados.

— Assi ustedes pueden dormir asta las ocho — eram três da madrugada.

O bulício amainou com os carimbos. O marido pensou em garatujar uma sorna. Enterrou-se no assento, fixou a luz, o azul pintava-lhe as brancas, o violeta ficava-se pelo cheiro dos cabazes. O *trac-trac tran-tran trás-trás* nos carris afixava a marginalização das rodas em relação ao aço polido, era um sobre-santo-salto, constante, rumo à madorna.

TRÁS! — de súbito o encontrão, o esticão, o brusco freio. 3.15.

— Es la maquina de Diesel que llega afinal...

O marido estava por tudo. Um *hermano* interpelou-o:

— Português?

— Sim.

— E Madalena... una grande mujer!... sus ojos... Iglésias... los ojos de Madalena!

De manhã, o café com leite soube-lhe a uma porca mistela. Os Pirenéus entravam-lhe pela boca dentro, enresinavam-lhe a saliva. Os abetos formavam uma visão deliciosa, mas o hálito conspurcava a cena. Andava zonzo de parede para parede. Paris só ao fim daquele dia nascido deformado. Gare de Austerlitz. Após deglutir como um javardo um almoço em *souplesse* já na carruagem francesa. Um táxi conduziu-o ao Hotel Adelphi. O banho, dois francos na ranhura da massagem que lhe sacudiu a cama, uma *mainte à l'eau* no *boulevard*, um alívio no espírito em pleno relaxamento dos músculos.



«Eram lutas que tinha comigo que nem sei o que fazia. Eram quatro e cinco homens a segurar-me, tinha uma força bruta, não podia ser eu. Uma energia pouco crível. O meu bem-estar era estar deitada e se me dissessem: "Olha, anda assim, anda assado, era um inferno." À hora da comida piorava. Comia a sopa sorvendo do prato. Metia a boca à loiça e chupava tudo. Sei dizer que me sentia mal da cabeça e sempre com ela fria. Cheguei a pôr panos de lã na tola. Sentia-me feliz de mãos dadas sobre a cabeça... a premir o bestunço... o crânio. Depois voltava aos disparates. Em minha casa moravam três rapazes em quartos alugados, eram eles os meus filhos, ainda hoje o são. Chegavam, olhavam, diziam: "A Dona não está bem..." "Ah, isso é que estou!" "Ah, isso é que não..." Às duas por três voavam tachos e panelas que fervia! Partia tudo, sem ter motivo, mas era louça, era tudo. Não podia ver ninguém.

Remediava alguns trabalhos de costura, mas certas clientes já protestavam: "Tu já viste esta saia, está toda torta..." Eu afligia-me, penitenciava-me: "Ai meu Deus como é que eu fiz isto? Sinto-me tão mal da minha cabeça." "Se te sentes mal, vai ao médico, não faças asneiras", elas. A cabeleireira que me arranjava coisas para coser nunca mais apareceu.

Sentia uma enorme pressão na cabeça, um mau estar geral, vontade

de desaparecer em lágrimas. Piorei a pontos de levar choques eléctricos. Roía ossos debaixo da mesa, um dos médicos achava que era só mania, mas o meu problema era de inchar a barriga, uma coisa disforme. O meu marido dizia que eu devia ter um bicho na barriga, de outro modo como se justificariam os intestinos à superfície? O médico chegava e a barriga desinchava, parecia que estavam combinados. E as dores, andava curvada. Era o gato e o rato, o médico vinha e eu ficava bem, nunca nenhum me viu. Ele dava a volta e aí estava a tragédia outra vez.»

●

Nunca me passou pela cabeça que a minha mulher pudesse ter qualquer espécie de poder magnético, como agora se diz. Eu bem via as pessoas chegarem todas torcidas e «apanhadas», pareciam carroçarias sinistradas, confessavam ganhar alívio, leveza, mas como os casos eram «esquisitos», como lhes hei-de chamar, e aquela «embrulhada» me maçava, julguei tratar-se de um caso de fraqueza, doença, disfarce. Era uma seita, tal qual os espanhóis do comboio, eram os portugueses da cave. Eu zangava-me, tinha as minhas discussões, fiquei fora de mim, anos sem conta. Em certas alturas, porém, reparei que a massagem me acalmava. Ela dizia que eu tinha de ser preparado, deu-me a escolher. A tensão dos nervos diluía-se. Até que um dia a minha mulher foi com uma senhora amiga a um centro espiritual, à Avenida Marquês de Tomar, davam-lhe o nome de Fraternidade da Rainha Isabel, para amenizar. Tratam lá desses casos de espíritos. Dos «mexilhões», como ela diz.

O aroma do café inebria-me, arrasta consigo o creme dos *croissants* empastando a madrugada titilada em minúsculos movimentos. Paris é um réptil, pela manhã, quando sobressai do feto da letargia. Falta no Grévin a impressão digital em cera do estímulo do café. Nas *boulangerie* de Montmartre, nas pétalas do Jardin de Chaillot, nos depósitos de *travestis* da Rue Santanne, o mesmo apego ao despertar, a cidade muda, regressa a *promenade* ao útero dos *bistro*. Os ciganos invadem o *Metrô*, o *trottoir* atende as mesmas pessoas piréticas. Em todas, a mesma sensação, ou idêntico cansaço, aquele que povoa as manchetes de domingo.

Na Rue Saint Denis esbravatei ao primeiro táxi. Andava fiado há quilómetros, contava-os na sola dos pés, de que o hotel poisara no enfiamento da perpendicular, logo na primeira transversal, debaixo de um arco, e logo perpendicular na seguinte, ou na segunda, na teia dos *boulevards*. Recapitule-se: os *faubourgs* assemelham-se aos anões das Escadinhas do Duque, ao Coliseu — são iguais entre si, só mudam de nome. Cité Bergère, Montmartre, o restaurante italiano à esquina, o quiosque do *L'Équipe*, os *stands* de tiro, tipo Parque Mayer, plantados no passeio, entre os malabaristas e os bongós, onde as senhoras de gala desferem ao alvo, disparam ao anis, ao *Cointreau*, ao *Napoleón*, antes de se precipitarem para *L'Opéra*, o Grand Café, os Campos Elísios, a Porte Dauphine.

●

No Centro «Dona Isabel» encontrei um senhor que me tratou, um homem extraordinário, na casa dos 50. Ele chegou ao pé de quem me acompanhava: «É capaz de me dar uma informação acerca desta senhora.» Onde ela morava, se é casada e outras coisas. Acrescentou: «Esta senhora precisa de ser tratada, mas não aqui no Centro, porque ela aqui estraga-se.» A minha amiga lá lhe contou o que se passava comigo, mais tarde falaram com o meu marido, ele não teve outro remédio: «Está bem, vamos lá, eu não acredito em nada dessas coisas...», pois não autorizava que o senhor fosse a casa tratar-me. Acedeu.

Depois do primeiro tratamento, no dia seguinte, eu trabalhava, fazia tudo. Ninguém queria acreditar. Tive uma boa reacção, ele vinha todos os dias, mais tarde dia sim, dia não, eu sempre a melhorar, durante quatro anos, até que um dia, já não era preciso, deixou de aparecer. Só com uma diferença, antes e depois: eu continuava a ver coisas pretas no corpo e na cara das pessoas. Eu punha as mãos nesses pontos escuros e a coisa negra desaparecia. O tratamento do senhor era simples, não me fazia nada, sentado ao pé de mim, pensativo, mantinha os olhos fechados e a mão pousada sobre a minha.

●

Depois do *mainte à l'eau* despenhei-me como um esfaimado na Rue Saint Denis, a das meias altas fluorescentes, como néon dourado e prateado.
— 150 francs, on y va?
— C'est bizarre, vous êtes à deux...
— Tu veux que je te suce?
— Pourquoi pas essayer un vibrateur, tiens? Si tu es fatigué...
— Qu'est-ce que tu fais?
— L'Amour.
— Viens, donc.

O marido estava baralhado, esquecera-se do nome do hotel, devia tê-lo escrito, trouxera dinheiro, mas o nome do hotel fora na enxurrada dos *fauburgs*. E, agora, aquelas *demoiselles* corroíam-lhe o esquema, o sentido de orientação, a brisa do Sena, se era que estava perto, queimava. Que fazer? Apanhar um táxi até à exaustão dos francos? E se lhe calhasse o mesmo compatriota da Urgeiriça a quem pedira um restaurante acessível e ele o conduzira a um *Chateaubriand* na Place Pigalle, a fim de «morder» a comissão do restaurante? E, a seguir, o *strip* das velhas gordas, o cu da preta espetado na sua cara como um bacamarte!... Emigrante ganancioso! Chauvinista regenerado! Bem o tinham avisado em Lisboa: «Se ouvires falar português, faz de conta que és de outra terra...»

O motorista português do táxi ainda tivera o desplante de lhe aconselhar o Bois de Boulogne e ver as ninfomaníacas que *font la pipe* por 40 francos, a Place Maréchal Lattre de Tassigny, fronteiriço ao Pavillon Dauphine, para examinar os «homo» e os casais das trocas e baldrocas. O parque de estacionamento estava repleto e nos bólides, de janela para janela, trocavam-se sinais.
— Bonsoir, qu'est-ce-que vous cherchez?
Ele não tinha resposta, nem vocabulário, muito menos à vontade. O Amor em grupo, só a ideia, cortava-lhe a respiração.

Os lagos, o bosque, os abetos. Na paisagem romântica, o apetecimento à troca de carne. Um Monsanto mais evoluído. Por isso, as viaturas da *gendarmerie* rodopiavam como abelhas de bivaque, identificavam os suspeitos. Os *gangs* concentravam-se ali à espreita dos «parolos» e outros bem-intencionados.

Dali rumou, a pé, pela Route de Longchamps, le Bout des Lacs, subindo à extremidade da Avenue Foch conducente à Place de L'Étoile. Deu volta ao Mundo, mas sentia-se a salvo no gasganete dos Elísios, faltava regressar ao... qual?... ???......!!!! hotel?

— Ad

— Ael Adel Adelph

— Adol adolfo...

— ADELFI! Porra, era isso mesmo...



Esta coisa de as pessoas morrerem e, depois, voltarem para fazer Bem ou Mal, na Terra, através dos corpos dos outros, deu-me sempre que pensar. Esta coisa da Luz e do calor, dos Guias e dos espíritos que necessitam de ser «tocados» e intervêm na vida da gente, para lhes modificar o seu curso, perturba-me. Esta coisa de haver pessoas mais ou menos receptivas, de haver duas numa única, também. Os espíritos acorrem ao tratamento, se o calor os faz sentir bem. Caso contrário, provocam o Mal, porque se sentem incomodados, indigentes. Sou um filho único, atordoa-me esta história de tantos «irmãos», com as heranças, lá na província, vai ser um «sarrabulho»...

Tenho conhecido alguns médicos que se limitam a enunciar, caninamente, os nomes dos músculos e dos órgãos, dizem que é isto e aquilo, só conhecem por fora, não vêem o que se passa, porque é uma matéria espiritual. Não consta dos livros, das análises, das radiografias, dos simpósios. Por isso não encontram outras soluções senão encharcar os doentes de drogas, esgatanham-nos nas operações, põem-nos a dormir, aliviam-nos momentaneamente. A sua Ciência é limitada.

A minha mulher sofreu muito antes de estar apta a tratar.

●

«Ainda há pouco estava completamente torta e, vês, agora, estou normal. Quer isso dizer que o Santo Guia esteve aqui, quando é preciso, ele comparece, para me ajudar a mim e ao paciente. De início, não sabia quem era. Tinha tanto medo que subia as escadas do prédio e refugiava-me em casa de uma vizinha. Apavorava-me estar sozinha em casa e, até, dormia na cama dela. Eu sabia que estava sozinha, mas via muitas caras bonitas, com a porta encostada. Por vezes, levantava-me às 6 da manhã e do canto da minha sala vinha um maravilhoso cheiro a rosas e não havia flores nenhumas. Só a comida no chão das minhas tonteiras. Eu cheirava o perfume, soube que era a Rainha Santa Isabel, nunca ela se mostrou. O medo não me largava. Ia para a cozinha aprontar sopas no leite e girava em círculos, com uma faca na mão. Estava pronta para o que desse e viesse, mas a que custo...»

A mulher afogava-se na contemplação da visão que decidira a sua vida. «Eu andava de mãos atrás das costas, em redor do quarto, ou do resto da casa, e via, via sempre aquela pessoa agarrada a um cajado, de joelhos, todo curvadinho, era novo e maltratado, usava barbas na sua figura real. A minha amiga, aquela que me acompanhou ao Centro, não conseguia vê-lo, embora ele tivesse falado, através de mim, costumava dizer: "Este deve ser um *irmãozinho* muito bom..." E ele respondia-lhe: "Toda a gente me conhece menos os analfabetos." Era comigo. Pouco a pouco cheguei a decifrar a sua identidade. Por vezes encontro a figura do homem com o cajado envolta em trajes ricos ou envolto em capas, armaduras, roupagens com folhos e franzidos.

O Santo Guia (D. Fernando) costumava falar mais do que faz agora, porque sabia, sabíamos, que muita gente ainda gozava com o facto, depois de se sentir servida e aliviada! Sendo assim, caluda...»

●

Arribado ao hotel, o marido da *medium* ajustou a roupa para a demanda do dia seguinte. Aquela viagem a Paris proporcionara-lhe, a ele modesto empregado numa empresa de gelados à Rinchoa, um novelo

de experiências de alta intensidade. Como podia um assalariado, pouco mais do que mínimo, alcandorar-se a semelhantes voos internacionais, não fora a luminosa iniciativa de uma cliente de sua mulher, sequiosa de procurar por terras da imigração um homem de poderes «sobrenaturais» para salvar uma vida?

Alojamento arranjado, bilhete no bolso e ei-lo à garupa de um trem, em Santa Apolónia, embebido de uma missão — descobrir o Exorcista, vasculhar *mediuns*, sarabandear caminhos e fronteiras, invocar as forças mais magnéticas! O livro de *traveler's* era o seu melhor amigo.

O primeiro contacto, o famigerado Exorcista, residia perto de Paris, em Versalhes, com certeza não seria no Palácio, urgia tomar um novo comboio.

CAPÍTULO 4

A intimidade do Exorcista

ACCÉDANT qui ordinandi sunt ad officium Exorcistorum (aproximem-se os que devem ser ordenados para o ofício de Exorcista)

O *Missal Quotidiano e Vesperal* assinado por Dom Gaspar Lefebvre, beneditino da abadia de S. André (Bruges, Bélgica), ano de 1957, incluía a transcrição latina em toda a sua majestade gramática, a que lhe não é alheia aquela pompa dramática inerente à celebração de autos misteriosos e cénicos, através dos quais a Igreja rubricou desempenhos de autoridade, convicção e até intimidação.

Para quem transportava nos bolsos um rascunho de caligrafias sabe Deus nascidas onde, precisamente naquela fronteira entre a realidade e o sobrenatural, na risca do religioso que pisa as margens da crença popularmente enraizada, herdadas da pregação e da mezinha, no ponto exacto quem a busca da fé acicata o cânone, eu, marido, pecador me confesso, compareci à procura do Exorcista sem confiança ou apoio.

E a tarefa mostrou-se espinhosa, despida das recomendações que me haviam sido confiadas à partida em Lisboa. Quer dizer, nada bateu certo entre as cartas de recomendação, as páginas manuscritas da identidade do Exorcista e aquilo que se me revelou.

— Vous cherchez qui, monsieur? Vous êtes fou... on vous racconseille l'hôpital ou le cinéma le plus prôche, un bom filme pour distraire le sistème nerveux, il y a des filles dans cette maison-là qui peuvent vous

aider! Vous êtes fou, c'est la première fois qu'on vous le disent? Vous êtes, quoi, espanhol, algérien, portugais?... Fiche le camp!!!!

Foi um azar dos demónios interrogar um passante das cercanias de Versalhes onde residia o homem... Deviam julgar-me um turista extravagante, masbarato, percorrendo as ruas, sem dominar o idioma, nem conhecer as pessoas, agarrado a um bloco de notas com um endereço errante de um tal...

> «O notário faz a chamada e os ordinandos aproximam-se de vela na mão (ajoelham-se) e o bispo dirige-lhes a seguinte admoestação: Filhos caríssimos que ides ser ordenados para o ofício de Exorcistas, deveis saber o que recebeis. De facto, incumbe ao Exorcista expulsar os demónios e dizer aos que não comungam que se retirem e apresentar a água aos ministros sagrados. E depois receber o poder de impor as mãos sobre os energúmenos e pela imposição das vossas mãos, por graça do Espírito Santo e pelas palavras do Exorcismo, os espíritos imundos serão expulsos dos corpos possessos. Esforçai-vos, portanto, assim como expulsais os demónios dos corpos dos outros, assim expulsais do vosso espírito e do vosso corpo toda a imundície e toda a malícia; para que não suceda que sucumbeis àqueles que por vosso Ministério lançais fora dos outros. Aprendei pelo vosso ofício a dominar os vícios de tal maneira que o inimigo nada tenha a reivindicar para si dos vossos costumes, porquanto só exercereis um verdadeiro império sobre os demónios dos outros depois de terdes vencido a sua multiforme maldade em Vós...»

O marido da *medium* estava baralhado. Os vícios dele? Não fumava, não dançava, não bebia, não ia a um cinema, nem ao teatro, passeava

ao domingo quando os doentes esqueciam — milagre! — a porta da mulher. Para além do mais, outros vícios não tinha, que eram vícios? Levantar às seis, apanhar no apeadeiro o comboio, trabalhar como um rafeiro, regressar ao fim da tarde, não cheirar outra mulher, isso é que não, o feitio não dava para isso. Em Paris, agora, fora a primeira vez, sempre é uma novidade, estava bem, agora no tempo normal, absolutamente nada. Era um homem pacato, um *moiro* na costa portuguesa, enfeitiçado e esmifrado pelo dia-a-dia.

Os empedrados conduziam magotes aos jardins geométricos de Versalhes, o lago real, as fontes, as estatuetas, o rigoroso traçado racional aplicado ao verde ali estavam. E o pessoal corria aos *slides*, aos filmes, aos *hamburgers*, o comércio não parava, a assinatura (derradeira) de Napoleão renunciando ao trono de França antes da partida para a ilha do exílio em Santa Helena (1815) constituía um chamariz documental, a aliar-se ao traçado das sebes e jardinados.

O marido buscava um compatriota. Depois descalçaria a «bota». Um vendedor de gelados, italiano, cobrou-lhe 10 000 liras pela informação. Havia portugueses ao fundo da avenida, num café onde um quiosque com jornais desportivos congregava os imigrados.

— Gelato? Subito, señor... Prego, gracia — mais 500 liras pela baunilha, pelo chapéu-de-sol.

O resto dispensa a história. O Exorcista vendia tabaco no quiosque, calçava chinelos, porque estava em férias, era domingo, levantara-se mais tarde para ajudar os sócios que trabalhavam 364 dias e ele o 365.º, residente habitual numa Avenida Nova de Lisboa e uma vez por ano presente em Versalhes, não para o Museu, o Palácio, o Jardim, mas para o fecho das contas. Era ele quem, na capital portuguesa, movia os «cordelinhos» para que jornais e revistas pudessem arribar à Cidade-Luz no próprio dia da sua edição original. Era um homem influente na distribuição, antigo publicista, vendedor de automóveis, talhante, nadador-salvador, que, também, experimentara a locução na Rádio, o comércio de lençóis ao ar livre, os brinquedos em tempo de Verão, à porta das praias. Um desenrascado. Como os franceses diriam, um *passe-partout*. A seguir, começara a ler: «Eu nunca recebi ordens de bispo nenhum,

como se compreende, aos oito anos de idade comecei a praticar Exorcismo sem querer...» Montou banca, as pessoas não se queixam.

— Como passou?

Nunca descalçou os chinelos. Três homens acompanham-no: um desenhador, um bate-chapas e o Emílio, de singulares padecimentos.

O ROSTO ESBRANQUIÇA-SE, ADQUIRE UM RICTO

Revejo a tela de Goya pintada em 1778: «Francisco de Borja assistindo a um moribundo.» Na liteira, agonizando, um vulto esquálido e macilento, de um velho em busca da morte. Em frente, um vulto missionário ergue um crucifixo e a imagem de Cristo pregado na cruz, de cuja mão direita sobressaem radiações de matiz vermelho. Ao lado do moribundo, figuras demoníacas sorriem, numa esperança confiante pelo último suspiro.

Diante de mim, o Exorcista cerra os olhos, concentra-se. Ele pousa a mão na cabeça do homem (paciente) que relata episódios de apatia, crónicas de desconexão, augúrios de irascibilidade e desconcentração. A voz murmura em surdina (invoca!, afasta!), as palavras sucedem-se. As mãos adquirem uma nova dimensão. O polegar verga como se estivera a premir o gatilho de uma arma ausente, o indicador une-se ao médio para uma projecção vigorosa em frente, o anelar e o mínimo retraem-se. Ao canto da sala, onde o *affaire* espiritual se desenvolve, uma cruz, uma gravura serena de Jesus.

O Exorcista comenta acerca da possessão diabólica:

«As pessoas revelam quase os mesmos sintomas da epilepsia. Quer dizer, caem no chão, estrebucham, deitam espuma pela boca, enveredam, amiúde, pela violência. Muitos pretendem atingir o Exorcista, desancá-lo. Ao colocar as mãos na cabeça desses pacientes, surge uma reacção — tentam matar-me. Já não é a primeira vez que me lançam as mãos ao pescoço...»

A cara transforma-se, adquire um esgar estranho, difícil de definir — há quem o apelide de «diabólico» —, as mãos enclavinham-se, mas

perdem a força, quando se aproximam, homicidas, do Exorcista. As mãos do cliente caem ao longo do corpo. A partir de então, o Exorcista pronuncia coisas-código, envereda por passes manuais. «São os sintomas principais de uma possessão diabólica.»

Senão, se for o caso de uma obsessão, de uma entidade espiritual presente no indivíduo que comparece à consulta, o caso muda de figura. A pessoa pode iniciar um longo choro, esbater-se em tremuras. Pode perder as forças e não ter vontade de fazer coisa nenhuma. Pode manifestar aquilo a que se chama de «espírito de contradição», sempre contradizendo os outros. O rosto modifica-se também, a voz altera-se. As reacções não são o que se chame «normais».

«Por isso lhe afirmo que uma grande percentagem de indivíduos internados em hospitais (em Portugal) não são doentes mentais propriamente ditos. Sofrem é de males espirituais. Sem distinção de sexo, idade, condição social, casta, crença, qualquer ser (homem, mulher ou criança) está sujeito a estádios de possessão... só que nem tudo pertence a essa esfera. Aparecem, lógico, os problemas estritamente clínicos (epilepsias, por exemplo).»

As mãos pousam, de novo, no alto da cabeça do homem. Tremem, trata-se de um indício. Aumenta a intensidade da tremura e o Exorcista, carregado de magnetismo, arremessa a mão noutro sentido. Como que descarrega a carga em gesto similar de quem sacode a água de um punho molhado sem toalha ao pé para se servir. Fá-lo repetidas vezes, o rosto esbranquiça-se, adquire um ricto, os olhos são o símbolo da clausura.

OS NERVOS EM FRANJA

Ex: o desenhador não se chama Madalena, mas chora como ela. A sua vida é o isolamento: não sai, não convive. Uma psicóloga começou por alertar a sua família para certas reacções no comportamento. Passaram a vigiá-lo. Tem alturas em que muda de feições, leva as mãos à cabeça como se quisesse apanhar uma mosca no cérebro, fraqueja das pernas, arroja os pés, fica chumbo. Quente como um linotipo.

Por vezes há apenas tempo de pegar nele ao colo e de o transportar até à cama. Os membros engelham como um molusco ao Sol. A família não perde pitada da conduta do desenhador, senhor na Casa dos Trinta e de «certa cultura», por esse motivo não acatando determinadas coisas (a história dos espíritos!). Um ano de doença «incógnita» e as melhoras estão por chegar enquanto nóveis crises o assaltam. Ele optou pelo suicídio.

Recuperado *in extremis* é, hoje, um caso de «enfermidade espiritual». Vai desenhando sob a vigilância do Exorcista. Pretendem «fechar-lhe o cofre» (sem tal, dizem, não terá alívio), imunizá-lo da angústia mediante a pranoterapia (cura pela imposição das mãos). Ninguém sabe se vai dar resultado e se tentam é porque (quem perde?) temem a porta do «fundo»...

O BATE-CHAPAS DA SONOLÊNCIA

Ex: o caso de um operário das oficinas de uma empresa automobilística que em vez de pactuar com o sono, após ingerir certa dose de tranquilizantes, «adormece ele próprio os medicamentos». O médico deu a definição. Ele surge assim como o «destranquilizador» da Medicina, é o bate-chapas da sonolência que empreende a mutação das células sob a acção dos agentes químicos. Impermeabilizado ao choque das «galáxias» do torpor, ele confessa, sente «algo de sobrenatural que não é só perturbação nervosa». O médico já foi «à vida». O operário é um daqueles doentes a quem a psiquiatria não «resolve». A família recusa-se, porém, a acreditar que o suicídio seja um sintoma hereditário.

«O meu marido não é louco, consegue manter uma conversa.» Mas, convenhamos, cinco casos consumados de suicídio «na família de meu marido e sempre por causa dos nervos» dão que pensar.

Mais médicos consultados, mais médicos que não se entendem. O homem esteve cinco meses internado em Odivelas, fez duas «visitas» ao Júlio de Matos, assinou um internamento no Hospital Miguel Bombarda, recebeu uma terapêutica antichoque, via insulina. Este *curriculum*

valeu-lhe a reforma aos 48, para logo de seguida mergulhar no Centro de Recuperação de Odivelas. Agora, teve alta (a pedido). «O meu marido só fala em suicídio.»

Tem acessos nervosos, agarra-se à cama, não quer ver ninguém, nem falar. A mulher do operário consegue dominá-lo no auge do descontrolo. Conta, sem orgulho: «Sou, aliás, a única pessoa.»

O PADECIMENTO DE EMÍLIO

Ex: armam-se de cutelos os micróbios que Emílio sente em si. Em cada célula intestinal um chuço azedo, farpeado, como se para furar o peito de um vampiro. O que ele sente no estômago: floretes no fígado, um esquadrão de golpes e retalhos, a carga ligeira das armas brancas sitiando-lhe as mucosas. Os bicos calcinados pelos ácidos da digestão dos estilhaços que alguém amassou no seu comer. Por isso, Emílio se diz envenenado, se julga assassinado. Lenta, lentamente, a barriga começou a inchar ao ex-cortador da Moita e de tal forma, na sua monstruosa dilatação, que hoje atinge a desfigurada formalidade de um esférico satélite assolapado à cintura. Uma bolsa marsupial infectada pelo aço inoxidável. Agora desempregado, ele conta, sem orgulho, das lâminas de magarefe que conserva em casa em testemunho de 23 anos de profissão e 17 de gradual padecimento.

Foram as falhas do corte da faca (a desmedida lâmina que tão bem serviu para descarnar o acém, a cartilagínea coesão das costoletas) e minúsculos cristais de vidro, que, ardilosamente, infiltrados no arroz, na batata, no feijão da sopa, lhe feriram as entranhas. Rasgaram-lhe novos afluentes de sangue no lago gástrico. Ele assim narra o desgosto conjugal, a incompatibilidade familiar. A esposa porta-se mal, *«vários têm abusado dela, porque ela deixa, claro...»*

O filho, diz, diz que um dia *«me há-de matar»*. O rapaz tem 17 anos, tem a idade do seu desgosto. O filho, diz, deve ser de seu irmão, pelo menos *«é tão parecido»*, *«é tão bem-parecido»*, pergunto-lhe se são apenas suspeitas, se detém provas. Emílio sabe dos cem contos que já dispen-

deu em farmácia, é visível o seu destrambelhamento nervoso, por vezes entaramela a conversa num laivo de paranóia e perseguição: *«Foram eles, eles os dois, mãe e filho, que me puseram assim.» «São eles que continuam a deitar os laivos das lâminas na minha comida para dar cabo de mim.» «São só suspeitas, mas são só suspeitas fortes, quem iria às minhas facas entreter-se a cortar-lhes o fiozinho dos gumes?...» «Fui um sem-sorte, estou perdido.»*

Emílio quedou-se atarantado quando lhe perguntei se já tirara uma chapa, pois os raios X decerto acusariam o metal do *«crime»*? Emudeceu por completo ao sugerir-lhe ser o seu caso de polícia. Ele é um homem espiritualmente confundido e amarrotado. Do conflito das emoções sobrou a perene inquietação, o desfasamento com o que o rodeia, o aluvião da mente no temor dos destroços que pressente, afiados, na singularidade de uma doença.

NA ENFERMARIA DOS EPILÉPTICOS

O Exorcista abandona os exemplos. Conta um pouco de si: «Estive seis meses a estagiar numa enfermaria de epilépticos, em Inglaterra, após ter tomado contacto com outros estilos de enfermidade: esquizofrenia, paranóia, etc.»

Os Exorcistas Estão entre Nós — é o título de um livro, de Georges Vergnes (ed. Robert Laffont, 1978), que lança luz sobre um mundo que é o nosso, mas que, consciente ou inconscientemente, pretendemos ignorar. Estão entre nós «bem presentes, bem reais, secretos e silenciosos, activos e eficazes». Perguntei ao homem diante de mim, munido de água benta, crucifixo, cânfora pelos cantos da sala e palavras «mágicas»: «Porquê tantos problemas em Portugal?»

A resposta veio como a luz do tecto: «Neste momento, no nosso país, existem "forças negras" actuando com maior poder. Verifica-se, por isso, um incremento de casos de pessoas sujeitas a possessão. O Norte, por exemplo, está repleto de problemas espirituais, sendo difícil articular uma explicação para essa zona. No entanto, para o conjunto-país

— é como uma bola de neve. Respira-se um clima de ódio e violência. As pessoas desconfiam de tudo e de todos. Entretanto, as "forças negras" actuam através da perversão, luxúria e droga. A droga aumenta em Portugal e todo o viciado fica sujeito a influências espirituais negativas.»

A cena finda como principiou: as mãos do paciente mantêm-se caídas ao longo do corpo. «O curador espiritual» coloca a mão no peito do consulente, depois coloca os dedos debaixo dos daquele, como se ambos arrancassem para uma partida de «sardinha».

CAPÍTULO 5

A bruxa embaralha o prédio

O emissário do senhorio à cave da *medium* onde o alarido do sobrenatural brota como petróleo emitiu um relatório que pecou por falta de concisão e objectividade, muito embora reflicta no seu estilo próprio a atmosfera de tumulto espiritual que ali se deve observar. Muito cismo, Sr. Caboz, muito sinto no *élan* de quem sabe do paradeiro da mulher esotérica que guincha e relincha. O local é arborizado, integra uma zona ex-verde, sendo hoje azul, dado que na proximidade ergue-se já a nova sede de uma agremiação desportiva, em cuja pratico ginástica, a minha mulher ioga e ambos sauna, massagem de *relax*. O terreno vendido por lotes, à sucapa, diga-se, foi arrematado sem outra oferta pelos fundadores do clube então munícipes eleitos por um partido que não chega a encher a bancada central nos ditos jogos grandes.
Perdão: a moléstia é a horda húnica que empesta-infesta a residência de que Vossa Senhoria é digno proprietário, apesar de afastado além--Atlântico por competências que a mim não dizem respeito. Sobressaltado pelo alarme de movimentações populares no imóvel, passo a relatar o que de mais se me oferece

como um coiote das pradarias (na tal zona urbanizada, entenda-se) a mulher como que encosta o ouvido a Olivais Sul, patamar e meio acima, friso e meio, não porque lhe hajam furtado o restante, ou sequer abatido nas longas chuvadas de que Vossa Senhoria estará informado através dos jornais por mim enviados oportunamente, mas porque uma terraplenagem de precaução solicitada pelo inquilinato reforçou em segurança as caixas de cimento

escrevo como quem encosta o ouvido porque é o que corre, eu nunca vi, não ponho a mão no lume, nem me aproximo, a não ser Vossa Senhoria mande o contrário

depois, astuta como um mocho que já não é criança, criança-mocho, pois, ela reconhece quem pia e quem fia, quem ameiga e endurece, quem zarpa e abalroa, quem desanda à vida e à toa, a *medium* é a garimpeira sem esplendor, mas com respeito, Sr. Caboz, que fareja quem se ergue e desperta, move e afunda, causticado pelas incomodações

quer dizer: pelas mãos pressente os passos, conhece quem vem — acerta sempre!, ainda bem que não há prémios —, com os dedos grossos como caules prime as regiões dolorosas

a excepção é o bravo porteiro que não evidencia igual parcimónia, não apara a inquietação gizada em torno da mulher, simultaneamente rude e boçal,

ela, a massagista, ele a figura latina de flibusteiro e emigrantado e, bem bebido, à pátria retornado, electrólito de ditos e mexericos, que ameaça: *Qualquer dia levam todos uma porrada que ficam como a letra romana!* E então quando a turbamulta das peles e dos cabazes avassala o *hall* acabado de encerar e emporcalha os mármores, escarra na espelharia, surripia as lâmpadas, mija nos vasos (deveria ter redigido «micta», mas nem sempre urina quem vai a tempo!), pragueja ao intercomunicador, então quando as anchovas e o atum de lata, as migalhas do pão e a mancha da transpiração toldam carpetes, flores, as gavetas da posta-restante, o elevador (santo mártir!)

são as almas do outro mundo em azeite, os soquetes envinagrados, o chulé liofilizado,

e os pregos, as naifas, os canivetes aniquilando o *maple*, a napa e o veludo dos reposteiros,

o porteiro urra como uma espécie em extinção:

Qualquer dia é uma porra!...

Os gritos não serão o melhor cartão de visita para os condóminos, os fornecedores, os ambulantes, o descrédito baptiza aquela escada mesmo sem a água benta, até porque, veja o Sr. Caboz, o senhor engenheiro do

3.º D descobriu truculentas fraldas junto à minuta do projecto de Sines no interior da caixa do correio, mas o ambiente está calmo
existe ainda a terceira coluna dos inquilinos que ingerem balúrdios de tranquilizantes, relaxantes, estimulantes, sedativos, laxativos e mais a augusta legião, perdoe o tom heróico, dos moradores e acompanhantes, não é que o prédio seja uma casa de passe, que não sabem fornicar com as vozes, os ecos, os trincos, os gritos, os rictos, um dos mais ilustrados frequentadores da *medium* já uma vez comparou esta escada a uma cena de ensaio para uma fita de Andy Wahrol, conhece Vossa Senhoria o esquema, se bem que com uma pontinha de malícia?

É ele, porteiro, Pinto de nome, agora me lembro, frango de corpo, galo de cobertura, qual ave de guarda instigada pelo seu carácter e pelas reclamações, qual desconexo legionário das Gálias, que ferve em suores, o Sr. Caboz dispõe aqui de uma bela estampa de pagão!
Perante a fervura do prédio, estas coisas notam-se com o cair da tarde, a mulher nada diz, mantém-se um enigma.

Foi assim que movido pela instigação privilegiada de Vossa Senhoria, na qual me apoia a desconchavada alcateia da vizinhança, e ainda pela subida de maledicência mesmo entre aquele sector tido por «abstencionista» nas nossas reuniões mensais (eu bem sei quem vota com químico nos escrutínios por escrito, nota-se tão bem vinte votos com um original e dezanove cópias em azul cada vez mais desvanecido), só não descobri ainda o mentor da rebelião, se a *medium*, se o porteiro, se o de Sines (tem levado tanta porrada nos jornais), se alguém infiltrado...
portanto, à la fé de quem sou, Aníbal Sal-Moura, detentor de uma conserveira de Secos e Molhados, não venha, também, Vossa Senhoria agora perguntar quais são uns e outros, não me faça rir... de simpatia, da elevada dose que nutro pelo Sr. Caboz, mas pressinto haver neste prédio osso de farta roedura. Muito «grão-de-bico» frequenta as sessõezinhas dos espíritos e confio, na esperança de que nenhum me ouça, ou, sequer me conheça, por instruções de V. que desmascarem, inequivocamente fenómenos de tão abrupta solenidade.

Seu, ao dispor,

Aníbal Sal-Moura

CAPÍTULO 6

Uma moeda de ouro para pagar ao barqueiro a viagem após a morte

Aos 15 de Novembro de 1972, na sequência de uma alocução subordinada ao título *Livrai-nos do Mal*, Paulo VI iniciaria assim o seu discurso: «Quais são, hoje, as necessidades maiores da Igreja? Não vos surpreendais, por simplista, ou supersticiosa e irreal, a nossa resposta: uma das maiores necessidades é a defesa desse mal a que chamamos de Demónio.»

Mais adiante: «O tema do Demónio e a sua influência, a que pode exercer em pessoas particulares, ou em comunidades, ou em toda a sua sociedade, ou sobre os acontecimentos, seria um dos temas mais importantes que a doutrina católica havia de voltar a pôr em discussão e, não obstante, hoje apenas se fala disso.»

Muita gente *caiu de costas* ao ouvir-pensar-supor que, até, um papa acreditava no diabo. Só que a surpresa derivava toda ela — de acordo com a escrita de Corrado Balducci, *La posesion diabólica*, col. La Otra Ciencia — do silêncio com que se pensou poder sepultar Satanás, atitude que melhor favorecia a sua estratégia, que é sempre a da ocultação.

O marido da *medium* empreendeu uma longa conversação com o homem de chinelos à sua frente:

— Senhor Exorcista, faça-me o obséquio de explicar: então, o Demónio existe?

— Sim, mas não na concepção que as pessoas têm dele. Respeito Buda, Confúcio, Maomé e Cristo, este último o meu guia espiritual. A todos considero filhos de Deus e cada um tem a sua missão muito específica junto dos respectivos povos. Já fui católico e agora abraço todas as religiões do Mundo, desde o momento que respeitem a Deus e saibam cumprir as suas divinas determinações. Já pratiquei centenas de exorcismos, sendo cada caso sempre diferente dos outros. Com efeito existem muitos tipos de entidades espirituais.

— Que é, portanto, o diabo?

— O diabo é uma força de energia e note que eu não olho para ele como um ser muito feio, chavelhudo, com cauda e patas de bode... Acho que ele até tem uma apresentação bonita. O «Príncipe da Luz» desafiou o poder de Deus, porque queria ser Deus. Vejamos: Deus criou e sabia o que estava a fazer. Tinha de o criar para aparecer o Mal e no Mal mostrar o Bem. O Mal também tem a sua virtude, visto que se fosse tudo muito bonito, muito bonzinho, não haveria evolução, iríamos estagnar todos. Disto resulta o tal equilíbrio, muito embora no Cosmo não vigore equilíbrio nenhum, entenda-se. O Cosmo está constantemente em revolução e evolução.

— O Inferno resume-se, afinal, a quê: um facto, uma ficção, um símbolo?

— Desde há muito que não aceito o Inferno tal como no-lo descrevem e cheguei a afirmá-lo a um padre. «Isso até nem é assim.» O senhor pergunta-me: *O Inferno existe?* E eu tenho de lhe responder: «Há mais qualquer coisa do que esse lugar inventado, mas não será, decerto, o Inferno-munido-de-chamas e escamas de que nos fala a tradição. Pois esse não existe. Esse teve de ser dado como imagem simbólica para que o povo compreendesse e tivesse um certo receio. Não se metesse, portanto, a fazer coisas que não devia.»

O Céu é: lograr pegar no sono sem suporíferos
diametralizar Lisboa quando chove na «hora de ponta» sem ouvir uma buzina, um impropério, uma descortesia
O Céu seria: menos sangue, violência, fome, ruína, dor na «cabidela» do noticiário do quotidiano
O Céu será: vedar a vida alta ou torcer o pescoço à «girafa» dos custos, sem badalar a sineta e contribuir, ainda, para o empréstimo-elefante, o desconto-mamute, a inflação-faisão
Daí que: tantos digam que o Céu é um mito, uma «infiltração» cortisonada a social, a humano, a evangélico impossível.
E em antítese: o Inferno como que é não dispor de educação, de casa, de emprego, de água, de luz, de paparico, de linguagem.
Ou: são os oito «sanitários» meses à espera de uma vaga para a radiografia na Caixa da Esquina.
E: o lugar-comum de quem acredita na ideia de que se nasce já evadido, cadastrado.
Se: o Inferno somos nós, assiste-se, então, a uma dialéctica de sermos, simultaneamente, algozes e mártires desse Mundo terno e animalesco dentro e à nossa volta.
Finalmente, o genérico: na ambiguidade e ambivalência dos factos, estados, sentidos, situações, condicionalismos, vivências se acha o fiel impreciso subjectivo do que se objectiva, a cada instante, de «celestial» e «infernal».

A conversa convergiu para «campos espirituais», «zonas psíquicas», «forças cósmicas», «Bem e Mal», planeta electromagnético, este. E porque as «andanças do demónio» pisam, sofregamente, a fluorescência ou palidez destes dias; incredulizam e/ou fanatizam «ímpios», «pecadores», «inocentes» e «infiéis», atormentam «santos», homens, velhos, mulheres e crianças desde há séculos sem conta, o marido da *medium*, esmagado com a troca de impressões, ainda sentiu coragem para um novo *round*:
— Nessa ordem de ideias, o Céu existe?
— Tal como o pintam, não, embora exista. O que existe é uma evolução

do ser humano, do espírito após a morte. O espírito vem cá «abaixo» tantas vezes quantas as necessárias, a fim de reencarnar e lograr, assim, evoluir. Após concluir a evolução, torna-se um espírito puro e não volta mais.

Para uma definição mais concreta de Inferno:

— O Inferno existe da seguinte forma: quando o espírito desencarna, acontece que ele se vê rodeado de trevas, não distingue luz alguma, pressente os seus membros (embora não os veja), sente as mesmas dores físicas e angústias psíquicas (inerentes ao seu ex-corpo mortal), apresenta os mesmos desejos e volições, precisamente as mesmas sensações. Só que, ao pretender deslocar-se, em vez de andar, como que voa... arrastado por uma força que ele desconhece. Fala com as pessoas que encontra (amigos, familiares, conhecidos e outros), mas — para grande espanto seu! — as pessoas não lhe respondem. E não respondem, porque não o ouvem, exceptuando, como é lógico, *mediuns* auditivos. Então, o espírito aproxima-se de determinada pessoa a quem se agarra, como se fosse uma «tábua de salvação» e é aí que se vai dar o que, em Ciências Ocultas, se designa por «encosto». Transmite a essa pessoa os sentimentos que nesse instante lhe afluem: raiva, ódio, medo, nervos. Se ele é um indivíduo que não crê em Deus ou não se comportou na Terra com aquele sentido de amor ao próximo, tão pregado por Jesus Cristo, esse ser (o espírito) vai permanecer na aludida escuridão, durante tempos que podem mediar entre um dia e centenas de anos. Somente um dia, quando se arrepende de todos os erros cometidos na Terra e pede sincero perdão, é que esse ser tem possibilidades de começar a evoluir, principiando por enxergar uma luz. Essa luz permitir-lhe-á, a pouco e pouco, comunicar com espíritos mais elevados, os quais lhe ensinarão aquilo que deve fazer para evoluir. E, assim, ele sai desse «inferno» para entrar num período de transição — correspondente ao Purgatório — onde através das «missões» que lhe são confiadas ele vai evoluindo a caminho da luz e do conhecimento. Aí dá-se o caso de ele poder voltar a reincarnar, a fim de se redimir das faltas antes praticadas.

O EPISÓDIO DO EX-SOLDADO DE PETRA (HÁ 2200 ANOS) HOJE UM SEPTUAGENÁRIO BRITÂNICO

O marido da *medium* fazia bolinhas de cuspo na boca. Para si próprio: «Ele lá conversa tem, agora sabe-se lá se aquilo é tudo verdade.»

Entretanto, o outro puxava da manga um exemplo significativo: «Ainda há pouco tempo veio nos jornais uma notícia elucidativa (agarrou num recorte e passou a ler):

> Ao visitar a antiga cidade de Petra, na Jordânia, um septuagenário britânico afirmou que fora morto naquela urbe, há 2200 anos, com um golpe de lança. Arthur Flowardow, de 73 anos, antigo capitão do Exército do seu país, chegou há dias à Jordânia, integrado numa equipa da TV inglesa, a fim de participar num filme em que contará como conhece a cidade de Petra há mais de 2000 anos.
>
> Em entrevista ao jornal jordano *Al Detour*, o ex-capitão acrescenta que comandava, então, a guarda de Petra, «cidade habitada por cerca de 400 pessoas, cujos traços fisionómicos eram semelhantes aos dos árabes da actualidade». Embora não se recorde de tudo, o antigo capitão tem a «certeza» de que foi morto, em Petra, por um soldado, afirmando que desde os seus 12 anos de idade «via» Petra em sonhos sem nunca a ter visitado.
>
> O tesouro de Petra, «um antigo templo onde fazia as minhas devoções, também me aparecia em sonhos», afirmou, constituindo a *sensação do já visto* (*déjà vu*) uma das matérias em estudo pela psicologia moderna.

FREUD E O DÉJÀ VU

A propósito da história do *soldado de Petra*, não resisti, eu, jornalista, com quem o marido da *medium* mais tarde se encontraria, a fim de narrar a sua odisseia, à tentação de transcrever um passo do livro de Cristian Moreau, *Freud e o Ocultismo*, em que o Autor aborda, precisamente, o fenómeno do *Déjà Vu*, aquela «sensação bizarra que faz com que no momento de viver uma situação ou um acontecimento, se é invadido pela impressão estranha de já se ter vivido isso, uma vez exactamente da mesma maneira, sem poder, no entanto, lembrar-se quando nem em que condições. Duas razões nos levam a estudar o fenómeno. Primeiro, porque Freud aproxima certos sonhos premonitórios de um fenómeno análogo do "já sonhado". Em seguida, e sobretudo, é preciso lembrar a importância atribuída a este fenómeno pelas Ciências Ocultas. Numerosos pensadores — Freud evoca Pitágoras — viram nele um argumento que provoca a existência psíquica anterior. Outros tentaram explicar o *Déjà Vu* por uma precognição anterior. É na obra freudiana *Psicopatologia da Vida Quotidiana* que se encontra a primeira exposição de *Déjà Vu*, defendendo que esta experiência corresponde à reminiscência inconsciente de um fantasma inconsciente ou de um sonho diurno. Mas não sendo a evocação da recordação impossível, porque recalcada, esta desloca-se para outro elemento, o que causa uma sensação de falso reconhecimento». Ferenczi logrou completar a explicação de Sigmund, escrevendo que «a impressão do *Déjà Vu* pode não só basear-se em fantasmas diurnos (sonho), mas também num sonho esquecido (recalcado) na noite anterior».

Em conclusão, Freud retomará as suas concepções acerca do supradito fenómeno, em 1914, a propósito de *Já Encontrado Uma Análise* e, em 1936, em *Uma Perturbação da Memória na Acrópole*. Renova nelas a sua rejeição da «explicação decorrente de um misticismo ingénuo que pretende utilizar o fenómeno do *Déjà Vu* como uma das provas anteriores do nosso eu psíquico», segundo a escrita de Cristian Moreau.

AS ENTIDADES QUE POVOAM O NOSSO PLANETA

O marido da *medium* deixara de perceber porque lhe ocorriam aqueles momentos «bizarros» e outros considerados «normais», a linha divisória entre os dois era cada vez mais ténue e a ele, que nunca estivera em Petra, nem sequer em Badajoz, ou mesmo em Celorico da Beira, atormentava-lhe o pensamento: «Que foste tu na encarnação anterior para agora pagares isto tudo com juros tão elevados?!» E entregava-se ele mesmo a conjecturas psicanalíticas que ele próprio não sabia explicar: «Será que o Infante me castiga pela minha ramboiada adúltera de Paris?! Gozar lá para sofrer em Versalhes, que irónica sentença! Que mais me esperará ainda?» Em pensamento para a mulher: «Do teu divã tu controlas o Mundo, cada passo que eu dou, cada acto que empreendo.» E, agora, aquele exemplar de chinelas, a quem foi guiado pelo italiano dos gelados, dava-lhe «cabo da mona», a verdade era para se dizer, custasse ou não, deitadas fora as palavras com renda nos punhos.

O outro:

— Acorde, homem? Você tem sono ou quê?

— *Exactamente!*

— Exactamente, o quê?

— *Que sim, estava nas nuvens, é tudo tão interessante!*

— Não lhe confunde a mente?

O marido da *medium* armou-se em valentão, talvez para não ferir o Exorcista.

— *Eu até estou habituado a estas matérias.*

Num sorriso:

— *Marido de* medium *sabe da poda, não?*

O outro tomou a resposta como um desafio:

— Ah, sim? Mas não saberá o senhor, decerto, quem povoa o nosso planeta? Refiro-me às entidades...

— *Essas matérias sabe-as Deus, espero...*

— Ele é sem dúvida o «patrão» da barca, mas nós estudamos a vida espiritual. Muita gente vai sentir-se ofendida com o que disser, chamar-

-me-ão louco, paranóico. A Igreja, por seu turno, também não vai concordar, os médicos idem...

— *Lá que o senhor é incomodativo não restam dúvidas...*

— Quanto a mim existem espíritos desencarnados, portanto entidades que viveram, aliás todos nós somos espíritos encarnados, quando morremos desencarnamos...

— *Está um pouco baralhado...*

— Após a morte, o espírito liberta-se do invólucro que é o corpo e fica uma energia fluidica, completamente livre, que é a nossa inteligência. Essa energia tem, até, a mesma apresentação do corpo terreno.

— *Essa é boa!*

— Se você tirar uma fotografia com uma máquina de Kirlian verifica a aura astral. E os Estados Unidos e a União Soviética já provaram que existe a aura astral.

— *Então, é por isso que eles não se gramam... e a gente a pensar que era pelas bombas, pela ideologia, pelo consumo... afinal, a questão está nos retratos que eles se andam a tirar... E, então, as mulheres, vaidosas como são, também podem?*

— O corpo astral é um corpo de luz que rodeia o corpo mortal, o invólucro. A aura astral tem precisamente os mesmos órgãos, tem tudo tal e qual. O espírito que anima este corpo fica no Espaço quando desencarna.

— *Sempre uma guerra do espaço entre os Russos e os Americanos, com as mulheres pelo meio...* Cherchez la femme, *não é como aqui se diz?*

— A luminosidade é causada pelo «bioplasma» e não por meros efeitos eléctricos do organismo. Esta tese é, aliás, defendida pelo biólogo soviético Injushin. Para ter uma ideia mais aproximada da aura astral, o contorno luminoso, por exemplo, de um indivíduo com um braço ou uma perna amputados aparece como se os membros em questão se encontrassem presentes. Nada tem a ver com a matéria, com o físico em si.

— *Cuidado com o que diz, porque entrámos nos fantasmas...*

— Assim, o espírito diabólico já é uma influência cósmica, já tem um poder cósmico, já não é só um poder da Terra, mas um poder para lá da desencarnação.

— *Mas o que tem isso a ver com os fantasmas, os Russos, os Americanos e as mulheres?*

— Isto já diz respeito às tais entidades que nos povoam e governam...

— *Quem se governa com isto é que eu não sei...*

— É o espírito diabólico! É a esse que a Igreja Católica chama de diabos e demónios.

— *Bem, mas eu também com Igrejas quero pouco...*

— Então, existe um outro tipo de entidades, os elementais, os quais podem ser provenientes da Água, do Fogo, do Ar e da Terra. Dos quatro elementos básicos.

Mas aí o Exorcista empertigou-se:

— Por favor, não confundir os elementais com os elementares, provindos, igualmente, dos referidos quatro elementos, mas que são bons, são os espíritos da Natureza. Os elementais não respeitam a Deus nem ao diabo, riem-se da cruz com uma facilidade extraordinária, tal como se riem do próprio diabo. Tenho, aliás, aqui uma gravura de um ser desses, é um íncubo (mostra uma imagem reproduzida num livro de Francis Barret, intitulado *O Mago,* com data de 1801), que toma a forma masculina, sediciosamente, enquanto o súcubo toma a forma feminina. O primeiro atormenta, normalmente, os homens, e o segundo as mulheres. Devo dizer-lhe que já tive casos desses no meu consultório.

— *E quem nos livra dos seus ataques?*

— Todos nós temos uma maior ou menor mediunidade, embora haja indivíduos mais fracos através de um espírito mais fraco, por terem o que chamamos o «cofre aberto». São os *mediuns* e neles as entidades têm mais facilidade de incorporar. Aliás, devo dizer que essas entidades *andam* no interior do corpo de indivíduos e as pessoas comportam-se como se aquilo fosse próprio deles...

— *E o senhor consegue distinguir esses malandrins todos?*

— Quando estou a fazer tratamentos espirituais disponho de uma força que não sou eu. Alguém já viu e disse que o meu rosto se modifica, a minha voz também, passo a exercer uma autoridade diferente. Isso sucede, regra geral, no caso de entidades negras.

— *Lá vem a propaganda das cores outra vez...*

— Há, por exemplo, uma cliente que eu pressinto estar mal acompanhada, ponho-lhe as mãos na cabeça e elas começam a tremer. Tanto na cabeça como qualquer outra parte do corpo. Tremem como varas verdes.

— *E se não chegarem a tremer?*

— É porque não há problema.

— *Se tremem porque é então?*

— A pessoa está carregada de *fluidos negativos*, digo negativos para não dizer «negros», já vi que detesta cores. Deste modo, a fim de não ferir a susceptibilidade de cada um, adopto a designação de energia magnética positiva ou negativa.

— *Tal como nas tomadas de ligar o aspirador?*

— Exactamente, um pólo positivo e o inverso.

E da lida doméstica, do aspirador, da torradeira, dos electrodomésticos para o Universo:

— O Cosmo está cheio de energia: uma é positiva, outra é negativa. E as duas têm de existir, até para haver um certo equilíbrio. Mal de nós quando só existir o Bem e não o Mal.

CAPÍTULO 7

Satanás, quem és? (Perdoa tratar-te por tu)

SATANÁS, quem és?
O poeta inglês John Milton (1608-1674) dedicou-lhe um longo texto épico, *Paraíso Perdido*, em que utiliza a versão da Queda segundo Santo Agostinho, o que corresponde a dizer da Igreja em geral. «Deus criou boas todas as coisas sem excepção e porque são boas nenhuma Natureza (i. e. realidade positiva) é Má, e a palavra Má denota uma mera privação de Bem.» Assim: «O que chamamos coisas más são boas coisas pervertidas e a perversão surge quando uma criatura consciente se mostra mais interessada nela própria do que em Deus. Este é o pecado do Orgulho e a primeira criatura a cometê-lo foi Satanás.»
Satanás, quem és?
Satan revoltou-se porque se julgou «ele próprio sem par», do que resulta desta doutrina que o Bem pode existir sem o Mal, tal como o Céu e o Paraíso, de Milton, retratam, se bem que não possa haver o Mal sem o Bem. Os anjos bons e os anjos maus dispõem da mesma Natureza, felizes quando aderem a Deus, miseráveis quando se dedicam a si próprios.
A epopeia pinta de forma ordenada a vida da beatitude, descreve o seu universo como um universo de graus. Trata-se de um Autor encantado pelo princípio da Hierarquia (ordem, proporção, medida, controle, decoro).
Satanás, quem és?

Milton ultima uma personagem magnificente, poeticamente bem acabada, um ser real a extrapolar da visão mística, merecedor de admiração e simpatia, consciente e inconsciente, por parte do escritor e dos leitores. Satanás sofre de *sentido de mérito injuriado*, conforme a expressão utilizada por C. S. Lewis, um dos críticos da obra miltoniana, e por única razão — por se julgar «sem par». O Messias fora nomeado Chefe dos Anjos e Satanás fora preterido em honra, o seu prestígio, sentia, fora afectado. Assina a rebelião, promulga uma monarquia infernal baseada numa noção de estabilidade «imperfeita» no Céu: «Se no Mundo há algum Bem para ser invejado, os súbditos invejarão a sua soberania. A excepção denomina-se Inferno, um lugar onde o Bem não cabe, o soberano não dispõe mais dele e, por isso, o Bem deixará de ser invejado.»
Satanás, quem és?
Milton exprime segundo os seus estudiosos: um homem caído é como um anjo caído.

2 — Pergunte-se a Christopher Marlowe, o poeta isabelino, contemporâneo de Shakespeare, autor de *A História Trágica do Doutor Fausto*, a partir da história real de um homem dos primórdios do século XVI que acreditou haver vendido a alma ao diabo. O tema, adicionado com novos elementos, apareceu em Francoforte, no ano de 1587, *Faustbuch* no título. O seu Autor parece ter sido um ardente Reformador da Igreja desejoso de elevar a paradigma incidentes relacionados com mágica utilizada pela carreira de um homem fabuloso que morrera cerca de 50 anos antes (1538). Quais os ensinamentos a tirar: a luta contra os pecados presunçosos, tais como, em Fausto, o orgulho de intelecto que coloca Deus em cheque.
Marlowe encontrou a inspiração para a sua peça através de uma tradução inglesa do original, denominada *A História da Vida Danada e Morte Merecida do Dr. João Faustus.*
Satanás, quem és?
Na mente do mágico ergue-se o duelo hesitante — em jogo está a alma, tal como nas velhas moralidades medievais. Incitado à ambição, Fausto imagina o alcance dos seus poderes sobrenaturais, uma vez assinado

o pacto com Mefistófeles, o qual decide assinar num pequeno bosque, de noite, sob a claridade da constelação Orion.

Resoluto, invoca:

> *Orientis princeps Belzebub, inferni ardentis monarcha, et Demogorgon, propitiamus vos, ut appareat et surgat Mephistophilis: quid tu moraris?*

Ordena que Mefistófeles apareça com o hábito de um franciscano. Aceita Belzebu e não teme a condenação, pois não acredita na punição ou recompensa após a morte. Mefistófeles, sinceramente, lhe confia a razão da Queda de seu amo e acompanhantes, apresenta ao cientista uma concepção de Inferno universal e chega ao ponto de pedir a Fausto que desista dos seus propósitos.

Mas Fausto está decidido a vender a sua alma a Lúcifer. Exige condições (de novo, a ambição). O sangue coagula, firma-se o contrato. Mercê dos seus poderes diabólicos, Fausto teria ouvido cantar o cego Homero e decide não se arrepender. Mefistófeles recusa-se a dizer-lhe quem fez o Mundo enquanto o Anjo Bom tenta fazê-lo reconsiderar, até que Fausto implora a Cristo. Lúcifer aparece em pessoa e censura-o. Fausto pede-lhe perdão pela falta. O mágico solicita uma visita ao Inferno, por onde correm os três infernais rios, Fausto torna-se invisível. De regresso, recebe o convite para a corte de Carlos V, onde espanta os nobres com os seus poderes; encomenda uvas em Janeiro para a duquesa.

Satanás, quem és?

Os amigos pedem a Fausto que lhes mostre Helena, mulher de Menelau, a mais admirável de sempre, que, raptada, deu origem ao cerco de Tróia, na Antiguidade. Helena surge. E entra-se na parte final, a do arrependimento. Fausto pede para ver, de novo, Helena, com ela se deleitando, mas a alegria é breve. O acto de contrição aproxima-se, Fausto, sem orgulho já, pede, agora, que rezem por ele. Ele mostra-se disposto a tudo, desde que não seja condenado, mas o momento aproxima-se. Apela por Cristo, troveja e caem raios, indo Fausto direitinho para o Inferno. O Coro aproveita para dali extrair a sua lição de moral.

3 — O jornalista tomou conhecimento de que na Lisboa recente um jovem estudante universitário se dispôs a imitar a lenda de Fausto, entabulando nos seus papéis velhos, achados no sótão das velharias familiares, um arremedo de invocação de Satanás, vindo, posteriormente, a ser encontrado pelos respectivos progenitores desfalecido, em transe e com o corpo fortemente fustigado pela violência. O jovem encontrava-se sozinho em casa. Ninguém entrara na moradia por meios usuais. Que aconteceu? Passo a transcrever um texto redigido pelo próprio «aventureiro» de almas, antes de iniciar a cerimónia de chamamento dos Príncipes na Noite:

O PACTO DE SANGUE

O pacto de sangue afirma-se impensável, Fausto.
Não dispões mais da hemoglobina do teu amo isabelino Cristopher Marlowe, assassinado numa taverna.
O sangue do escritor acabou por sumir-se ou coagular na rodilha dos vinhos de Londres.
Desperdiçá-lo foi nem sequer lograr comover o empedernido amarelo baço brilho da tua augusta (virgem) soberana, Isabel de Inglaterra, cujo colar de pérolas rivalizava com o lusco-fusco da cárie dentária. Ripostas que poderias guilhotinar um pombo, uma ovelha
degolar um chibo, em Lisboa uma gaivota (um pombo)
e do supremo sacrifício animal retirares o medo estampado, o terror estampido da vítima para os teus diabólicos desígnios.
Mas eu, estudante, contradigo-te.
Como invocar Lúcifer a preceito se o boião sanguinolento, o plasma avulso ascende aos milhares de escudos?!
O fim trágico de Marlowe não mais deixou de nos persuadir, porém. Mas, agora, reina a cabidela sintética, no supermercado. A proveta liofilizada, nas lojas dietéticas. A crença galopante num diabo «acessível e remediado» que estará disposto a aceitar, sem fiador ou caução, o vermelho industrial das canetas de feltro.

Reconheço, Fausto, o teu embaraço, a incredulidade do tentador perante o défice do *marketing* português das almas! A minha alma, a assinatura, o rabisco. Descanso para afiar o lápis. Curvilíneo, rabicundo, ele iguala a célebre garupa do cavalicoque de madeira que enterneceu a Antiguidade. Espantado estás, estamos.

Com o tempo verás que não é surpresa os meus sentimentos de baquelite, a minha vivência vulcanizada, o meu afecto de pergamóide! Neles remexem plastificados gostos e odores, soçobram microscópicas plaquetas, sibilam intravenosas de anestésicos, pululam leucócitos à consignação. Acredito que fosse mais honorífico os pactos que firmaste nos teatros ao tempo de Shakespeare, na áurea de Goethe, nos padecimentos de Beaudelaire!

Se a tua ambição reveste o firmamento, engole ainda os abissais hemisférios, desde Startford-upon-Avon até à Abissínia, hoje proclamo, neste país «a quatro patas», tolhido pela ciática, é tempo, Fausto, personagem dos demónios, de sorver devagar o sangue que estimulas! Aprende a ser um vampiro poupado!

Em contrapartida: que magia ofertas? Como escalonas a felicidade? Por algum motivo me acenas com o cólon de Helena de Tróia, os vasos de Micenas, a espandilose de Agamémnon, os «cartões de crédito» de Príamo, o monarca sitiado por Aquiles!

Se, porventura, insinuas inverter o curso dos deuses, estatelar o Olimpo, desencaminhar o mito para desestabilizar a História do que fomos e somos,

se, acaso, alvitras interferir nos destinos da epopeia, nos lamentos das máscaras de Eurípedes, ou mesmo decepar os tendões do Coro da Hélade, os dez anos de cerco à Ilha, envolver o ultrajado esposo Menelau (agora, feliz, corno, mas feliz), irmanar Gregos e Troianos no campo de batalha, com Heitor, hirto, entre os demais fantasmas, numa encorporada trégua para pagamento do imposto complementar...

Ali estavam impolutos, belamente armados, os heróis das indizíveis sagas, vergados às taxas colectáveis, ao imposto da ambrósia (*doping*), à renda

predial destinada a cobrir as excentricidades imobiliárias das deusas suas protectoras.
A verdade emergeria à tona. A Menelau pouco lhe importaria, afinal, o rapto de Helena, mulher que, sem dúvida, cultivava a arte de agradar na liteira, sobrando-lhe manha de cobra para enfeitiçar as forças, atear as paixões, incendiar os instintos. Ao rei de Esparta injuriava-o o fisco tal como a Bergman, Aznavour ou Carlo Ponti e como prova final embrenhava-se no diálogo com aedos e outros cantadores da pele bexigosa de «Lena»:

VOCÊS AINDA NÃO SABEM DA ASMA DOS FENOS
DA AEROFAGIA, DOS GASES, DA FERIDA VAGINAL
DA EQUIMOSE ANAL, DA EPIDEMIA DE ESTAFILOCOCOS
QUE ASSIM SE AFASTOU DA MINHA URBE
PARA TOMAR DE ASSALTO OS MUROS DA ÁSIA MENOR

(Os gregos presentes, embora absortos pelas liquidações adicionais e pela compra do selo para o automóvel de 300 cavalos, vibravam com os escudos no bronze dos elmos em sinal de assentimento enquanto os troianos
os troianos mudos que nem ratos como que à espera de um novo cavalo.)

Ela, Helena, a deusa corrupta, necessitada de penicilina, seria, caso eu, estudante, aceitasse o pacto de Fausto com o diabo, o verdadeiro cavalo das venéreas a irromper pelos muros, ou seja, a dita cavalgada da contaminação colectiva.
Por isso, Fausto, vês, dependes de mim como da nova História, a próxima Lenda, o Mundo encontra-se mais do que nunca encurralado (neste 2.º andar, lado direito) perante a cor das minhas veias, a liquidez a extrair para as análises, e tu, Belzebu, sabe-lo bem!

4 — Satanás, quem és?
Corrado Balducci apresenta uma tese: «Tudo o que direi do demónio, dos seus poderes e actividade maléfica, provém, obviamente, da Sagrada

Escritura, do Magistério da Igreja e das argumentações dos teólogos católicos. Se Deus nunca houvera revelado estas verdades, o homem nunca teria podido descobrir, com certeza, a existência do demónio, nem a dos anjos em geral. Satanás é, acima de tudo, uma criatura de Deus, semelhante ao homem, embora dispondo de uma natureza e de poderes muito superiores aos seus. Trata-se de um anjo caído.»

Os diversos modos através dos quais se pode manifestar o demónio em relação ao homem reduzem-se, fundamentalmente, a quatro, a saber: tentação, infestação local, infestação pessoal e a possessão diabólica. Entrando no capítulo da «possessão diabólica», ela «consiste num domínio que Satanás exerce, directamente, sobre a alma de uma pessoa, representando a manifestação extraordinária, mas grave e terrível, aquela que transforma um indivíduo num instrumento fatalmente dócil ao poder despótico e perverso do demónio. Dada a sua natureza puramente espiritual, o demónio pode penetrar em todas as partes. O indivíduo em tal estado chama-se "possesso", "endemoninhado", enquanto instrumento e vítima do poder demoníaco; ou "energúmeno" quando manifesta uma insólita agitação».

5 — *SOBRE OS «POSSESSOS»*

No volume *Dossier Posesión*, Cynthia Pettiward retoma o ora delicado, ora desconcertante, sempre polémico tema do exorcismo e da possessão. Define: «Por possessão entendo a invasão do corpo-mente de um ser humano por parte de entidades desencarnadas. Por exemplo, espíritos dos que morreram são, agora, capazes de se mover numa nova dimensão. Por um lado, a possessão está cheia de perigos para os sensíveis que se "intrometem" com estes espíritos e, por outro, são poucos os *mediuns* genuínos que poderiam solucionar os problemas dos pacientes possuídos. Para a mentalidade ocidental, este tema não resulta atraente, se bem que mais aterrorizante. Na Europa do Leste, a investigação psíquica não contém estas alarmantes implicações, nem está associada com bruxaria, necromancia, vudu ou vampirismo. Pelo contrário, assume categoria

de tema científico e o seu estudo efectua-se objectivamente. De qualquer modo, ninguém se pode sentir menos do que impressionado perante o número crescente de enfermos reclusos em hospitais mentais do mundo civilizado.»

Relata Cynthia Pettiward que um médico do hospital mental de Uberaba, Minas Gerais, Brasil, de nome Inácio Ferreira, nos dois volumes da sua obra *Novos Rumos à Medicina*, inclui um capítulo «Pseudo--epilepsia», no qual aborda o modo como tratou alguns casos de epilépticos crónicos e incuráveis, a quem considerou possuídos por entidades estranhas. Tendo logrado curas permanentes, não me apresso, porém, a afirmar que os descobrimentos do Dr. Ferreira ofereçam provas «científicas». São, no entanto, interessantes, pois indicam uma estreita similitude com fenómenos observados em muitas culturas diferentes ao longo da História.

Encontram-se casos desconcertantes diagnosticados como esquizofrenia. As opiniões dividem-se entre se as chamadas psicoses funcionais — esquizofrenia e psicoses maníaco-depressivas — são motivadas por qualquer desordem bioquímica, metabólica ou genética (ainda por descobrir) ou se constituem perturbações psicológicas que admitem a mesma explicação que as neuroses. De momento, portanto, e em síntese, as provas acerca da possessão são apenas sugestivas.

O Dr. Inácio Ferreira não desvenda quais os métodos por si empregues, limitando-se a afirmar que aos seus pacientes não é ministrado qualquer medicamento, para além de subvalorizar a psiquiatria convencional, na medida em que «esta ciência se ocupa somente das funções cerebrais».

Ajuntando: «A partir do momento em que a moderna psiquiatria se manifesta incapaz, com as suas hipóteses actuais, de solucionar muitos dos casos actualmente classificados de esquizofrénicos — seja pela terapia de "conversação", seja pelas drogas, tratamento de convulsões eléctricas —, seria científico reexaminar a teoria da possessão e ver se, de facto, ela não proporá a chave para algumas formas de loucura, bem como de outros estados mórbidos. Sacerdotes, médicos, psiquiatras, sensitivos

psíquicos, gente de boa vontade, trabalhando de colaboração, com recíproca tolerância e respeito, encontrariam uma solução para este problema.»

6 — *A PERSONALIDADE SOBREVIVE?*

No prólogo que antecede o livro de Cynthia, intitulado no original *The Case for Possession*, escreve-se: «A autora trata de estabelecer umas bases que justifiquem a crença de que a personalidade humana sobrevive à morte do corpo físico. Sem estabelecer essas bases, a hipótese de que pessoas falecidas podem possuir outros corpos fica grandemente debilitada.» O comentador indica que *Dossier Posesión* bebeu a sua inspiração numa obra do Dr. Robert Crookall, cujas conclusões foram confirmadas pelo falecido professor Hornell Hart, da Duke University, Estados Unidos, estabelecimento onde também efectuou os seus estudos o parapsicólogo brasileiro Artémio Longhi.

Argumentou o Dr. Crookall que o veículo da vitalidade existe e que este dá à personalidade, imediatamente após a morte do corpo físico, umas características «neblinosas», as quais duram até ao desprendimento do veículo da vitalidade. O texto prossegue: «Uma leitura cuidadosa das obras de Crookall mostra, de modo claro, que as características "neblinosas" se encontram onde quer que supostos seres "desencarnados" tratem de comunicar com gente da Terra, incluindo o caso de que haja abandonado o veículo da vitalidade.»

A autora dedica, depois, especial atenção aos trabalhos de Inácio Ferreira e Carl Wickland, com destaque para o primeiro volume da obra de Wickland, *Trinta Anos entre os Mortos*, onde figuram exemplos de possessão, por vezes corroborados pela verificação de nomes e endereços dos supostos *possessos*, no momento em que estes ocupavam os seus próprios corpos físicos.

No fim, bem como no princípio, e a meio, a questão permanece, arrasta-se, projecta-se: Satanás, quem és?

CAPÍTULO 8

As crianças e outros possessos

«De uma vez apareceram-me duas senhoras, das quais uma pretendia consulta em Astrologia. O rosto da acompanhante não me era estranho e vim depois a saber que era uma artista de nomeada do teatro português. A consulta principiou regularmente e, de repente, eu virei-me para a sua acompanhante, pois havia algo que não batia certo. Quer dizer, quem precisava de ser consultada era a amiga, não aquela que, de facto, estava a sê-lo.» Ela retorquiu: «Eu? Então, porquê?» «Passa-se alguma coisa comigo?» E eu: «É mesmo consigo e eu não gosto.»
Ela fez pouco, troçou. Divertiu-se com as minhas palavras, mas eu pus as minhas mãos na sua testa, a senhora modificou-se por completo, contorceu-se, ficou com uma cara «diabólica» (mesmo horrível) e virou-se a mim. Eu não esperava, apanhou-me desprevenido e caí para cima da minha mesa de trabalho. A força foi tamanha que o móvel foi arrastado até à parede. Naquela altura costumava ter sempre um crucifixo sobre a secretária, hoje já não tanto, porque me encontro mais descontraído, são tantos os casos... a minha sorte foi deitar a mão ao crucifixo. Entretanto, as mãos dela já praticamente me agarravam o pescoço, as mãos enclavinhadas, lembrava uma fera à solta, levantei o crucifixo e confesso naquela altura senti receio. A expressão dela estava de tal forma, as suas mãos pareciam garras autênticas...
— Levantou o crucifixo e?
— ... a senhora largou-me imediatamente, recuou, ela trazia vestida uma

capa, para azar meu a capa até era diabólica (preta por fora e forrada a vermelho por dentro), levanta a capa e esconde o rosto, quem tem capa nem sempre escapa e atirou-se, com ímpeto, para uma cadeira, ficando totalmente enrodilhada.

— Como explica o sucedido?

— Não era desencarnado, mas era demoníaco mesmo.

— Que fez a esse «monstro» a seguir?

— Fiz uns passes (com as mãos), dei uma ordem e logo a entidade que estava nesta senhora saiu. Mais tarde, a senhora voltou a si, contou que havia perdido os sentidos, não se lembrava de nada, a amiga explicou-lhe o sucedido e ela? Sim, e ela? Não acreditou. Novamente fez pouco das minhas palavras.

A amiga insistiu e ela acabou por condescender: «Está bem, eu virei cá tratar-me.» Olhei para ela e perguntei-lhe: «A senhora acredita?» Insisti: «Se não acredita, por que razão tentou agredir o seu filho e atirá-lo de um quinto andar abaixo?» Ela ficou sem pinta de sangue. Espantada: «Mas quem é que lhe contou?» Eu limitei-me: «Ninguém me contou. Eu sei.» «E tal como sei, também não lhe posso explicar como.» «A senhora confirme lá, é verdade ou é mentira?»

Fez-se um silêncio inquietante. «É verdade.» A amiga reiterou. «É verdade.»

No dia seguinte iniciaram-se os tratamentos no meu consultório em Lisboa.

No entretempo pedira à acompanhante: «Fica aqui, porque há determinadas coisas que tenho de dizer, não posso ser incomodado, farei o meu trabalho e se houver alguma coisa a senhora segura-a, pois só a conseguirei dominar depois de ter dito aquilo que tenho de dizer.»

Tinha de curar a cliente por meio espiritual. Ora bem, comecei, a senhora voltou a transformar-se, novamente o estranho ricto na face, ela acabou por dar uma sova na amiga, bateu-lhe a valer, a amiga não teve forças para a dominar, eu interrompi o que estava a dizer, para ir em sua direcção colocar-lhe, de novo, as mãos na cabeça, dei a tal ordem e aquilo desapareceu.

O problema manteve-se. Ao outro dia já dispunha de três pessoas, quatro

com a amiga, para a segurar. Eu muito convencido de que ela estava segura, até porque um dos indivíduos tinha praticado *karaté*, tinha força, pelo menos. Pois, olhe que ficou mordido num ombro, os dentes atravessaram a espessura do casaco, mais a camisa e a camisola, ficando cravados no ombro como manteiga, e a escorrer sangue.
Anedota no meio do sucedido: a senhora garantira-me antes da sessão que havia tomado dois *Valium 10* para permanecer tranquila. E perder a agressividade. Aí não tive mais contemplações, exorcizei-a e, quando levantei a cruz, a senhora caiu (não queria empregar a expressão)... às quatro patas. Mãos e pés no chão, o dorso arqueado, parecia uma verdadeira besta humana. A cara contorcida enquanto uivava. Toda a gente, na sala, se encheu de pavor. Saíram para o corredor, fiquei sozinho com ela.
— Pergunta sacramental: teve medo?
— Nesse instante é que nenhum. Já sabia que vinha bater em toda a gente menos em mim. Já não tinha mais forças para me tocar. Dominei-a completamente, a coisa passou, tratei a senhora, curei-a contra uma possessão que era mesmo diabólica.

MARIDO DA MEDIUM *APREENSIVO*

Versalhes não tem praia, só tem o lago do Palácio, onde é interdito nadar, determinação «furada» pelo filho do paisagista de serviço, que ousa mergulhar nas verdinhosas águas, logo que os portões gradeados se revolvem no trinco e o adolescente revive o *spleen* da corte do Rei-Sol, a leviandade do pó das perucas encanudadas que ameigavam (deixavam pistas, por vezes falsas, o truão disso se encarregava, para satisfazer a intriga oligárquica, a corrupção dos corações, a tirania dos espartilhos saudosos da *maidenform*) arcadas e antecâmaras, esconderijos no confessionário, sombras sobre o soalho viscoso da parafina da Flandres.
Para o efeito, o jovem endereçava convite a amigas da serventia do jardim e da cozinha para *partys*, onde era posta à prova a coqueteria e a puber-

dade (*adieu!*) de quem nas horas de visita ao público se ocupava da poda dos morangueiros, do desbaste da relva, do arear, do matizado *champagne*, dos estanhos da Provence, e descascava *pommes de terre*, a fim de prover a efeminada criação privativa da propriedade, entre ela 10 *lapins* de Segóvia, 5 galinholas de Pequim, 18 patos marrecos birmaneses, além de galinhas poedeiras do Eufrates e aves canoras do espólio de Austerlitz.

Versalhes, enfim, sós sem toldos, nem banheiro. O marido da *medium* sentia-se nas suas «sete quintas» (ajardinadas) ouvindo as histórias insólitas do Exorcista. Não apreciava a «lengalenga» do Satanás, para já não conhecia os nomes daquela «rapaziada», houvera uma Fausta na sua vida, e não Fausto, que fora cerzideira ao tempo de sua mulher, então aprendiz de costura. Agora, aquela songa-monguice dos *pactos* a Belzebu e, sobretudo, aquele relato do estudante flagelado no seu quarto desagradavam-lhe. Inquietavam-no, a ele, homem pacato.

Da história do cavalo de Tróia estava ao corrente, já vira o filme em *réprise*; de Tróia, conhecia o *hovercraft* que se apanha em Setúbal; da Helena, recordava-lhe a estuporada «Helène», toda vestida de cabedal, numa casa de masochistas em Paris, que, por anedota, o quisera amarrar e espancar, desflorar-lhe o ânus (tudo menos isso, *comprenez*?!, dissera-lhe), só que ele, português calisto, homenzinho até aos sovacos, desferira-lhe um valente soco no *trombil* e fugira escadas abaixo. Felizmente, o chulo havia ido ao leite...

Em relação ao Exorcista, perdia-se nas suas narrativas, muito embora desconhecesse, é certo, se falava verdade. Mas sempre achava que «aquilo», mesmo trapaça, tinha imaginação e era quanto bastava para o fazer subir uns pontinhos na sua consideração. O estudante é que não percebia: os pais pagavam-lhe estudos, livros, cama e roupa, *moina*, se calhar explicações, ampolas para fortificar o cérebro, e ele metia-se em experiências com papéis velhos, devia ser cábula e lengão; se invocava o diabo era porque não lhe custava a vida a ganhar.

Que ele, marido de *medium,* começara a trabalhar aos 11 anos, apanhava com a cana no pêlo, acartava leite, água, lixo, fora moço de recados

numa sapataria em Moscavide, forcado nas lezírias, antes de ingressar, de vez, numa gelataria da Rinchoa, funcionando «a frio», diga-se de passagem, após o 25 de Abril.

UMA MIÚDA DE 11 ANOS «TOMADA» POR UMA PROSTITUTA

O Exorcista seguia nas suas narrações:
— Uma vez no Porto, dei lá consulta, apareceu-me o caso de uma rapariga, de 11 anos, que os médicos não sabiam resolver, parecia um caso de atraso mental, a mãe desconfiava de «qualquer coisa», pois de quando em quando a miúda adquire uma força do «outro Mundo».
É preciso quem a segure e os pais não andavam descansados, a mãe e a avó levaram-na, julgando que a menina era muito inocente, muito ingénua. Eu nem pensava que houvesse ali algo de extra-sensorial, pus-lhe as mãos na cabeça, senti umas vibrações negativas. Depois levo-a para outra sala e acontece isto: ela agarra-se a outro assistente meu, começa a estender-se na cama e convida-o para práticas que não vinham a propósito. Apercebi-me do perigo, chamei os seus familiares, o apartamento tinha duas entradas, ficando a mãe e a avó numa delas. Queria que elas assistissem ao que se estava a passar.
Ficaram apavoradas. Ela fazia convites directos e explícitos, deitava-se na cama, abria as pernas, afastava a roupa e dizia...
O meu assistente conseguiu afastá-la com alguma dificuldade e o único a poder dominá-la e a meter-lhe medo fui eu e de tal maneira que lhe pregava dois berros e ela se sentava. Amedrontada, escondia-se atrás dos cortinados, eu mandei-a sentar-se num *maple* e mal me distraía a falar com a família ela precipitava-se sobre o meu assistente.
Após observar o caso, cheguei à conclusão de que se tratava de uma prostituta que estava metida no corpo dela (11 anos), não acredito que ela, depois de tratada, venha a recordar-se de alguma coisa. Simplesmente, tem de haver um tratamento muito intenso, acompanhado de seriedade

no modo com que se exerce a profissão. São coisas perigosíssimas, pois tudo o que envolve sexo com crianças não é para brincar.

— Fala como se o sexo estivesse presente no decurso de outras sessões...

— *Muitas clientes têm tentado atirar-se a mim, não apenas por motivos espirituais, embora reconheça que existem alguns pretensos* curadores *que fazem chantagem com as doentes e as forçam, utilizando a sua boa-fé, a actos físicos...*

Retomando:

— *Fiz o meu diagnóstico, os familiares ficaram informados, mas não pude aceitar o caso, pois regressava a Lisboa. De qualquer forma fiz três tratamentos em outros tantos dias, fica para quando regressar.*

— *Tenho recebido diversas propostas indecorosas, até porque uma entidade quando encarna continua, como lhe disse, a ter a mesma identidade, portanto continua a portar-se mal. Se se portava mal antes, continua depois também...*

— Com uma criança nunca tinha acontecido?

— *Nunca. E isso revolta-me, porque não posso admitir que uma criança seja atacada. Nesse caso tem de se solicitar a intervenção de forças cósmicas muito grandes que, geralmente, acorrem, por se tratar de uma criança. Só se devia ser atacado a partir dos 12-13 anos, idade da razão, altura em que começam a saber defender-se.*

— Como era a menina do Porto?

— *Era uma garota educada num colégio, nada de ruas. Educação esmerada.*

SANDRA AOS 13 ANOS VIU O DIABO À SUA FRENTE!

Sandra é uma menina como as outras. Di-lo sua mãe e a professora da escola que a considera uma boa aluna. Aprende as matérias com facilidade. Na idade e na escolaridade nada existe de invulgar: aos 10 anos passou para o 1.º ano da Escola Preparatória. A mãe abre uma reticência

com que ninguém contava. «A Sandra foi normal até sairmos de Angola, provenientes de Nova Lisboa, no decurso da ponte aérea em 75.»
«Quando chegámos, nada se passou durante os primeiros dois a três meses.» Passaram por uma pensão na Rua Almirante Reis e daí para um lar, à Gomes Freire. Actualmente enfermeira do Hospital Egas Moniz, a mãe de Sandra, 42 anos, explica:
«Aí é que tudo começou!» A cena integrar-se-ia às mil maravilhas numa cena argumentada pelo realizador Brian de Palma, cineasta vencedor do Festival de Avoriaz, mercê da película *Carry*, e laureado com o filme seguinte, *Obsessão.*
A história de Sandra adapta-se a uma boa ficção, mas também se presta a uma mórbida especulação. Pela minha parte haverá o cuidado de lançar ao papel o desenho das palavras na incidência de uma realidade parcialmente conhecida. Assim dizia o Exorcista enquanto acentuava as palavras da mãe: «Acordava de noite e acordava apavorada.»
Por sua vez, a filha: «Quando me deito, não adormeço logo e aguardo que o sono venha. Quando adormeço, nunca me lembro do que acontece, a minha mãe é que conta. Só recordo uma noite em que disse ter visto o diabo, olhei de frente e vi-o...»

AS PESSOAS INTERROGAM-SE

Que está por dentro de uma criança? Um circuito fresco e permeável como uma estrada de cera quente. Um reino intuitivo de primeiras pegadas onde sobressaem linhas como a apreensão, o desejo, o maravilhoso, a curiosidade, os recantos iniciais do prazer e da dor, do instinto e da necessidade. É como a película do papel sensível — e por isso mesmo de terna intimidância — pronto a revelar na «câmara escura», donde saltam imagens, noções, insequências, relações. E a espantosa vitalidade-criatividade que, mais tarde, velada ou desassombradamente, os adultos hão-de desconhecer e invejar.
No lastro dos primeiros anos, no agulhão da retrospectiva adolescente e madura, quanta sensibilidade pulula no *écran* de um Mundo, cujo

limiar nos atrai e nos é vedado pela espontaneidade perdida. A magia fugiu e resta o que resta. E as pessoas, sobretudo as mais velhas, interrogam-se. Como a mãe de Sandra.

OS PRIMEIROS MESES ANTES DO PÂNICO

A mãe:
— A minha filha acordava de noite e gritava apavorada, houve uma vez em que tentei agarrar nela e não tive força. A Sandra é uma menina franzina. Perguntei-lhe porque tinha medo. Ela virou-se para mim com uma expressão que não era a da Sandra que eu conheço e respondeu-me com nova interrogação: «Quem és tu?» E eu perguntei de novo: «Eu é que te pergunto quem és tu e o que queres?» Então ela voltou-se para mim, em voz grave e esquisita: «Não quero nada, não quero nada.» Eu respondi: «Se não queres nada, deixa a minha filha dormir sossegada. Tu não podes mais do que Deus, larga-a.»
Momentos depois, chamei novamente a Sandra, segurei-a no meu colo e ela, ao encarar-me, surpreendida, inquiriu: «Porque estou eu no teu colo e não a dormir?» Eu expliquei-lhe: «Tu gritaste e a mãe pegou-te, porque estavas com medo.» E ela disse, fazendo uma cara triste: «Põe-me na cama que eu quero dormir. Se gritei, não me lembro de nada.»
Foi a minha vez de atalhar:
— Mais alguém assistiu a essa cena?
— Sim, a minha sobrinha que dormia no mesmo quarto.
— A partir de então?
— As coisas estranhas sucedem-se quase sempre de noite e só uma vez ocorreu perto das 6 da manhã. Os acessos são de diferente teor. São coisas que ela diz que vê e a gente não vê nada. Uma noite, por exemplo, gritou em pânico que vira o diabo ao pé da cama dela.
— E a senhora que fez?
— Tenho-a levado a três psicólogos, a um psiquiatra, a um neurologista, mesmo até a uma dessas senhoras curandeiras, ditas bruxas... Tudo tenho tentado!

— Qual foi a conclusão dos médicos?
— Disseram que tudo o que a Sandra tem são terrores nocturnos derivados da guerra colonial. Neste ponto, porém, eu gostava de esclarecer que em Angola, durante o tiroteio, nós permanecemos, oito famílias no total, na cozinha de uma casa, ninguém saiu, e a Sandra ao deslocar-se para o aeroporto, na viagem para Lisboa, nunca chegou a ver nenhum corpo, nenhum cadáver. Se são terrores é só por causa do som dos morteiros, das bazucas, dos *rockets*, das rajadas, esses sim, nunca paravam de dia e de noite.

A HISTÓRIA DE OUTROS ACESSOS

— Foi tudo o que os médicos opinaram?
— Também disseram que o facto de a Sandra estar metida (a viver) num quarto era contraproducente, pois ela sentia a falta de uma casa, de um lar, o que antes ela sempre teve. Aconselharam, igualmente, a que dormisse de luz acesa, mas não deu resultado. E recomendaram calmantes. Mesmo com eles e a luz aberta, ela gritava e levantava-se. Não temos força, não conseguimos aguentá-la. Da última vez, há cerca de dez dias, fomos parar aos pés da cama. A minha filha enrolava-se no lençol com medo, recusava-se a destapar a cabeça e dizia que via uma rosa, uma flor que era para dar a sua irmã mais velha, de 21 anos.
A irmã assistia à conversa.
— Os acessos (as coisas estranhas) conhecem variantes. Vê pessoas que a querem levar, vê meninos que a chamam e lhe comunicam, muito estranhamente, que «ela já viveu de mais».
A enfermeira confessa não saber o que fazer.
— Qual é a mãe que não fica assustada? Eu não encontro explicação racional. A Sandra é uma rapariga inteligente, precoce mesmo, boa aluna, mas... por vezes, durante os acessos, mesmo quando está bem, ela consegue dizer frases correctas em inglês, aguenta conversações naquele idioma que nunca aprendeu. Em casa, experimentamos perguntar-lhe coisas, pessoas de fora, visitas, também, e ela responde! Corrige, inclusive,

uma prima que frequenta o 5.º ano de Liceu e, claro, a prima tem dela um medo terrível. É que a Sandra só agora vai para o Ciclo, nunca estudou inglês em Angola, nem aqui. Isso posso eu garantir-lhe.

— O neurologista não dá solução?

— Só dá calmantes. Dava-lhe tantos, que a criança andava por aí a dormir. Perante a situação de sonolência contínua claro que lhe retirei os remédios. Felizmente sou enfermeira e sei o que faço. Até tenho facilidade em obter médicos, especialistas e consultas.

SANDRA (QUE FALA MESMO INGLÊS) DIZ DE SI E DO DIABO

Sandra é uma menina esperta. Nota-se pela conversação, pela construção do raciocínio. Ficou um pouco atrapalhada quando o jornalista lhe disse: «Vamos, então, "speakar" um pouco.» Principiei pelos rudimentos do tipo «How are you?» (Como está?), avançando para formas de diálogo mais coloquial, se bem que simples, estilo: «Que fazes aqui?», «Com quem brincas?», etc., ao que ela respondeu com desenvoltura. A tal ponto que, do interior do hospital — a conversa decorreu no Hospital Egas Moniz, à Junqueira — outros elementos do Serviço de Sangue aproximaram-se e participaram no diálogo alargado. Em inglês. Se a cadeia linguística se rompeu foi por falta de vocabulário por parte dos restantes funcionários.

Eis, agora, a «outra» conversa, em português:

— Gostas de Lisboa?

— Tenho saudades de Nova Lisboa. Sempre era a minha terra, brincava lá mais. Em Portugal não tenho amigos, cá brinco sozinha.

— Isso faz-te gostar de Lisboa ou não?

— Tem algumas partes bonitas e outras não. Por exemplo, gosto deste hospital, onde a minha mãe trabalha. Também já fui à Feira Popular e gostei.

— Como ocupas o teu tempo de férias?

— Enquanto não entro no Ciclo, leio, gosto de ler, enquanto leio ninguém me chateia... Porque não os ouço, estou distraída.
— Que tipo de leitura preferes?
— Livros de aventuras, contos de fadas.
— Gostas mais do dia ou da noite?
— Não sei dizer. Talvez do dia, porque é a altura em que mais me distraio. Se não venho para o pé da minha mãe, fico em casa a brincar com as bonecas.
— Tens muitos brinquedos?
— É o que tenho mais! — num sorriso triunfante.
— Tens dificuldade em dormir?
— Quando me deito, nunca durmo logo. Não penso em nada e espero que o sono chegue. Quando adormeço, nunca me lembro de nada do que acontece, a minha mãe é que depois diz. Só recordo uma vez em que disse ter visto o diabo...
— Tens a certeza disso?
— Ainda estava com sono, mas a meio da noite acordei, olhei para a minha frente e vi-o. A cara não vi bem...
— E o corpo?
— Não tinha calças, nem nada.
— Então, era nudista!...
— Era negro, não sei se era pele, se era outra coisa. Era de altura baixa (cerca de 1,60 m) e parece que tinha dois chifres na cabeça a virar só um bocadinho para a frente. Depois desapareceu e não me lembro de mais nada.
— Não teria sido influência das aventuras que gostas de ler?
— Nunca li histórias disso, nem vi fotografias ou gravuras. As pessoas costumam dizer como ele é e eu reconheci-o.
— Assustaste-te, ao que sei...
— Imenso.
— E do resto que a mãe conta?
— Disso não sei nada.

O «DOM DAS LÍNGUAS» — UMA INTERPRETAÇÃO

Diante de mim, o Exorcista tomou um livro de Alex Roudène, *Os Nossos Poderes Ocultos*, e tentou justificar a estranha ocorrência de Sandra: «Então viram aparecer como se fossem línguas de fogo que, dividindo-se, vieram poisar sobre cada um deles. E eles ficaram cheios do Espírito Santo e começaram a falar línguas estrangeiras, conforme o Espírito se queria exprimir.» — assim se lê no Novo Testemunho (Actos dos Apóstolos, 11, 3-4) a respeito dos Apóstolos, reunidos no dia de Pentecostes. Este «milagre» repetiu-se noutras ocasiões da história da Igreja, interpretado ora como um dom de Deus, ora como provindo de Satanás. Neste último caso, ele valia aos infelizes o exorcismo e, frequentemente, o cadafalso, pois o «Dom das Línguas» era entendido como um dos mais transparentes sinais de «possessão do demónio».

Hoje em dia tornou-se moda em certas assembleias de cristãos — protestantes e mesmo católicos — exprimirem-se em línguas desconhecidas, ditas «carismáticas»; o «Dom das Línguas» é um carisma que muitas vezes acompanha o das curas espontâneas. Em tempos passados via-se nisso uma manifestação demoníaca, sendo uma das «setas» apontadas às convulsionistas de Loudun, as quais responderam em latim a perguntas formuladas nessa língua. Com efeito, elas ignoravam a língua de Cícero e Santo Agostinho! Até que ponto a ignoravam? Não é verdade que, diariamente, entoavam cânticos religiosos em língua latina?

A dúvida mantém-se. Hipóteses: a simples telepatia, com a leitura do pensamento do interlocutor, em caso de diálogo? Ou «em valor absoluto pode invocar-se o inconsciente colectivo, onde devem encontrar-se todos os conhecimentos e onde tudo se pode ir buscar?».

— Que me diz o meu caro senhor?

— São assuntos que me transcendem — o marido da *medium*.

Falando com os seus «botões»:

— Ainda bem que amanhã cedo me «piro» para Lisboa a ver se descanso um pouco...

O Exorcista lançou o último caso — o de uma mulher das raias de

Espanha a propósito da história de Sandra, de acordo com acessos de seu filho.

Um dedo na tecla do gravador. «Eu vou-lhe contar o que aconteceu a meu filho, nascido na província da Beira Baixa, perto da raia de Espanha, onde vivíamos. Eu tenho ouvido dizer que as mulheres grávidas não devem deslocar-se ao cemitério e o certo é que em 1962, estava-se em Fevereiro, faleceu um cunhado meu e eu fui ao enterro. O meu filho nasceu aos 4 de Março do mesmo ano e, coincidência ou não, por volta dos 7/8 anos, ao princípio da madrugada, talvez um hora, ele começava numa gritaria tremenda, com os olhos muito abertos, gritando: Ó mãe! Ó mãe!

Durante as crises eu pegava nele ao colo e ele ficava com as pernas tão direitas e hirtas que mais lembrava uma estátua e as mãos a tremer, o olhar para o tecto, o corpo direito, a voz a gritar, as mãos tremiam como se estivesse a fazer uma súplica... eu falava com ele, mas ele não ouvia, não dava atenção, passado um bocado calava-se, eu deitava-o e ele, então, dormia em sossego o resto da noite. Nunca me atrevi a perguntar-lhe o que via durante os acessos que se repetiram noites seguidas, durante cerca de dois meses.

Depois, nunca mais gritou. Há 25 anos que estou radicada em Lisboa e o meu filho, hoje, tem 17. Quando ouvi falar do caso da Sandra, pensei que o meu talvez tivesse visto, em pequeno, algum fantasma, só que nunca lhe perguntei, repito, para ver se ele se acalmava. Mais tarde, contei-lhe e, agora, também ele ao ler a história da Sandra me veio dizer: "Ó mãe, o que aconteceu com ela é igual ao que se passou comigo." Só me interrogo na incógnita: devia ter ido ao enterro? Devia ter contado logo ao meu filho para apurar coisas mais concretas? Se calhar fiz mal...»

O marido da *medium* aproveitara os instantes de embevecimento espiritual do Exorcista para sair pela porta mais próxima, rumando, agora, a um novo comboio, antes do *Sud*, classe turística, via Lisboa. Uma nova noite em Paris, de cabeça moída.

— *Estes gajos fazem de mim doido! Deixem-me chegar a Santa Apolónia*

que me tranco no quarto, nunca mais ouço ninguém. Sou, até, capaz de passar a dormir com algodão nos ouvidos!

— *Taxi! Adelphi hotel...*

Também ele entrou no seu quarto de chinelos, depois de pagar a tarifa em *traveler's*. Antes de pegar no sono, sob a batuta de «Santo *Lorenin 1*», ainda rosnou no aconchego do *édredon*: «*Chama-se a isto bruxaria à chique!*»

CAPÍTULO 9

A "Santa" da Linha de Sintra

HÁ quem chame invisível à manhã que aguarda o vagão. A carruagem da Linha de Sintra, duas horas de atraso, evaporou-se, é o que dizem, tal qual o gasóleo que pinga na linha de espera. Sob o zinco do toldo, os olhos somem-se na plataforma do cais aguardando pelo transbordo.

Queluz, Amadora, Cacém, Rinchoa, apeadeiros, estações, os apertos, os campos, a cortina corrida devido ao Sol, a respiração ouve-se no cardume da maçada. Os dedos desconhecidos, a quem se erige um obelisco e uma chafarica, afagam, afeitam, afegam. São assim os comboios.

De súbito, a composição estremece. Donde o sacão? Pensa-se vai descarrilar, surgiu um obstáculo, o condutor vai embriagado, os assaltantes montaram uma barreira, alguém saltou em suicídio, a electricidade está falsificada, os guerrilheiros urbanos substituíram a carga de plástico, os detonadores de dinamite, pelo capilé, pela plasticina.

O lugar é ermo, o monstro de metal guina, zurra, resfolga, mas nem um passo. Sem setas nem torresmos a viagem afocinhara, o golpe brusco nos travões colhera a carruagem de surpresa. Ninguém tombou, não houve danos pessoais. Somente aqueles gritos desencontrados de susto e enfado DEUS MÃEZINHA CARAÇAS que geralmente caracterizam as erupções inesperadas de um enxovalhado lingote humano a que por pompa o revisor apelida de passageiros em vez de gado, todos grupados, grudados, dopados, insensíveis ao baque da monotonia.

Algum cão, coelho, porquinho-da-índia, algum inadvertido trucidado.

Era ponto assente que naquela paragem nada havia de sobrenatural, se bem que carecesse de explicação. O comboio mantinha aberta a torneira do gasóleo, ao calor, o cheiro do carburante envenenava, como vinagre, o verde das quintas. Os viajantes, sobretudo os retardatários, aqueles que entravam às 10, indagaram dos motivos, o revisor via o caminho barrado pela chusma e o condutor, emparedado por uns e por outros, não acusava os vultos que, ao longe, impediam a normal progressão. Forçadas as borrachas das portas laterais, pelo bico do pé, a quina do cotovelo, a rótula do joelho e, depois mais desafogado, o pescoço, houve quem reconhecesse, a caminho do cabeço do monte, um cortejo de vultos, acartando um oblongo fardo sobre os ombros.

— Ficou em pedaços o pobrezinho, a coitadinha...

— Então, não foi um cãozinho?

— Tinha mais pena a senhora, se fosse?!...

Da carruagem para o chão foi um pulo. Lá à frente, na máquina, verificou-se não existir qualquer entrave, nem árvore, nem pedra, nem carril danificado. A locomotiva parara, porque uma fila de gente, cinquenta metros adiante, se apressava a desaparecer. A sua indiferença acarretara a imobilidade do comboio, mas o contratempo deitara-o Deus ao vento, já que ninguém, de entre os vultos, acusava temor perante a corpulência das formas metalizadas, a deslocação de ar, a viscosidade temente dos óleos.

— Hei! Aí! Pá!

O maquinista era um relógio de repetição:

— Vi gente nos carris, no enfiamento da curva... apertei os freios, vossemecês sentiram o resto! Queriam que os limpasse a todos?...

— Loucos! Inconscientes!

Não olhavam, não respondiam, não *estavam*. Absortos pelas abertas no mato, encandeados pelas veredas, chamavam quem se lhes juntasse, por meneios de cabeça, um passageiro, mais esbaforido, interpôs-se ao que seguia na cauda:

— Raios, homem! Estão surdos ou aluados? O comboio matava-os, que pressa é essa?

A resposta veio tão sumida que mal se ouviu:

— Guardamos o Santo, levamos o Santo.
— O Santo? Qual Santo? O da Televisão? O da paróquia?
— O Santo permaneceu 20 anos enterrado e ainda se mantém intacto. Tal como vomecê ou eu. O regedor diz que a terra não tem propriedades, a Igreja rebate que o corpo se dissolve com cal e sulfúrico, vão enterrá-lo de novo, mas o povo não deixa! Um corpo tal e qual, é porque é Santo!...
— Mas esse morto não foi o apanhado pelo comboio? — alguém dos compartimentos mais distantes.
— Não há direito que levem o morto e não digam à família!
— Era emigrante e tinha uma amiga?...
— Nós sentimos a pancada do comboio...
— ... sempre era a amiga?

Os outros, convictos:

— Já está morto há anos. Para que quereria ele um comboio? Para mais, não é morto, é morta. É o cadáver de uma mulher.

A balbúrdia incolor dos mexericos.

— De noite, as mulheres barram-lhe o corpo com cera, para não apodrecer... lavam-no com essências, era uma mulher com poderes nas mãos...
— O que é que ele disse?
— Era manicura!

Uma mulher interferiu:

— Vocês brincam, mas um dia toda a gente há-de prestar contas...
— Mais dia menos dia era inevitável!
— A culpa, minha senhora — resumiu o cavalheiro ao lado —, cabe toda à Linha de Sintra. Como vou explicar no emprego pela milionésima vez... o patrão, correm zunzuns, vai dizer que mude de Linha, ou vou para a rua, caso a de Sintra não desemburre...
— Mas ela, a que morreu?

Dali a pouco, o ambiente mais desvanecido.

— A que morreu era a filha da tal que tinha poderes, quer dizer, a outra é que onde tocava, curava. Via Santos...
— Se via, era porque os conhecia...
— Ah, não era esta?
— Vocês exageram logo, coitada da senhora!

— Aquela passageira, da terceira carruagem, é que disse... uma pessoa de família foi uma vez lá à filha ou à prima, ela conta enquanto tricota, que também tinha uns certos poderes, porque uma neta deixou de andar de um dia para o outro, perdeu o apetite, esteve dias sem dar acordo de si, espumava pela boca, os médicos não deram vasão, só oxigénio, falavam em epilepsia, ora a picavam, ora lhe punham gesso...

— Desculpem, a filha de quem? Da morta incorrupta? — outra passageira.

— Não há mulheres incorruptas com estes apertos!

A da terceira carruagem sentiu-se ultrajada:

— Ordinarões, raça de porcos! Quem quiser que se meta no comboio e ala para Lisboa! Eu acompanho este cortejo para saber da história...

— Eu também!

— E eu!

— E eu... não!

— Eu, porventura...

Dos 200 passageiros, 49 regressaram, colegialmente, para os seus lugares, 140 aproveitaram o ensejo para mictar atrás das sebes. Os 11 restantes desertaram, munidos de velas e lenços na cabeça, para cheirar o rasto da Santa.

CAPÍTULO 10

O Expresso da Feitiçaria desemboca em Lisboa

— 1983 aproxima-se, quem fala no Fim do Mundo?

— Boris Cristoff prevê uma catástrofe, não discrimina o que vai acontecer.

— O que vai acontecer?

— Uma guerra nuclear, um acidente ecológico, um tumulto astral, sabe-se lá.

— Em que espaço?

— No hemisfério norte, onde muitas vidas serão ceifadas. A seguir, a paz renascerá na Terra, se alguém ainda a puder desfrutar...

— Credo, senhores, isto é uma viagem, não é o relatório de contas de uma agência funerária com acções na política de intimidação de uma superpotência...

— Há quem lhe chame guerra fria!

— Eu cá por mim gostava de saber mais pormenores a respeito...

— Guerra atómica, sismo incalculável, actos terroristas de alcance imprevisível, invasão extraterrestre de conquista, eis algumas das hipóteses. A imaginação da realidade compõe o resto.

— Nos últimos dois milhares de anos só houve uma ocasião em que se registou uma coincidência de signos astrais semelhante àquela prevista para 1984 — foi em 1347-8.

— E o resultado?

— Uma peste dizimou um terço da população. Foi um holocausto!

— Depois da penicilina, já ninguém acredita na peste... ou melhor, a peste é esta porca de vida que desilude a gente!

— Ah sim? Então, pensem os senhores no que seria caso acontecesse o derretimento da casca polar antáctica, a qual faria aumentar, de imediato, o caudal dos oceanos em cerca de 60 metros, bastante para afogar a maior percentagem da população mundial habitante das zonas costeiras!

— Protesto: isto não são conversas de férias!

— Não percebo porquê. Tudo é crível, já que o casco polar tem uma espessura de 2500 metros e um volume de 30 milhões de km^3. Para mais, o centro de gravidade dista do Pólo Sul apenas cerca de 500 km. Um pequeno desequilíbrio na Natureza e zás!, medite-se o que ocorreu há 8 mil anos, quando o Pólo se localizava no lugar que, hoje, pertence à África!

— Os senhores nem parecem emigrantes! Podiam falar nos vossos amealhos, nas casinhas que já construíram, nos belos carros que um dia pavonearão em Portugal, na vida à larga que mostrarão aos amigos e vizinhos, na vossa segurança social, agora deixem-se de tolices e, sobretudo, deixem dormir este pobre homem, aqui no canto do compartimento!!!!

ERA o marido da *medium* que abrira os olhos. Não estava na Rinchoa, nem no sonho precedente ele fora um dos passageiros a abandonar o comboio de Sintra para seguir na peugada da «Santa». Os cadáveres incorruptos não lhe diziam respeito. Acaso viajasse ele na atribulada composição e teria, quando muito!, mictado atrás das sebes. Era homem de palavra. Queria chegar a Lisboa e deixar-se de calafrios na espinha, rubores na alma, psicoses na memória. O corpo estava incorrupto, falava-se em vampiragem, ele achava romântico, achava pois, só que houvera engano no ramal do sonho. Uma pré-cognição da viagem matutina, desde o Rossio até Sintra, a caminho da gelataria, turno da manhã. O subconsciente calçara o carril da antecipação através de um engano de «agulha» onírica. Dormia, sim, mas em direcção ao Entroncamento, o comboio era outro e a conversa também. O tema do sobrenatural é que não arredava pé, que vida a sua, de vigília, de sono ferroviário. Afinal, que se passava? A «Santa» de Sintra existia ou fora ficção mental? Da algaraviada no compartimento nada se conseguiria apurar, da revisitação do sonho precedente a memória pouco adiantava. Que sabia ele? Que no cemitério de Benfica existira um caso de um corpo incorruptível durante 25 anos! Cinco vezes fora à terra e nunca a matéria se decompôs. Por outro lado, soubera que para os lados de Arcozelo uma mulher permanece intacta, após a sua morte legal, gerando-se vultosas romagens de crentes ao corpo de D. Maria Adelaide, natural do Porto, com nascimento em 1835. Falecida em 4 de Setembro de 1885, D. Maria Adelaide de Sam José e Sousa, secular do convento Corpus Christy de Vila Nova de Gaia, manteve-se no interior de um caixão capeado de chumbo até Fevereiro de 1916, altura em que foi aberto e verificado o seu estado intacto. O ácido nítrico que, depois, regaria o corpo não o desfez e o facto suscitou um movimento por parte das mulheres que queriam salvaguardar o estado da «Santa». O corpo suportaria, ainda, aplicação de cal em pó, após o que, cinco anos transcritos, urna reaberta, e, de novo, a incorruptibilidade e a fragrância a rosas.

Portugal prolifera no tocante a «Santas». A tradição «negra» e mesmo a religiosa não deixa de aludir à acção demoníaca dos vampiros.

Segundo a escrita de Robert Ambelain, «esta crença nos vampiros procedentes dos demónios no seio da raça humana passou na teoria cristã com o dogma dos íncubos e súcubos, demónios que se corporizavam, suficientemente, para terem relações sexuais com os que dormem. Esta lembrança vai certamente aborrecer o nosso moderno clero!», citando, adiante, nomes de teólogos que «afirmaram tal coisa: Santo Agostinho, São Tomás de Aquino, São Boaventura, os papas Inocêncio VIII e Benedito XIV». O Exorcista já lhe falara no caso.

A «Santa» de Lamego, D. Fernanda, a quem apareceram os estigmas na mão, continuava a exercer a sua terapêutica através do toque manual, os cortejos do povo ávido de tratamento são indescritíveis, ora nos campos, ora na cidade. E mais: o benzilhão de Santa Margarida, a quem o marido da *medium* desconhecia qual a origem dos seus poderes de adivinhação, manuseava o azeite com tal perícia e sobrenaturalidade que, lançada água na solução oleosa, apareciam nos olhos do azeite as caras e as figuras das pessoas intervenientes numa dada sequência interrogada ao estranho homem. E ainda, a Clotilde, da Rinchoa, a mulher da argila, *medium* adepta do Dr. Sousa Martins, de quem ele falaria num próximo capítulo, e outros personagens de verdade ou logro, ervanárias, agentes de lucro ou sugestão, pasmo ou asno, gente culta e analfabeta, donas de ervas miraculosas, rezas implacáveis, panaceias medievais, dietéticos da Natureza! Arruda, Abrantes, Pontinha, Alcochete, Vila Franca, Socorro, etc., etc., etc. Já para não falar em sua mulher, por quem ele punha as mãos no fogo, e noutros episódios, quiçá de mistificação e exploração comercial, quiçá de efectividade curativa, psicologicamente positiva, onde os nomes invocados nada tinham a ver com a santidade dos espíritos: Padre Cruz, Sousa Martins, Infante Santo D. Fernando, este último nascido em Santarém no ano de 1402, e, também, Nuno Álvares Pereira. Mas ele, marido, estava farto!

> «... que murmurações mágicas possam inverter o curso dos rápidos rios, congelar o oceano, privar os ventos do seu sopro, deter o Sol no seu

curso, despojar a Lua da sua escuma, arrancar as estrelas das suas esferas, aniquilar o dia e prolongar indefinidamente a noite.»

(*Apuleio,* Metamorfoses, *livro 1*)

«Para que uma mulher não se apaixone por outros homens é preciso tomar o sexo de um lobo, o pêlo das sobrancelhas e os do seu queixo, e queimá-los; depois dar-lhos a beber sem que ela saiba.»
«Se uma mulher deu qualquer coisa a um homem para se fazer amar e ele se quiser libertar disso, que tome a sua camisa e urine pela abertura e pela manga direita. Imediatamente ficará liberto dos seus malefícios.»

(Dois exemplos-«receitas» de feitiçaria popular recolhidos em formulários antigos)

«Satanismo e crime encontram-se ali envolvidos (tempo de Luís XIV, a corte e a cidade) entrelaçados profundamente. Um historiador da *Magia e Feitiçaria em França*, de Capzons, resumiu as práticas efectuadas por La Voisin e seus sequazes: "Orações, novenas, missas, círios, sapos, víboras, dedos de enforcado, sangue de menstruação, urina de mulher, sapatos, lenços, luvas, flores, camisas e corpetes envenenados, toupeiras e pombos negros, círios negros ou brancos, objectos bentos, hóstias consagradas, óleos santos, conjurações em linguagem barroca,

figuras de cera baptizadas ou não, invocação de espíritos, invocações dos diabos, cadáveres de crianças nado-mortas e de crianças assassinadas, ossos de mortos, pactos com os demónios, horóscopos, todos os ingredientes, todas as práticas da feitiçaria se encontram à mistura no sinistro Caso dos Venenos, o qual, na realidade, tem muito mais de delitos e crimes de direito comum do que de práticas ocultas, pelo menos aos nossos olhos de homens do século XX..."
Será necessário voltar aqui a mencionar a noção do regresso cíclico como o fez Huysmans? Agora que o materialismo cai, ergue-se a magia: esse fenómeno reaparece de cem em cem anos. A História parece dar-lhe razão — fins do século XVII (Caso dos Venenos); fins do século XVIII (Cagliostro, Saint-Germain, Mesmer e Cazotte); século XIX (o Satanismo a que se junta agora Huysmans); fins do século XX (popularidade de tudo o que é oculto).»

(*in* Os Nossos Poderes Ocultos, *Alex Roudène, Col. Iniciação & Conhecimento, Via Editora*)

O Diabo existe? Voltamos à mesma. Não foi necessário folhear o livro de André Frossard, *As 36 Provas da Existência do Diabo*, para encontrar uma resposta. Também o autor francês, em vez de encetar uma espinhosa investigação, preferiu estabelecer o raciocínio: que se passaria se o «Príncipe do Mundo» reinasse efectivamente? A resposta, dolorosa e inquietante: «Nem mais nem menos do que acontece hoje em dia. Quer dizer, se o Mundo fora, de facto, governado pelas entidades diabólicas, em nada alteraria a sua conduta em relação ao que hoje se faz.» Numa síntese: «Todas as nossas actividades, em todos os domínios,

contêm a marca do diabo, fonte essa onde beberam a negação do amor para se abismarem na contemplação de si próprios.»

Magia negra em Portugal? Actos de bruxaria e feitiçaria? Gente ganhando a vida à custa da crendice, à conta da charlatanice? Aquele expresso desembocaria em Lisboa, carregado de revelações. As conversas inflamavam-se. As mulheres ateavam-se de lembranças e sapiência. Ele, marido, fingia que descansava.

— As pretensas *mediuns*, os espíritos da falsificação, os «curadores espirituais» do despudor, abundam os casos em que o «astrólogo», o «vidente» propõem intimidades às suas clientes, no intuito de «limpar» os problemas afectivos, familiares...

— Vocês sabem muito...

— Determinadas pessoas no nosso país dedicam-se a um conjunto de práticas, a rondar entre o marginal e o criminoso, a burla, a receita organizada (a história das velas que ficam por acender...), baseado na especulação dos «negros» desígnios, das fraudulentas «incorporações», dos «serviços» encomendados!

— Eu cá por mim já assisti a tudo quanto se possa imaginar de magia negra!

— Então, porque não conta? Sempre ajuda a entreter desde a Azambuja (a viagem galopava) até Santa Apolónia...

O homem, havia dois no compartimento, principiou:

— Podem dividir-se em duas categorias as práticas negras: a magia negra satanista e a feitiçaria-bruxaria. No primeiro caso, os seus adeptos, pertencentes a determinados círculos secretos, celebram missas negras, nas quais utilizam velas negras fabricadas expressamente para aquele efeito, além de rosas vermelhas, aguardente e o sangue de certos animais. Durante as missas negras são degolados pombos, galos ou galinhas, de cor preta, bebendo os seus sequazes o sangue durante a cerimónia. Trata-se de uma orgia em que o sangue é passado aos diversos membros que o derramam na testa, no peito. O próprio templo está repleto de sangue.

INVOCAÇÃO AOS MORTOS EM VENTO TENEBROSO

Prosseguindo, o viajante:

— Para combater a magia negra é forçoso conhecê-la. Só que em Portugal quem a celebra não a sabe praticar. As próprias missas negras não seguem o ritual satanista. Fazem-se muitas invocações de entidades muito negras, quanto mais feias melhor... Essas missas celebram-se, normalmente, às sextas-feiras, e, depois, cerca da meia-noite, dirigem-se para a porta de um cemitério.

Aí, o sacerdote satanista e os seus prosólitos fazem um semicírculo, invocam os mortos. Aconteceu uma vez um caso que eu próprio testemunhei e passo a contar — começou a ouvir-se um vento tenebroso, o barulho da ventania a assobiar nos ciprestes e no momento em que o grupo chega a uma determinada invocação sente-se uma rajada forte. Satisfeitos com o acontecimento, os indivíduos dançam à porta do cemitério, trata-se de uma cena fantasmagórica. Geralmente, a acólita do sacerdote veste uma túnica branca, à luz da lua, ensaia uns passes de dança, todos eles dão as mãos e fazem uma roda.

Depois, saem dali e dirigem-se à primeira encruzilhada, ao pé do cemitério, colocam, ainda em semicírculo, garrafas de aguardente e, no centro, rosas vermelhas, acendem velas negras, retomam as invocações. Despejam aguardente ali em redor. É um cheirete que não se imagina!

— O senhor está a ver isso no Alto de S. João!?

— A acólita começa a encorporar uma entidade satânica — prosseguiu, não dando ouvidos —, ela manifesta-se, diz meia dúzia de coisas que o colectivo acata nas suas decisões. Costumam degolar um pombo ou galo negros nessa encruzilhada, após o que, depois de degolado e derramado algum sangue no meio da encruzilhada, agarram no animal morto, embrulham-no com rosas negras e depositam-no à porta do cemitério. Por isso, às vezes, são encontrados animais mortos, de cor negra, pelos guardas desses lugares. É porque são praticados rituais satanistas nos cemitérios dos arredores de Lisboa.

— Porque vão lá as pessoas?

— Há muita gente que pretende curar-se de males espirituais, só que essas pessoas, cultivadoras do satanismo, trabalham com forças negras, e podem é piorar a situação! Senão, pergunta-se: quem ataca os seres humanos? São as forças negras. Essas pessoas fazem é mal.
Também há determinados dias em que é celebrado o ritual da fertilidade — é a orgia carnal feita em templos, bebe-se aguardente, anis em altas quantidades. Fuma-se no ambiente de uma sala escura forrada a alcatifa negra e velas acesas da mesma cor, um altar contendo figuras horrorosas que representam entidades negras e, ali, sentados no chão, os adeptos. Torna-se um ambiente onde existe a maior perversão, a maior luxúria.

— Qual a importância dos mortos nas aludidas cerimónias à porta de cemitérios?

— Apenas uma: eles vão ali chamar os espíritos das entidades desencarnadas para se servirem deles nos seus trabalhos de magia negra. Invocam o Senhor dos Cemitérios (os indivíduos não entram num cemitério sem terem pedido autorização ao respectivo Senhor). Invocam-no, solicitam a força dessa entidade ao mesmo tempo que vão utilizar as almas de mortos, os quais se encontram naquele período de perturbação inicial. Acontece, aliás, a todos os seres humanos quando desencarnam. Só que essas pessoas fazem-no com fins malignos.

— Perturbados estamos todos, agora essa da perturbação inicial, como é?

— Quando nós desencarnamos, não sabemos, imediatamente, o que fazemos. Olhamos para o nosso corpo, vêmo-lo tal e qual, sentimo-nos vivos, não encontramos qualquer modificação em nós. Acontece que falamos com outras pessoas e elas não nos ligam importância, damos um encontrão a outro e o ombro passa através. E ficamos admirados. Podemos pensar em determinado local para onde desejamos ir e aparece-se lá no mesmo instante, porque o espírito não é matéria e goza da possibilidade de se deslocar através do éter. Trata-se de uma força electromagnética.

— Então, porquê, concretamente, essa perturbação inicial?

— Repare: um espírito que se sente bem, que se sente ele próprio, fala com o próximo e este não lhe liga patavina, pode, se desejar, fumar um cigarro, manter os seus hábitos, as suas relações costumeiras, até

sexuais — há até o caso de entidades praticarem relações sexuais com pessoas humanas, muita gente sofre desse problema e não se apercebe —, só que as relações não são as mesmas do que em vida e irritam-se. Dá-se aquilo a que os ocultistas chamam de «encosto», o espírito «zangado» encosta-se à pessoa, transmitindo-lhe a sua irritação, chegando, até, ao ponto de lhe querer mal.

— Quem se ocupa de casos desse teor?

— Normalmente é o espírita quem faz esse trabalho, tenta levar o espírito «irritado» a reconsiderar, a arrepender-se e seguir o seu caminho. E por uma razão simples: quando um indivíduo desencarna, existem determinadas entidades que vão ter com ele para lhe indicar o caminho, para o doutrinar. Só que o indivíduo nessa altura, como não as conhece, não liga a entidades que lhe não dizem respeito. Quem são elas? São os seus «guias» — na Igreja Católica chamam-lhes «anjos da guarda». A missão do «guia» é mais forte e mais válida quando a pessoa desencarna. São, também, os espíritos dos parentes que já desencarnaram e atingiram um certo plano, uma certa evolução espiritual, os quais vão até junto dele, no sentido de o encaminhar. Claro que isto se processa *a la longue*, visto que a dimensão de tempo e espaço de «cá» e de «lá» não coincidem.

EXEMPLOS DE FEITIÇARIA-BRUXARIA

— A segunda categoria das práticas de magia negra entronca na feitiçaria-bruxaria. Diz respeito às actividades «negras», de que se respigam as chamadas «salgas» (quinhão de terra de cemitério preparado segundo um ritual, no propósito de prejudicar e, eventualmente, matar o alvo-pessoa escolhido). Das «salgas» todos têm medo: desde a mulher do povo ao ocultista mais evoluído. Se a «salga» é bem feita, até dá muito mau resultado!

Adiante:

— Há, ainda, a considerar toda aquela série de práticas com bonecos, em cujos se espetam alfinetes em certos locais do corpo. Os magos da

«negra» concentram o seu pensamento no boneco que representa determinada pessoa e enterram nele os aludidos alfinetes. Para além disso, utilizam-se, também, caveiras e pedaços de carne humana de cadáveres. Esta forma é a magia negra desprovida do ritual satanista, mas entrando mais em perversão e crime do que a primeira categoria afirmada.
Por exemplo, em Lisboa e arredores encontram-se criaturas que vão elas próprias ou mandam as suas clientes em busca de pregos ferrugentos de caixão, a fim de realizarem determinados trabalhos que mais não são do que feitiçaria pura. Muitas vezes, com receio do que possa acontecer, mandam outras, pensando, erroneamente, de que se livram do mal, enviando terceiros em sua vez. Acontece que, segundo a lei Cármica, tanto sofre aquele que faz mal como o que manda fazer, ambos incorrem no mesmo perigo.

— Quer dizer? — uma velha interessada, escarlate do vinho ou da consciência.

— Mediante um certo tipo de orações e outras práticas, enterram esses pregos em cabeças de carneiro ou em corações de animais e se alguém pudesse ver os rostos dessas feiticeiras, cobertos de ódio, ao desejarem mal a uma pessoa escolhida, ao implorarem a sua morte, chega a impressionar. Para o mesmo fim são utilizados, igualmente, caveiras humanas e, como já disse antes, pedaços de cadáveres. Existem lugares onde a troco de uns «tostões» (abastados) se fornece esse tipo de «coisas»...

— Onde, Santo Deus e mais o Santíssimo Sacramento?

— Desculpem, mas não posso revelar, senão este comboio parava e as pessoas iam a correr comprar. Logo hoje tenho pressa de chegar ao meu destino!

> «A bruxaria propõe a adoração do diabo em vez de Deus, abjura tudo o que prega o Catolicismo. Pratica nas suas reuniões a liberdade de costumes, o culto da carne, declara todos os homens e mulheres iguais, já que a Igreja patrocina a desigualdade entre as classes. Reverencia o vício e a paixão, porque em nome de Jesus eram for-

muladas restritas proibições de ordem moral! Deste grito de rebeldia contra tudo e contra todos no campo das ideias, surge o Sabat ou Missa Negra.
No ofício sacrílego, as formas do ritual são invertidas. Diz-se tudo ao contrário, zombando do culto odiado enquanto se realiza, para uma maior profanação, um transbordamento de luxúria, vícios inconfessáveis, arrebatações sodómicas e sáficas, uniões incestuosas, tudo presidido pelo próprio demónio que, no instante supremo, possui a mulher, cujas costas servem de altar para o sacrifício satânico. Antes, ela é baptizada numa pia especial onde o líquido sagrado é a urina e onde os assistentes molham os dedos, fazendo sobre si o sinal da cruz ao contrário.»

(*in* Dicionário das Ciências Ocultas, *Planeta Especial*)

— E pronto, amigos, isto será o mínimo do que se ouve falar...
Mãos que se benzem. Pragas e preces. A velha:
— Tem sido uma viagem macabra! Para a próxima vez venho de avião!
— O diabo seja cego, surdo e mudo (três pancadinhas), Deus permita um ambiente desanuviado!

Os subúrbios de Lisboa são feios, a gente desgrenhada, a pobreza circula rente aos carris, a vida não leva um pente.
Uma das três mulheres para o marido da *medium*:
— Danadinho por chegar a casa, hem? Ainda por cima apanhou com estas velhas doidas...
Ele, imperturbável:
— Já estou habituado, minha senhora.
O túnel enegreceu o ressentimento nas caras, cobrindo-o de um manto

fumado extensivo aos quatro cantos do compartimento, ao perímetro do comboio.
Alguém mudou de conversa:
— Os preços andam cegos!
— Cegos andamos nós que consentimos! Minha Nossa Senhora de Fátima (mas armada) nos dê resignação...
— Vá, cala o bico e ajuda-me a tirar a *tralha* da rede...
O túnel era de novo a luz. Do escuro surtiu o banal.
— Apolónia, chegámos, rica santinha das gares e estações, padroeira das passagens de nível e apeadeiros! Ora, passem todos muito bem na Graça do Senhor!
Saída colectiva.
— Adeus, abomináveis!
— À mãe!
— E ao teu pai também!
Latidos para dentro.

No cais, a *medium*, ladeada por dez acompanhantes. O bando do costume. A patrulha dos espíritos. O marido: as saudades sentidas pela companheira não bastaram para varrer aquela sensação de Apolónia, cúmplice, haver transmudado a sua cave para a plataforma das bagagens. Entre a comitiva, os financeadores da sua viagem, apostados, decerto, na leitura breve de um extenso relatório de vivências, acrescida de um rascunho de contas. Assim, aquele passeio fértil em surpresas e emoções morria às mãos das bruxas, sem ofensa!
Às perguntas:
— Então, filho, trazes muito que contar?
— O Exorcista pareceu-te tipo fixe?
— Não te perdeste em Paris?
— Deste com a morada?
— Podias ter escrito...
O recém-chegado susteve o carrocel:
— Trago aqui postais em branco para todos. Assim cada um põe o que mais gostar e sempre é mais seguro entregá-los em mão!

CAPÍTULO 11

Jazigo, morada de milagres

UMA das pontas do novelo de Ariadne nasce numa lápida inscrita em jazigo do cemitério de Alhandra. No seu íntimo de pedra, em plena fronteira entre o cimento dos fornos e o mouchão do Tejo, abrigam-se os restos de um natural da vila, o qual se notabilizou mercê das suas qualidades humanas e profissionais. Refiro-me a José Tomás de Sousa Martins, médico, nascido aos 7 de Março de 1843 e falecido em 18 de Agosto de 1897. Para além de o seu nome congregar uma umbilical união com os conceitos da bondade e do amor pelo próximo, Sousa Martins mereceu dos seus contemporâneos, por altura da sua morte, elogios que só por si definem uma ética e uma personalidade. Assim:

> «Radiou amor, encanto, esperança, alegria, generosidade. Foi o amigo carinhoso e cândido dos pobres e dos poetas. Sua mão guiou, sua boca perdoou, seus olhos choraram.»
>
> *Guerra Junqueiro*

> «Se a estatura intelectual de Sousa Martins foi grande, não foi menor a sua estatura moral.»
>
> *Júlio Dantas*

«Apagou-se a maior luz do meu Reino.»

Rei D. Carlos

E ele, José Tomás, diria: «Eu vivi sempre automaticamente para os outros», numa época em que longe estaria de supor a copiosa romagem de fé erigida, desde há décadas, em torno do seu espírito. A fé pela cura, a cura pela fé. Nas traseiras de um jazigo local improvisa-se um modesto crematório que arde, incessantemente, na promessa de velas, no testemunho de votos, arrumando-se, a custo, no seu interior, as dádivas em roupas, membros e órgãos do corpo humano reproduzidos em cera.

A fria, alva, muda, lápida surge na parede do jazigo e será oportuno que se conheçam os termos da inscrição:

Agradeço-te pela cura de todos os doentes em especial todas as crianças, que como à Ana fizeste o milagre de dar luz aos seus olhos.

Clotilde — 7/3/78

Uma rapariga trigueira forneceu a pista: «Houve em tempos um alvoroço no cemitério. Perguntei a uma pessoa e responderam que a Ana havia recobrado a vista.»

Quem é Ana? Quem é Clotilde? Como se *desencanta* uma pedra daquele teor?

— Uma senhora, horas a fio, em frente ao jazigo, deitada no chão, com a batina do doutor Sousa Martins.

A porta do jazigo é franqueada duas vezes por ano, no dia de Finados e no aniversário do médico (no dia 7 de Marco).

Clotilde é, pois, a *medium* no cemitério, assim a trigueira a viu, «não

dizia coisa com coisa, nem mexia os lábios, até um alto lhe saía do pescoço». Exerce «funções de tratamento medianímico» numa localidade da linha de Sintra e as bichas para as consultas semanais principiam, aos sábados, às primeiras horas da madrugada, prolongando-se, sem paragem, até aos alvores da noite seguinte.

É lá que uma voz bem entoada invoca o Dr. Sousa Martins, num cubículo de paredes nuas e gravuras do médico alhandrense. Enquanto na sala de espera se apinham homens, mulheres e crianças, lá dentro, passado o *rideau*, duas crianças vendadas, invisuais, viria a saber depois, aguardam a vez de Clotilde lhes «aplicar» as mãos. O silêncio é profundo, a espaços entrecorta-o um soluço, nada importuna a concentração da mulher, diz-se, dos «milagres».

Ó Sousa Martins
Não te peço mais
Quero que me ajudes
E aos meu ricos Pais

A mão direita treme como varas verdes, agita-se de forma convulsa e segura o retrato de uma criança enferma. Ao ver-me limita-se a contar: «Quem pode contar o que tenho feito são os meus doentes.»
De súbito, o homem que me conduzira até lá começa a chorar, ergue as mãos à cara. A Clotilde manda-o sentar. Coloca-lhe a mão direita (a única que treme) sobre a cabeça e o peito, reproduz outra quadra simples. Seguem-se movimentos com os braços do indivíduo sobre a cabeça: primeiro circulares, depois de extensão, como se num estranho bailado de ginástica correctiva. Puxou cada um dos seus dedos, a seguir cada uma das pernas. O homem explicou: senti uma reacção inexplicável no interior do corpo. Uma certa vibração quando me sentei e ela colocou os seus dedos na minha testa. Senti os tendões das pernas presos, parecia colado à cadeira, fiquei sem reacção nos membros. O movimento regressou após os exercícios de braços e pernas, os estampidos nas articulações, voltei a sentir os nervos. O peito ficou mais leve quando ela disse: «Descansa agora», descansando a sua mão trémula no meu peito.

> «Há anos que não via a Clotilde, mas ao entrar na sala recordei-me de minha mãe, ao ver o que a mulher fazia à criança ceguinha. Por associação ou fixação ocorreu-me o que ela disse e fez a minha mãe, há anos, sofria ela de um tumor na barriga. A mulher bem a avisara para não se deixar operar, agora já era tarde, não ouvira os seus conselhos, *tenho pena, velhinha, que tivesses seguido o conselho do médico*, foi por isso que comecei a chorar.» (O depoimento do homem comoveu os presentes.)

A Clotilde finalizou a sua intervenção, colocando-lhe uma mão na nuca para que descesse (de costas para detrás) até uma posição de 180°, assim ele foi, «leve como uma pena». Por último voltou a içá-lo até à primeira posição.

A SENHORA QUEM É?

Clotilde veste bata branca, um lenço que lhe apanha o cabelo. De média estatura, aquela mulher é o novo chamariz de quem procura alijeiramento para os mais variados padecimentos. O pai de Ana viria a saber, pelo marido da *medium* do Infante D. Fernando (Santo), da existência da lápida no jazigo de Alhandra, num dia em que ambos se haviam deslocado até ao «consultório» da Clotilde, um por «rotina», o outro por «curiosidade».
Uma pergunta frontal: «Então ninguém sabia de nada?» A mulher:
— Os pais da Ana só hoje é que souberam. E eu, como vi que era um grande milagre, ela não via, hoje vê e anda... Tenho até de regressar ao cemitério, pois o Sousa Martins «marca-me» esses dias em que devo comparecer... faço-o a custo, sofro bastante! Mas eu irei, os doentes acompanham-me sempre!

— Só no caso da Ana é que não...
A mulher compreendeu a armadilha em seu redor.

— *Mas a Ana nunca tinha cá vindo. São de longe. Mas lá por os pais serem de longe e não virem cá, eu estimo a criança. A lápida no jazigo é uma recordação que eu tenho para toda a minha vida.*
— A família do doutor Sousa Martins autorizou?
— *A prima disse-me que sim.*
— E as roupas que a Clotilde vestia no cemitério?
— *Faço-as eu própria. A capa azul, por exemplo. É mesmo roupa que ele me põe à frente para eu fazer. Agora estou a trabalhar noutra que penso estrear quando der uma missa em Lisboa para todas as crianças.*
— Chega a estar muitas horas em frente ao jazigo...
— *Sim, duas e três horas e quando acordo não me lembro de nada. Sinto-me deitar no chão, não sei o que se passa, sei que vou cair, sei que vejo o Sousa Martins à minha frente...*
— Como aparece ele?
— *É conforme. De fato, de bata branca.*
— E fala consigo?
— *Tantas vezes. Tudo o que eu lhe peço para fazer, ele diz se a faço, como faço, se será assim, se não será assim. Quando vejo uma criança doente, pois eu não sei pegar, se vou dar cabo dela, se vou tratá-la. Então, tenho que falar com o Sousa Martins. E quando ele me diz para tratar uma criança, eu imediatamente chamo as minhas forças e trato-a, com a ajuda do Sousa Martins. Eu acabo de a tratar e digo: «Pois não me agradeçam a mim, vão ao Sousa Martins, ponham-lhe um ramo de flores que ele até fica contente.»*

«O SOUSA MARTINS APARECE-ME COMO UMA PESSOA»

— O doutor Sousa Martins aparece-lhe como?
— *Como pessoa. Aparece várias vezes nesta sala, mais vezes de tarde, eu vejo o Sousa Martins como vejo o senhor. Tenho aí doentes que, pelas*

mãos, vêem aquelas luzes à frente e eu pergunto-lhes: «Vejam se vêem o Sousa Martins?», mas há uma criança de sete anos que já o viu.

— Essa sua faculdade de entrar em contacto com o doutor Sousa Martins começou quando?

— *Sofri dezasseis anos, andei nas mãos dos médicos, em todos os hospitais. Eles olhavam uns para os outros. Sentia-me mesmo doente, ia para o trabalho desmaiava, levavam-me para o hospital, davam-me uma injecção e foi sempre assim. Até que fui a uma senhora ali em Lisboa que me disse: «Olha, filha, tu para te tratares, tens de tomar forças para aguentares aquilo que tens. É muito importante aquilo que tens.»*

— Têm-lhe chamado bruxa e outras coisas...

— *Sim, têm, mas eu quero que as pessoas saibam que eu não quero isto, eu sou muito nova para sofrer este desgosto... A Ana foi a segunda criança que eu curei. E eu falei para comigo: «Há tanta criança a sofrer, que me importa chamarem-me bruxa?! Que me importa chamarem-me aquilo que eu não sou? Eu apenas trabalho com as minhas mãos. E se eu antigamente sofria — cheguei a estar oito dias sem comer, nem beber, só a arroz. E não sabiam o que me haviam de fazer! Agora, quando encaro os problemas que me procuram, eu penso: ai meu Deus, eu pensava que era só eu a sofrer tanto, como há tanta gente a sofrer desta maneira!»*

O PRIMEIRO ENCONTRO COM O DR. SOUSA MARTINS

— Quando o encontrou pela primeira vez?

— *Após a minha doença, eu via uma pessoa à minha frente, mas eu não sabia que dizer. Vim da província (Montes Velhos, ao pé de Aljustrel) e cheguei a pensar que estaria a sonhar, ao ver a pessoa diante de mim. «Concerteza não vejo ninguém...» E nas alturas em que via, era quando caía logo... Chegava ao ponto de ter o corpo todo cheio de manchas, por causa do arroz que só comia. Nunca tinha ouvido falar no Sousa Martins, nem tinha ouvido falar disto. Pois sendo assim, o Sousa Martins tem de ser uma pessoa boa, pensei então, tem de haver alguém que o possa ajudar, a ele e às crianças. Comecei a trabalhar.*

— Aprecia o seu trabalho?

— *Quer dizer, eu podia ver o doente, sem sofrer o problema dele. Sofro todos os dias, de sábado a sábado e dizem-me «tu já tens muitos doentes, não podes ter mais». E eu respondo: «Mas o doente precisa de vir, deixem-nos vir, eu cá estou para os ajudar.» E é mais um problema. Eu cá estou para sofrer por todos, para agradecer ao Sousa Martins o que ele faz pelas crianças. Eu já não peço por mim. Eu não vou dizer «eu sou ou serei a melhor». Há-de haver alguém como eu, quando fechar os olhos, Deus queira que seja depressa, deixarei cá alguém para tratar os meus doentes. Nesta casa não gosto de ver os doentes maltratados.*

Interroga-se sempre:

— *Serei eu ou alguém como eu?*

O NOME DA CRIANÇA NA LÁPIDA DO JAZIGO

As convulsões apareceram no corpo de Ana Isabel Dionísio Miranda aos três anos de idade. Nascida em 9 de Março de 76, no lugar de Moita dos Ferreiros (Lourinhã Oeste), concelho da Lourinhã, os médicos, os primeiros a que seus pais recorreram, inclinaram-se para um caso de epilepsia. Aos oito meses sobreveio-lhe uma crise mais forte, pelo que foi urgente largar a assistência clínica de um médico das Caldas da Rainha para recorrer aos serviços especializados (pediátricos) do Hospital da Estefânia. Em consequência dessa crise intensa deixou de falar e de se mexer, hibernava num estado em que não se mexia para lado nenhum. Este é o caso da Ana, a que se refere a lápida colocada no exterior do jazigo do Dr. Sousa Martins. O pai, de 27 anos, serralheiro mecânico de profissão, contou a propósito da enfermidade:

— *Após a crise, Ana ficava tal qual nós a deitávamos, era preciso virá-la, a gente falava para ela, ela não dava sinal de nada, a gente punha-lhe as mãos à frente dos olhos, os olhos não mexiam, não seguiam a mão, não davam sinal nenhum. A menina fez uns exames, ficou à espera de outros e uma médica da Estefânia aconselhou a que ela ficasse internada logo ali. E assim foi.*

— Quanto tempo permaneceu internada?

— *Apenas 24 horas. Houve um outro médico que explicou não valer a pena estar internada, pois só estava a ocupar o lugar de outro doente. A minha mulher deslocou-se à terra, contou-me o que se passava e eu pensei: «Se é assim, morrer por morrer, que morra ao pé dos pais...» A menina continuava sem se mexer.*

«EXAMINAR PARA QUÊ SE ELA NÃO TEM CURA?»

— A menina não via...

O pai expõe a situação sem rodeios:

— *A gente não sabe se ela via, se não via, mas dava a impressão que não. Ela dantes conhecia o pai, a avó, e na altura não... No dia seguinte fomos então buscá-la à Estefânia.*

— Foi fácil trazê-la no estado em que se mantinha?

— *Houve ainda outro médico que insistiu para que ela ficasse mais algum tempo, a fim de ser examinada, eu respondi: «Para quê? Examinar para quê, se ela não tem cura?!...» O melhor é ir para casa! A Ana permaneceu 24 horas naquele hospital e o médico ainda nem a tinha ido ver, nem nada... Foi para casa tal e qual na mesma... Desde aí...*

— A partir de então como se desenvolveu o processo de recuperação da Ana?

— *Houve uma senhora que mora em Queluz, prima da minha senhora, que através de conhecimentos nos pôs em contacto com a senhora Clotilde. Fomos, depois, a casa dela e a menina começou a melhorar, era mesmo tratada em casa da senhora Clotilde.*

— A melhorar como?

— *A Ana começou a sentar-se, o corpo ganhou mais força e desde essa altura (Fevereiro de 77) passou a ser tratada no Hospital de Santa Maria. Todos os fins-de-semana vínhamos com a Ana à senhora Clotilde. Ela agora, graças a Deus, já vê e ouve, tem-se tratado nos médicos à mesma.*

— Que lhe fizeram os médicos?

— *Tiraram análises e chapas, exames à cabeça, mas não acusavam nada.*

E demoravam muito os exames, havia grandes demoras para a obtenção das consultas. Uma delas, em Santa Maria, demorou de Abril a Dezembro (77)... mesmo a pagar não era possível.

— Foi uma consulta de?

— *Neuropsiquiatria* — perante a hesitação inicial do pai em recordar-se do nome, a resposta foi dada por uma enfermeira da Estefânia que se encontrava no local e que, embora não conhecendo Ana, explicou o que se pratica em casos como aquele que acabava de ouvir contar.

«NUNCA MAIS LHE DEU COMO DANTES»

— Quanto tempo duraram as sessões da dona Clotilde no caso da Ana?

— *Quase um ano. Punha-lhe as mãos e, de início, também colocava argila na cabeça, na testa, nas têmporas.*

— A Ana foi sempre tratada pelos médicos?

— *Até que deixámos, pois as viagens de deslocação são caríssimas.*

— Como tem ela passado desde então?

— *Há meses teve outra crise, tivemos de chamar o médico a casa, mas nunca mais lhe deu como dantes. A menina tem recuperado a pouco e pouco, tem sido gradual.*

— A lápida no cemitério?

— *Nós não sabíamos de nada. A senhora Clotilde é que nos informou agora. Telefonou-nos para que viessemos a Lisboa contar ao seu jornal a cura da Ana. Sabíamos que o doutor Sousa Martins perguntava pela Ana, mas mais nada.*

— A menina está completamente bem?

— *Só lhe falta recuperar a fala, de resto está tudo.*

— Em relação à fala?

— *O médico disse que, se ela não recuperar até aos três anos, para a trazermos a um professor de Santa Maria...*

— E a senhora Clotilde, que pensa do assunto?

— *Ainda não sabe, porque a não vi depois disso.*

O TESTE E O TRANSE NA MADRUGADA DO CEMITÉRIO

Anália é o nome de uma jovem de 14 anos que, em inícios do Outono 78 acompanhou a *medium* Clotilde, a horas tardias, ao cemitério de Alhandra. A circunstância passaria despercebida não fora o facto de a excursão haver sido planeada para a uma da madrugada, hora a que, por sugestão e tradição, não se registam romagens a campas e jazigos. Para além do mais, o cemitério encerra os seus portões às 17 e o «ponto» dos coveiros não acede a trabalho suplementar. Acresce que Anália Fernandes, residente no Cacém, integrava um grupo de pessoas amigas de Clotilde, ela própria um pouco temerosa quanto à natureza daquela visita extra-oficial.

Segundo Anália, «fora o próprio doutor Sousa Martins a aprazar o encontro, determinando com ele uma prova (de fogo) de coragem (e receios) para Clotilde, a qual uma vez dissera não se interessar em parar por aqueles lados, de noite, para salvar os seus doentes!». No desenvolvimento da história:

— Então, eu ouvi o doutor Sousa Martins falar através do corpo da Clotilde, estava ela desmaiada, nunca se lembra do que acontece quando recobra os sentidos. Outras pessoas estavam comigo que estão prontas a confirmar as minhas palavras.

— Que ouviu ele dizer?

— Queria saber da coragem dela e se ela estava pronta a deslocar-se ao cemitério àquela hora.

Clotilde decidiu-se, por fim, a comparecer, instruindo, porém, os acompanhantes «de que deveria entrar sozinha no jazigo e que eles ficariam junto ao portão da entrada». Assim aconteceu. Clotilde, receosa, encaminhou-se para o local, soltou um grito pouco depois. Que ninguém se assustasse, pois tratava-se de um sinal previamente combinado, para que «avançassem até ela».

— Entrámos, estivemos no jazigo, ela estava em plenas condições, implorava pelos enfermos, mas conforme transpôs a porta desfaleceu. Veio,

então, o doutor Sousa Martins, que falou por meio da voz dela, embora, por vezes, de forma estranha. Parecia quase a voz de uma pessoa idosa. É nessas alturas que quem tem algo a pedir ao doutor o deve fazer, e ele dá a resposta. Tudo correu bem.

— E ela?

— Quando voltou a si, sofria de dores nas pernas (dormentes). Depois fomos para casa. A Clotilde deitou-se e o doutor voltou a aparecer, coisa que não é frequente, mas acontece apenas nos momentos em que ela lhe endereça algum pedido especial. Ela acabou por adormecer tarde.

ANÁLIA PROMETEU DAR A SUA VIDA

O marido da *medium* do Infante Santo descobriu que Clotilde teria anunciado à mãe de Anália o propósito de «lhe dar as suas mãos quando falecesse». Clotilde é uma mulher simples e reservada e, conta Anália, não gosta de falar, abertamente, sobre assuntos desta natureza. Anália, por sua vez, é ainda muito jovem, embora assinasse já uma acção que poderá ter induzido Clotilde a revelar aquilo que pensou.

— *Isto porque eu não me importei de dar a minha vida pela dela, estabeleci a promessa na noite em que fomos ao cemitério. Paguei-a, deixando uma camisa nova que havia bordado para o efeito, bordada com cravos encarnados como o doutor Sousa Martins tanto gostava de usar ao peito. Era a sua flor preferida.*

— E ninguém soube de nada?

— *Apenas minha mãe. Foi também através dela que a Clotilde veio a saber. Fiz a promessa nesse dia e não me importo de a tornar a repetir noutro dia qualquer. Não me importo de morrer, desde que a possa salvar.*

— A sua amizade e admiração pela *medium* estão bem patentes no gesto, que se pode considerar de arrebatado e inocente... Porém, aquilo que a liga a Clotilde corresponde a algo mais do que possa ser entendido pela lógica e pela razão?...

Com simplicidade, a revelação:

— *Depois de a promessa haver sido feita, vi um vulto no meu guarda-fato,*

parecia mesmo a estátua, em grande, do doutor Sousa Martins. Antes disso já vira umas luzes, talvez fosse o sinal.
— A Clotilde?
— *Primeiro, brincou. Devia eu ter visto um gato e feito confusão... Depois... que talvez fosse o sinal (mais grave).*

UM DIA DE FINADOS MOVIMENTADO

Aos 1 de Novembro de 1978, o cemitério de Alhandra registava uma tradicional enchente em dia de Finados. Por outro lado, um outro motivo justificava a afluência de centenas de visitantes e mirones, ao longo da manhã e da tarde — a abertura do jazigo do Dr. Sousa Martins.

Ainda uma terceira razão fazia convergir as atenções, os olhares (também choros, desmaios, suspiros, rezas, promessas): Clotilde encontrava-se prostrada no chão fronteiriço ao jazigo, balbuciando, como que inanimada:
— *Ai, a irmã Clotilde que não chega a vocês todos... tu parece que ouves a irmã C. a cantar sempre. Gostaste de vir cá hoje?*

Uma rapariga abraçava a *medium*, de olhos cerrados. Em redor dizem-nos que *«algo de estranho se passa com a rapariga»*, os pais estão perto e acenam com a cabeça. O ambiente está muito carregado, naquele dia solarengo. Doentes de muitos pontos do país enunciam ali as suas mágoas, as dores, as frustrações, os anseios, as limitações. Clotilde fala durante horas, sem um desfalecimento, por vezes eleva os sons, lança reprimendas, as pessoas garantem que *«é o Dr. Sousa Martins quem fala pela sua boca»*, *«é o que sucede quando ela vai ao chão»*.

Clotilde veste calça negra de feltro e blusa cor-de-rosa, ouçamo-la, ainda, com Carmen Cristina, de 13 anos, cabelos compridos castanhos, a si abraçada:
— *Para que estes pais não tenham um desgosto... gostavas de ter um bocadinho da força da irmã Clotilde?*

Carmen acena que sim.
— *Gostavas de ser médica? Achas que tens força? Então, estuda para*

seres uma boa médica, mas sem meteres a faca e os comprimidos... Sendo assim, eu vou ajudar-te... não é por mim, mas é pela irmã Clotilde, tu parece que quando chegas ao pé dela já não tens nada... eu te darei umas linhas, de tarde te direi onde estão esses livros para vocês estudarem.

As duas permaneceram agarradas, chorando, chorando. Em volta, as lágrimas também. A cena avança:

— *Quando estudares, um dia porei as mãos em cima do livro para te abrir todos os livros... adeus, vai tomar coragem, não quero que caias...*

Carmen levanta-se e seguem-se outras pessoas. A mãe de uma criança doente. Outros enfermos.

— *Os médicos não fazem tratamento, apenas estudam esse corpo... quando a irmã fala, deves ouvi-la...*

«QUANDO DESMAIO, TENHO OS OLHOS FECHADOS MAS VEJO TUDO EM VOLTA COMO SE ESTIVESSEM ABERTOS...»

Carmen parece muito combalida. Pouco fala, exibe olheiras e o rosto transparece uma sobrecarga de esforço, tensão, emoção. Ela frequenta o terceiro ano da Escola Secundária dos Olivais e afirma, lentamente, de si:

— *Sentia muitas tonturas e dores de cabeça desde há sete, oito meses. E por isso assusto-me muito em casa.*

— Como surgiu esse conhecimento com a *medium* ali deitada?

— *Foi há cerca de um ano.*

— Que tem a Carmen, afinal?

— *Ela não gosta de dizer exactamente o que os doentes têm...*

Os pais de Carmen corroboram aquela afirmação.

— Que espécie de tratamento tem feito?

— *À base de argila (banhos) na cabeça e no coração.*

O pai adianta:

— *Quando a dona Clotilde lhe põe as mãos para a tratar, ela desmaia por completo.*

Ela:
— *Há qualquer coisa em mim. Quando desmaio, tenho os olhos fechados, mas vejo tudo cá fora, como se estivessem abertos!*
— Esta manhã que aconteceu?
— *Estive um bocado no jazigo e depois cá fora. Foi nesse momento que a Clotilde chegou e me pôs as mãos. Depois, desfaleci, como é hábito.*
— Um mau hábito...
— *Mas não tenho medo agora. A Clotilde fez-me um pequeno tratamento e eu recuperei, sinto-me mais sossegada.*
— Quanto àquela história de ir para médica, não acha que se deve dar tempo ao tempo?!...
— *Desde os 10 anos que pretendo seguir para doutora... Quero mesmo ser!*
Olho o pai fixamente nos olhos da dúvida.
— *Pode ser que nessa altura já não haja Propedêutico!...*

CAPÍTULO 12

A alma do repórter

B*RAVO, Bravo, Bravo!*

A reportagem da Mulher dos «Milagres» que o senhor fez na Rinchoa e em Alhandra excedeu todas as previsões, está magnífica. Acabámos de ouvir a cassette *gravada e merece os mais altos encómios: fidelidade, objectividade, concatenação de ideias, linguagem acessível, um sentido longínquo de humor que o caso não é para brincadeiras! O senhor revela-se, afinal, mais do que o anónimo consorte de uma benfazeja criatura sublimada pelo voto balsâmico de aliviar padecimentos. É um talento da Informação, tem alma de repórter!*

— A senhora está a exagerar — o outro da lado de lá da porta. — Sou um homem limitado e de poucas letras...

— *Ora, deixe-se disso. Nunca ouviu dizer que Letras são tretas! Bem li o seu relatório da viagem a Versalhes, o seu estilo impressionista e mordaz, circunstanciado e afectivo, o senhor merece um «Nobel» da bruxaria, um «Pullitzer» do Esoterismo, o «Prémio Montaigne» do Sobrenatural!*

— A senhora há-de perdoar-me, mas não abro esta porta em que, por vontade, me mantenho enclausurado, a fim de me refazer do desgaste da viagem. Estou esfrangalhado, compreende? É relatório após relatório e a paciência de um santo esgota-se...

— *Saiba que dei por bem empregue o dinheiro das passagens e da hospedaria, o Exorcista parece um homem a rever, a mulher da argila uma carta a ter na «manga» e a sua senhora, encorporativa do Infante D. Fer-*

nando, a mais fidedigna de quantos têm invocado a radiação electromagnética, os Espíritos de Luz! Bem haja!

●

O marido da *medium* mantinha-se desde a sua chegada a Santa Apolónia trancado no seu escritório, improvisado em refúgio de tal forma consistente e hermético que aquela sala, no subsolo, bateria o pé, no seu entender, *«a um abrigo nuclear»*, a um *«subterrâneo»* inexpugnável! A comunicação com o exterior conhecia os limites do indispensável, apenas a entrega da comida, três vezes por dia, que se efectuava através da janela exterior, com parapeito para o passeio público, e o manuseamento de *«prioridades»*. Dormir, estendia-se na alcatifa, as necessidades atingiam o fundo de um vaso de louça, periodicamente substituído no horário das refeições. De resto, auscultadores nos ouvidos, frequência modelada, relatos de bola e palavras cruzadas. Nos dias úteis retirava-se, madrugada ainda, pé ante pé, à hora em que os lobisomens regressam do seu penar, em direcção ao emprego, tendo, no entanto, o cuidado de deixar a fechadura com duas voltas e o *psiché* semiencavado na abertura da porta, para que a sua caverna não fosse forçada. A *medium* conformava-se, repartida entre a sua missão espiritual e as tarefas da lida doméstica, no que era ajudada pelas visitas mais íntimas.

Uma vez, um bater mais insistente no contraplacado indicou ao *dissidente* que algo de urgente se aproximava.

— Faz favor...

— *«Bicho»...*

— Ah, és tu... — reconhecendo o timbre da mulher.

— *Há aqui uma pessoa que precisa dos teus serviços...*

— Só se for patrocinado — julgando-se uma estrela, disponível para o contrato da «sua vida».

— *Então, o que vem a ser isto?*

— Já te disse. Quem paga? E do que se trata?

— *Nem devias falar assim... estás mesmo sanguessuga...*

— ...

— *Sabes que o dinheiro retira os poderes. Tu não vês o meu exemplo e podia estar podre de rica!*
— Como os outros...
— *Eu quero que os outros vão para o raio!*
Mudando de voz:
— *Bem, ou queres ou marcho...*
— ...
— *Apareceu uma criança que perdeu o andar, o apetite, murchou, está doentinha, coberta de caroços... consulta só para o mês que vem... a mãe leva-o à responsabilidade, eu já a avisei, ao espiritismo. Importas-te de a acompanhar que eu tenho a casa cheia de gente!*
— Pagam ao menos o transporte?
— *Há aqui uma senhora que tem o carro à espera, logo às 20 horas.*
— Hum...

CAPÍTULO 13

Em nome dos espíritos!

INVOCADA a grande força do Universo e do astral superior.
Sobre a mesa, um copo de água (o catalisador de energia) e um catalisador psíquico (uma pedra mineral de magnetite, proveniente de Tafilale, Marrocos, capaz de aproveitar a energia magnética interna potencial do ser humano). Em volta da mesa e da pedra e do copo, as dezoito mãos correspondentes às nove semanais pessoas presidindo a uma cura psíquica. Assim se denominava a insólita sessão frequentada, em Lisboa, pela Fraternidade Espiritualista Mundial, composta, na totalidade, por cerca de três mil pessoas.
Os seus mentores: «É a prática do Bem acreditando em Deus como força superior, é a criação de uma cadeia de irradiação magnética no momento das sessões, não apenas no local espírita, como também nas casas dos respectivos membros.»

A Fraternidade acredita em quê? Houve quem falasse de uma crença num espírito superior — a que as religiões dão diferentes nomes —, «a que nós simplesmente chamamos de *grande força* ou *astral superior*». Que sucede no seio do grupo? O marido da *medium* infiltrou-se num dos aludidos, periódicos, encontros de «espiritismo terapêutico» (não confundir com a corrente designação de espiritismo) e observou o comportamento, a acção de elementos «dotados de capacidade magnética e bom conceito moral», assim se catalogaram.
Que se passa, pois? Eles explicam, ressalvando o sigilo: «Deixamos que

as entidades se manifestem e curem os enfermos. O outro intuito destas reuniões será eliminar problemas de obsessão existentes em determinadas pessoas.»

QUANTO MAIS SE ESCONDE, MAIS PROBLEMAS...

O caso acciona a dúvida e encoraja a especulação. Para a maioria, o «miolo» assume-se invisível. Esta história dos espíritos e das entidades arrebata, increduliza, atemoriza, fanatiza, presta-se, amiúde, ao domínio da conjectura e da farsa. O problema põe-se, de modo transparente: como distinguir o *trigo* do *joio*, na orla dos fenómenos paranormais? Aceitar cegamente parece ser uma atitude tão contemporativa como a recusa como ponto de partida. Este relatório expõe uma dada situação real, projecta uma reflexão, encaixilha um campo de polémicas susceptibilidades. A obsessão, o quê?

— Os problemas da obsessão acontecem, só que, infelizmente, não se pode falar muito neles, pois temos a religião católica atrás e os psiquiatras à frente. Ambos combatem tudo o que seja ajudar o próximo — principia o presidente da sessão. — A obsessão é um dos males mais comuns de que se vê acometida a Humanidade, com o agravante de não ser reconhecida.

Explicando melhor: «O padre combate o espiritismo, porque o ser humano pode manifestar-se com uma entidade negativa. Resultado: se o ser, por qualquer problema da sua vida, teve em si a faculdade de desenvolver no sector da vidência, da clarividência, da encorporação e da mediunidade, é simplesmente considerado "possesso" pela Igreja Católica. Noutras palavras, um "diabólico". E não tem apelo. Passa a conhecer, desde logo, um "catálogo" de doente mental. Por sua vez, o psiquiatra encara o mesmo doente e assenta-lhe um outro "catálogo" — o de esquizofrénico, paranóico, etc. A solução é só essa — dar-lhe um nome. Para nós, fraternalistas, não nos interessa que ele seja isto ou aquilo. Tratamo-lo desde que seja um doente espiritual. Se é um paciente psíquico ou mental e se curou, cumprimos a nossa função. Sabemos o que acon-

teceu e cada pessoa é livre de acreditar ou não. Estamos interessados, sobretudo, no efeito.»

O presidente investe:

— Uma coisa é certa, os fenómenos acontecem, dia após dia, cada vez mais. E porquê? Talvez por má informação de natureza espiritual, talvez porque sempre se tenham barrado os caminhos ao conhecimento, à Verdade. Quanto mais se esconde, mais problemas...

NÃO AUTORIZAMOS O ESPALHAFATO E O RIDÍCULO!

Insiste: «Não deixamos que os fenómenos de obsessão atinjam o ridículo das convulsões, o espalhafato, cortamos logo o mal pela raiz, controlamos o fenómeno. Claro que há pessoas que preferem tudo isso e não apreciam este controle...»

— O controle da Fraternidade?

— Ela é mais um grupo de pessoas que frequentaram outras religiões e não encontraram ainda a Verdade, estando agora aqui, como amanhã poderão estar noutro lado, seguindo um percurso constante de procura. Não devemos viver, pensamos, para um ideal cujo fim desconhecemos. Devemos, antes, procurar o fim.

— Que é isso da cura espiritual?

— A cura espiritual baseia-se no pensamento, na vontade. Desejamos que a pessoa se cure, por vezes o nosso corpo vibra, é natural que o médico diga que se trata de descarga de adrenalina, não nos interessa o porquê. O importante é se o nosso corpo recebeu essa força, afinal aquela que nos faz viver, é porque estamos no bom princípio. Não se trata de nenhuma magia, é um encontro de ideias, uma filosofia.

NÃO ACREDITO NAS CENTENAS DE MEDIUNS *EXISTENTES EM PORTUGAL*

— No decorrer da sessão invocam uma entidade...
— Não o fazemos utilizando nomes específicos. Deixamos o nosso espírito à vontade para que determinadas pessoas, dotadas com essas faculdades, possam servir de veículo a outras entidades. E, se tal acontece, nós ficamos satisfeitos, porque o nosso caminho está certo. Se aparece um sofredor, procuramos dar-lhe alívio.
— Mas existe muita «lebre» por «gato»? Toda a gente sabe... Muita gente se enche...
— Pela nossa parte, direi que não realizamos estas sessões com fins lucrativos. Elas decorrem em casa de um de nós, é uma casa particular, onde cada pessoa faz aquilo que muito bem lhe apetece. Por outro lado, não acredito no que acontece em Portugal: centenas de *mediuns* encorporando, à mesma hora, de manhã, dia e noite, o padre Cruz, o doutor Sousa Martins e outros. Isso não passa de uma burla. Não é espiritismo, nem filosofia espiritual, não é nada. Essas pessoas são doentes, muitas vezes não procuram estudar e aprofundar o fenómeno, tentam — através da sua doença mental — em determinadas alturas — através de vozes esquisitas — dizer que são as referidas entidades. Por vezes, acontece que ficam tão loucos que acabam mesmo por se tornar *mediuns*... só que do baixo astral, tudo mau, tudo negro, tudo negativo.
— Concretamente...
— Almas penadas, pessoas más que cumpriram na Terra um «Karma» negativo.
— «Karma»?
— É vida, é o que nos está destinado.

VAMOS IRRADIAR TODOS PARA ESTA CRIANÇA!

27 adultos e 4 crianças na obscuridade. Na sala, a voz do presidente da sessão:

— Que as vibrações cósmicas que emanam do nosso planeta, se conduzam aos nossos espíritos para que tenhamos a consciência do Bem para eliminar o Mal!

Os assistentes não sentados deram as mãos à excepção das crianças. Sucedeu-se um colectivo respirar fundo, após o que se efectuou a «limpeza da mesa». Um sujeito empurrava o pescoço e as costas de cada um dos nove, em torno da mesa, sacudindo-os duas ou três vezes para a frente. Uma jovem senta-se, cabeceia junto à janela, denota indisposição, tosse, tosse, arrota, arrota. Alguém avança da penumbra e coloca uma das crianças, a mais enferma, diga-se, sobre o tampo da mesa.

— Vamos irradiar todos para esta criança... — mas a ordem é substituída por palavras de emergência, tal qual o avião transtornado pela intempérie.

— Abram a janela, dêem movimento à pequena ali!

Era a adolescente perto da janela, agora cambaleava, prestes a desfalecer.

— Alguém que mantenha a mão na sua testa!

E, de novo, a chamada de atenção:

— Ouve, tu que caíste, não há acção, nem movimento, mantém-te calma, lembra-te que pode haver uma criança e pode depender da coesão... Os olhos unânimes na projecção do esgar da rapariga. Ela debatia-se em luta interior, no limiar do abandono mesclado de contorção.

— Que toda a luz, toda a força e toda a corrente passem a este débil corpo, que o seu espírito consiga libertar-se do seu sofrimento para o Bem...

— ... Para que o seu sofrimento não seja em vão!

A jovem, ofegante, a *mil* pulsações, média, cerra os punhos, o corpo estremece, remonta aos vendavais interiores de Emile Bronté, as mãos convulcionam. Periodicamente, a invocação, murmurada em coro, a ladainha monocórdica: «Força do Universo, aqui estamos a irradiar pensamento às forças superiores...»

Uma segunda criança substitui aquela, de chucha na boca. A adolescente dá mostras de querer vomitar, desfere um novo arroto. Respira, depois, em profundidade. A voz grave sobrevaloriza-se:

— O problema do espírito pode ser um problema psíquico... É o que

se passa com esta criança — as mãos dos nove cobrem os seus pés e mãos.
— Lembrai-vos que são as mãos que dominam o Mundo, condenam e castigam, são elas que dão a Vida, tudo se rege pelas mãos. Que as nossas mãos e a nossa irradiação sejam mais fortes a fim de transmitir força a esta criança!

COLOQUEM AS FOTOS SOBRE A MESA!

E volta o refrão, as mãos levantam-se do corpo do pequeno, pairando a centímetros da pele, «para interromper a corrente». Foi dada água fluida às crianças, todas sem excepção. Um terceiro lactente adormece mal lhe tocam as mãos. Também mama numa chupeta. A cena impressiona, não é todos os dias. No íntimo torna-se doloroso ver crianças enfermas participar (de modo passivo e submisso) num jogo de adultos que desconhecem. E, importante, ficando dependentes do seu critério de seriedade. A necessidade conduz ao desespero e este ao «salve-se quem puder». O marido da *medium* mastiga no escuro:
— Por detrás de cada anseio e do verdadeiro tratamento magnético, quanta mistificação não se abriga!
— À força superior...
— Um pensamento pode construir e destruir!
— É possível que um familiar cause mal a outro familiar, assim aconteceu a esta criança. Ninguém foi o culpado, porque nós não somos donos de nós. O familiar foi tratado, mas o contacto diário permanece. Vamos pedir à força para que as más influências se retirem deste corpo!
E tudo regressa à primeira forma.
— Ao astral superior...
A jovem ri por instantes brevíssimos. Está louca. Bichana a um dos participantes e logo num ápice desata num choro copioso.
— Não, não!... — implora.
Uma entidade manifestou-se, dizendo apenas o nome: Maria de Oliveira. No final viria a descobrir que se encontrava na sala um familiar de Maria

de Oliveira, que a perdoou de um litígio antigo. Maria foi uma *medium* de Angola.

A sessão enveredou por rumos diferentes: «Vamos irradiar para todos os doentes, nos hospitais e em suas casas, no intuito de lhes aliviar um pouco o sofrimento. A seguir, as pessoas que tenham problemas familiares coloquem as fotos sobre a mesa!»

Um lote de retratos surgiu no tampo, as mãos espalmaram-se em redor. Sucedem-se as irradiações até ao fim do encontro. Ninguém revela, mas pensa, dos seus atritos pessoais, colectivos.

Mais tarde, já de luz acesa, enquanto alguns debandam, uma mulher permanece imóvel, mãos pregadas à mesa, o ar a milhas. Muda.

— Está a ouvir? — ela, inatingível. A pouco e pouco despertaria em fracções lentas.

A do desmaio, à saída: «A pequenita descarregou em mim, bem o senti na cabeça e no estômago. Eu não sou forte, mas é preciso é que faça Bem!

O marido da *medium* sentia as paredes do estômago bloqueadas. A saliva incinerada, o piloro impenitente, as vísceras relapsas. Primeiro o cantochão de imploração magneto-cósmica, a seguir aquele jorro da potestade sobre as algias e os tumores de crianças à mercê, finalmente a «conta calada» das discórdias, inadaptações, ressentimentos, preconceitos, ciúmes, despeitos. Que Mundo!

— O amigo está com uma cara...

— Estava a pensar nisso.

— Sente-se mal? Parece que viu um lobisomem...

— Não, nunca.

— Porquê?

— É assim tão costume?

— Eu já vi.

— Estou por tudo, conte lá...

— Custa-lhe a pegar no sono?

— Um bocadinho.

— Então, esta noite não vai a casa...

— Lá terá de ser!

CAPÍTULO 14

O Lobisomem

O céu voava baixo, *deixa*, o caminho era escuro. Ar, árvores, vinha, e as pedras, poços, o mesmo negro. Penedas, peneiras, madeira, macadames. Só o cheiro dos olhos na noite emulsão de café, embrião de beterraba na terra, a crista apagada da eira à sombra dos perus.

Tarde, cedo, era igual. Longe, perto, idêntica distância das mãos presas uma à outra. O passo repercutia no riacho, na fuligem da chaminé, nas arestas covadas do forno, quem sabia. Faltava andar da festa até lá, já que o luar ficara no bolso dos músicos, no vaivém da valsa. Nos dentes sem elixir.

Depois, era a marcha, quilómetros de invisualidade através da estrada em construção, da ruina da fábrica, do piar dos olivais, da fonte ferruginosa, da mancha do vale até ao alcatrão, onde o pó inicial se abrigava na toca das libelinhas.

O par, eram dois, noivo e noiva, dobravam o vento que imobilizava os moinhos para moer as estrelas, as estrelas moídas mantinham-se nos quartos sem permissão para descer à sala iluminada, no outro hemisfério. Era assim, noite e luz, noivado e luto, boda e cegueira, simultaneamente. Pouco importava pedir uma clareira ao Senhor, um fogo-fátuo, a impermissiva negritude era luva de ferro naquele lugar. O outro caminho, impensável, seria atravessar os campos, as hortas, os arames farpeados. E a candeia, a pilha ficara com beijos, aventuraram-se, se iam casar para o fim da vida.

Por enquanto eram novos e resolutos, atravessavam a idade de se enfrentar, quanto mais a lonjura invisível, *continuemos.*
Quatro pés, quatro ecos breves. Desde o fim do arraial haviam sido quatro metronómicos sons de sola, o couro do sapato dobrado ao mesmo tempo, *por quanto tempo.*
Quatro e mais quatro, outros quatro, já há algum tempo que oito desencontrados passos se estugavam, uns a abrir, outros a perseguir, a metros, quantos, *perguntem ao escuro.*
Que foi, *quem vem lá*? Aceleravam sem resposta. Como não havia claridade para as sombras, reflexos, lusco-fuscos, só restava a pressa, a respiração intensa, as mãos dadas, o encalce. *Mais depressa, despacha-te.* Estavam perto, *somos seguidos, olha sem dares nas vistas.* Era como que um cão calado, fiel, atrás, mecânico. Quatro pernas, duas orelhas, pata pequena, altura de lobo, sem capuchinho vermelho. Colado ao instinto dos outros. Arfavam mais no medo de não se perderem. A estrada era só uma, mas o escuro era tanto. Uma arma não resolvia, o vulto do animal caminhava-nos em cima, ao lado, dentro da mente, a gente identificava o bafo, a pegada, a cola, mas abraçámo-nos como nunca. Para quê exceder o pânico possível? Um grito poderia acerrar-lhe os dentes, fazer desabar a noite e se a noite caísse, que viria a seguir?
O animal, figura de lobo, repete-se, talvez um farrapo felpudo de homem penado, não era impossível, eu não acredito, nem deixo de, à mesma distância. Em silêncio compassado, obstinado.
Chegadas as primeiras lâmpadas, a vila estava-lhes na mão, a perseguição moveu-se até à entrada, depois sumiu-se. Evaporou-se, não fora sonho. Na melhor das hipóteses, as unhas do bicho arrepelaram o chão. Toda a gente podia ver, só que não estava ninguém.

CAPÍTULO 15

Natural, sobrenatural exílio

O retorno a casa do marido da *medium* esperou pela gema dos infravermelhos da manhã. *Home, sweet home*... Caminhava pela rua como um lunático hipertenso e o peito, no seu âmago, prestava-se a um rufo de bombo de pele de porco (isso em nada beliscava a sua imagem) sempre que ouvia, imaginava, dois passos atrás, em idêntica cadência. Era o lobis! Era ele!

Nunca ousou olhar, confirmar na certeza de um susto omnisciente e assim, que vida a sua, foi-se deixando ultrapassar pelos circunstantes, mesmo os mais trôpegos, confiante de que ninguém tomaria coragem de seguir o seu rasto. Melhor: como um guerrilheiro urbano, escondia, «para o que desse e viesse», uma barra em ferro sob a gabardina. O primeiro «lobo» era seu!

Eram horas «bonitas» quando entrou na rua de sua casa. A *medium*, tocassem-lhe nos sininhos e era mulher de raia, soadora, alaridora. Descia sem rebuço às entranhas da Terra, rebuscava nos excrementos ainda fumegantes da cidade pré-acordada, aquela mesma linguagem de caserna e sentina própria das alvoradas, das horas de ponta. Ela «cegava» e a hemoglobina crescia-lhe no cachaço, pronta para mais um massacre conjugal, de que ele saía, invariavelmente, em desfavor. Nesse momento, o seu individualismo, o mercantilismo progressivo da sua personalidade, ele era um mercenário, porque não reconhecê-lo, afundava-se, dando lugar a um homem resignado, de laringe vibrátil. Era o frio que lhe corria pela cana do nariz.

— *Isto não são horas, isto quer é meio da rua, seu bardamerda!*
A versão *«lobis»*, tão temida por ele durante o caminho, encontrava-se ali à sua frente, furibunda e chispante, não admitindo o menor ensejo de fogo ripostado.
Ele preferia ficar submisso.
— *Julga-se um homenzinho, o meia-leca... A velha é estúpida, mas não se deixa levar...*
— Mas ninguém queria... — defendeu-se.
A velha não condescendeu.
— *Então, o que é que queria? A estas desoras... Em novo vinhas com os primeiros andores, com os «luvizomens»... mas era porque me apanhavas doente!*
A *medium* estava «possessa», no seu entender.
— Filha, mais lobis, não!
— *Não me queiras tu convencer de que andaste a cumprir penas... com as pegas?...*
— Não foi nada disso.
— *Não tens justificação.*
— Tenho andado sobressaltado.
— *Eu é que te vou dar o tratamento! Ficas no quarto trancado, minha amostra de gente...*
— Assim seja! — ele, infiltrando-se pelas vidraças, depois de montar a janela, por parte do passeio, como uma amazona.
Dormiu, enfim. Um sonho conturbado, diga-se. Seria um homem novo.

Um grupo de amigos regressava da pândega e ao longe enxergou o trote sonâmbulo de um jumento. Era noite tardia. Combinaram os moinantes pegá-lo de cernelha, avaliar dos créditos mentais do «Q.I.» da alimária. Só que ao bicho azedou-lhe aquele súbito «mosquedo», pelo que filou na bem bebida companhia uma inspiração de coices, cangochas e dentadas.

Para além dos rasgões provocados, uma fita vermelha que um deles levava à cintura desapareceu entre o matagal. E do bicho ninguém mais lhe pôs a vista em cima, até que...

... uma tarde nevoenta de Outono, na rua normal da vila, entre quem descia, fixado às montras, ao movimento dos carros, ao grupo da conversa, um homem de cinta vermelha, era ali Ribatejo, usava-se. O pândego, agora sóbrio e intrigado, passou também, reviu a faixa surripiada pelo asno, reconheceu o rosto de um amigo em vez do ruminante de palha. Num abraço: *«Então, pá, onde foste arranjar isto?»* O outro puxou-o de um braço: «Tu não vais acreditar.»

— *Eu vi um burro, não te vi a ti...*

Todas as noites, à mesma hora, cumprindo um fadário que só teria fim no momento em que um corajoso se atrevesse a picar o jumento, a pegar-lhe forte ferroada, o encanto, a prestação de pena, se desvaneceria.

— *Vês, tu não acreditas... chegando àquela hora, transformo-me, erro, zurro para aí, é superior a mim... Alguém terá de quebrar o enguiço, mas quando, mas quem?...*

O marido revolveu-se na alcatifa improvisada em cama, mordia as almofadas do sofá.

— *Ioooh! Ioooh! Ioooh!*

Abriu os olhos, esperava ver ao lado a cesta da cevada, a cabeceira, as olheiras, a nora. Moscas não que em Novembro já elas migraram.

— *Acontece-me cada uma! E vá lá saber se é verdade...*

> Logo a voz o assaltou, de novo:
> — *Encruzilhado entre o sonho e a realidade, quererás tu alfinetar-me, se acaso me encontrares?*
> Prevendo uma negaça:
> — *Não te assustes, homem que zurras no sono como eu nunca vi...*

O marido, intrépido:
— *Conta comigo, mas pergunto-me: só a picada te resolve o problema? Nenhum outro remédio preventivo impede essa tua metamorfose?*
— Para te responder, avanço com um desafio.
— *Não temo.*
— Já ouviste falar no círculo mágico? Desenha-se no chão para invocar determinadas forças e ficar protegido...
— *Forças do Mal?*
— Daí o uso do círculo...
— *Uma espécie de* rede *para os* trapezistas*?*
— Exacto.
— *Achas que dentro do círculo escaparias ao cumprimento da tua pena?*
— Não baralhes as coisas. Dentro do círculo eu invoco o Mal e dele estou protegido.
— *Tu mesmo?*
— É só um exemplo.
Prosseguindo:
— O meu penar é intemporal e susceptível de solução através do... penar!
— *É maligno?*
— Acho que sim, nunca perguntei.
O marido da *medium* recebeu o alvitre:
— Podias era invocar o Mal e solicitar o fim da minha metamorfose...
— *Sem te picar?!*
— Isso mesmo.

— *E que responderiam?*
— Não faço a menor ideia. Se calhar, estudariam a proposta e a coragem de quem quer que fosse...
— *E eu é que ia fazer isso?*
— Ninguém te obriga. Era uma boa acção.
— *Que é que eu ganho?*
— Quando morreres, eu cá estou para te dar a paga.
— *Se calhar, uma parelha de coices... um saco de aveia!*
O marido da *medium* deitou-se a contas.
— *Quem manda?*
— O diabo, ora que pergunta...
— *E Deus?*
— Está a «pau», ora que pergunta...
— *E não há intermediários nesse «negócio»?*
— Depende.
— *Do quê?*
— Ou invocas sozinho ou recorres aos adeptos de Satanás...
— *Eu nunca pensei chegar a «isto»...*
— E eu alguma vez sonhei andar de estrebaria em estrebaria...
— *O «gajo» do espiritismo bem me avisou... Agora, já está! Ouve, e essa minha acção aliviava-te?*
— Deixava-me mais tranquilo, pelo menos...
O marido, já decidido:
— *Vou fazê-lo por ti! Vamos acabar com o* teu *burro!*
— Não fales alto, que os burros têm ouvidos...
— *Como devo fazer?* — o marido, pedindo instruções.
— Encontrarás os Satanistas, darás a conhecer a sua doutrina, interrogarás como dominar as forças ocultas que me escravizam...
— *É tudo?*
— Antes, rogarás um credo, pões no peito uma medalha de Jesus Cristo, consagrada em teu nome.
— *E em casa, que digo?*
— Não tens folgas a gozar?
— *Dez dias.*

— Aproveita-os e diz-me depois. Se, entretanto, te passar à mão, pica-me!
— *Entre tantos burros, como te vou reconhecer?*
— Como no sonho.

O sono, o sonho sumiram-se.
Apareceu a *medium*.

— Filho, tu zurraste, sentes-te bem?
— *Já é natural este sobrenatural exílio!*
— Não gosto de te ouvir assim. Porque não metes uns dias?
— *Estava mesmo a pensar nisso. Sabes* — afagando-a enternecidamente — ... *sinto-me um monstro em miniatura!*
Ela, impassível:
— Não admira... vai em paz!
Ele ia já a sair, quando ela reforçou a recomendação:
— Olha, e não voltes a zurrar dessa maneira que podem ouvir...

CAPÍTULO 16

Os adoradores de Satã

O Satanista em Lisboa é homem de vocação científica, especializado em física nuclear, «materialista puro, puro», como ele próprio se define. Intérprete de fantasmagóricos acontecimentos que o levaram a abraçar os negros elementos que coabitam o planeta Terra, poeira de um vasto universo electromagnético, o Satanista tomou conhecimento do peculiar caso, anteriormente mencionado, de um estudante português que entrou na liça das invocações *a la diable*, movido por um destemor curioso e espevitado. Quando os pais chegaram a casa, o jovem jazia, em estádio comático, com o corpo fortemente chicoteado como se um demónio passara por ali... No chão, desenhado, o círculo mágico. E porquê?

— *Certos conhecimentos só devem atingir determinadas pessoas que estejam capacitadas para o respectivo uso. No tocante ao círculo mágico, eu já disponho de saber suficiente e, talvez, fosse capaz de o utilizar, embora nunca o faça. Existem fórmulas invocatórias, se a pessoa pretende obrigar uma entidade superior a fazer qualquer coisa. E julga que o consegue. Só que existe um pressuposto inevitável: se você se meter com uma energia muito mais poderosa, você, depois, não a pode controlar. Para ela, não existe nem Bem, nem Mal. Foi, apenas, incomodada.*

— No caso do rapaz?

— *O rapaz fez a invocação, pode ter vindo qualquer tipo de energia, mas, regra geral, não vem uma energia única, vem em bloco. Uma determinada falange, assim se chama. E aconteceu que ele não teve força para a domi-*

nar, pode ter ficado sujeito a tipos de violência indizível. Pensei, inclusive, que pudesse ficar louco...

— Não existe, pois, uma explicação racional?...

— *Materialmente, não sei explicar o fenómeno, mas tenho conhecimento dele dentro do Ocultismo. E posso dizer-lhe que já uma vez, inadvertidamente, cometi um erro, do qual lhe mostro as consequências. Chamei umas certas forças e desconhecia que elas se apresentassem com tamanha energia, ia «pegando» fogo aqui em casa... Como referi, possuo conhecimentos para fazer uma invocação no interior do círculo mágico e depois não ser levado a sair fora dele. Sou da opinião que as energias comparecem quando querem, quando é necessário que venham. Quando faço um «chamado», elas vêm porque desejam, nunca as obrigo.*

Explicando, em concreto, a sua falha:

— *Existem forças naturais dentro do Ocultismo: Fogo, Terra, Ar e Água* — dirigindo-se para o local da lareira em casa. — *Uma vez tentei acender a lareira, estava a sair um fogo muito «curtinho», então concentrei-me e enderecei um pedido de auxílio às forças do Fogo. Em menos de um minuto, a sala atingiu, talvez, mais de 40 graus centígrados, a lareira não resistiu ao calor. Saía «fumaça» por todo o lado, o tecto rachou por dilatação e ia «pegando» fogo a tudo! A madeira do soalho começou a arder e uma trave teve de ser substituída* — são visíveis as marcas do acidente no tecto e no chão.

EU UTILIZEI UMA FORÇA SEM IDEIA DA SUA ENERGIA!...

Prosseguindo:

— *Apenas tinha colocado um pequeno toro no interior da lareira, tão minúsculo que por si só não podia levantar tamanho calor, nem chama. O próprio tubo da lareira sofreu dilatação, o que está patente na tinta. Solucionei o problema, lançando água para as chamas! Foi um erro o meu procedimento inicial, visto que utilizei uma força sem ideia da sua inten-*

sidade. A força limitou-se a atender o meu «chamado», nem veio para fazer mal algum. Fui como que um aprendiz de feiticeiro!

— Como chegou aos domínios do Satanismo?

— *No Brasil tinha um colega maçador que passava o tempo a insistir comigo para que visitasse um Centro Espírita por ele frequentado (terreiro de Umbanda). O fulano tanto me maçou que um dia fui lá. Três dias antes acontecera-me um estranho incidente de que me salvei nem sei como.*

Passou a contar:

— *Fora dançar a uma* boîte *no Rio de Janeiro, regressava de manhã a casa, chovia diluvianamente, eu saltei do carro e naquele instante um cabo de alta tensão partiu-se. Estava inteiramente ensopado e com o choque fui atirado para longe. Fiquei atordoado e para sempre na minha perna ficou uma marca vermelha* — mostrou. — *Dirigi-me a casa após o acidente e dormi. Foi, então, que três dias volvidos, resolvi ir ao tal Centro, onde ninguém me conhecia, nem ninguém sabia do que se passara. Estavam lá cerca de dez* mediuns *trabalhando em «linha branca», mas quando cheguei mudaram para «linha negra». Ou seja, receberam um tipo diferente de entidades. Uma delas, OMULUM, de seu nome, tomou a palavra: «Aconteceu tal e tal, nós salvámos-te, porque você é nosso e tem uma missão a cumprir.»*

Um acidente de tamanha envergadura teria provocado, de imediato, uma morte por electrocussão, mas eu nem senti a queimadura, só ficou a marca. E a marca vermelha permaneceu, nem senti dores, nem nada. Ainda ouço a entidade:

> «De ora em diante você vai cumprir o seu trabalho, sei que não acredita no que aqui acontece, mas nós damos-lhe uma prova. Quando chegar a casa, um de nós vai aparecer-lhe.»

— Confirmou-se a promessa da entidade?

— *Quando cheguei ao meu quarto, olhei para um canto e lá estava essa*

figura. Tenho 43 anos, sucedeu há vinte e tal, poderia ter tido medo, mas não. Era uma figura bonita, sorrindo, agradável à vista. Um homem, alto (1,90 m), magro, todo vestido de negro, as mãos irradiavam luz, mas a sua cor era quase branco-marfim, o rosto apresentava as feições clássicas, de forma oval. A única coisa estranha nessa figura era que não via a pupila dos olhos, em vez delas havia uma luz vermelha, muito intensa, tão intensa que nunca consegui obter um tom assim nos avermelhados que conheço.

Em resumo:

— *Era uma figura tranquila e vendo-a ficava tranquilo. Deitei-me e dormi sem problemas. Nunca falou.*

Também lhe conto o caso de Sandra, a rapariguita que afirma ter visto o diabo, uma noite, aos 13 anos...

O outro:

— *Pode ser um caso de imaginação fértil. Uma essência pode apresentar-se sob qualquer forma ou sem forma definida, pode até escolher uma forma material. Só que insisto: uma essência evoluída não escolherá nunca uma forma que assuste uma criança. Em geral, apresentar-se-á de forma cativante, tanto na «linha branca» como na «linha negra». Porque essas essências são evoluídas, como disse, não são perdidas ou não encaminhadas...*

O ENCONTRO, EM TOMAR, COM UM MOTOCICLISTA MORTO, TRAGICAMENTE, NUM ACIDENTE DE VIAÇÃO

— Podemos recapitular?

— *Nos planos superiores, as essências só se apresentam quando existe algo de muito importante. Se uma pessoa afirma ter «visto» alguma coisa, a primeira coisa em que penso é que o sujeito teve uma alucinação ou ficou sugestionado por qualquer facto. E sabe porquê? Porque o facto de «aparecer» representa um dispêndio muito poderoso de energia para*

a essência em questão. Pode, também, dar-se o caso de uma materialização, mas materialização eu apenas vi uma até aos dias de hoje...

— Importa-se de contar como foi?

— *Estava com a minha mulher num hotel, em Tomar, e costumávamos, todas as noites, ir ao campo fazer uma concentração às forças da Natureza. Tratava-se de um local mais ou menos deserto, se bem que ainda circunscrito à área do hotel.*

Uma noite, a cerca de trinta metros, eu vi uma pessoa e no mesmo instante ela desapareceu. Recomendei à minha mulher que tomasse cautela, pois podia ser um assaltante. Encaminhei-me, sozinho, para o local e posso assegurar que era uma pessoa, não se tratava de uma visão mediúnica. Era uma materialização: uma pessoa inteiramente opaca e não difusa, ou transparentes, típicas da visão mediúnica. Dei a volta à piscina do hotel, a pessoa escondeu-se, devia ter sido atrás do arvoredo, Ao chegar ao local, a pessoa estava no mesmo sítio de onde eu saíra. Voltei outra vez e a pessoa tornou a afastar-se, embora num ângulo mais aproximado. Reconheci um indivíduo jovem, vestido de roupa preta, envergando um paletó, não sei se usava gravata, a camisa branca. Aproximei-me e o indivíduo escondeu-se, de novo, mas menos. Comecei a procurar, ele voltou, achei tudo aquilo muito estranho. Aproximei-me de minha mulher, numa zona mais aproximada uma essência encorporou e revelou que não era humana, mas, sim, uma essência perdida. Fiz uma concentração mental, a fim de saber o que pretendia aquela essência e naquele momento tive a certeza absoluta de que se tratava de uma essência. Como foi, há-de perguntar. Tanto eu como a minha mulher vimos que a essência começou a diminuir, embora mantendo as suas proporções certas, diminuindo de tamanho até desaparecer. Vim a saber do que se tratava, pois uma essência superior revelou-mo. Fora um indivíduo que sofrera um acidente de motocicleta, em Lisboa, e morrera de morte violenta. Ele queria comunicar comigo, mas, ao mesmo tempo, não se aproximava demasiado, porque eu já possuo uma determinada energia, uma determinada evolução. Essa essência como que encontrou uma barreira — para que uma energia entre no campo de outra é preciso, pelo menos, que apresente uma energia igual ou superior àquela. Uma energia mais baixa não pode

afectar nunca uma energia superior, fica como que bloqueada. É que eu já tive visões de essências, mas não sob forma material, não eram figuras humanas, porque eram dotadas de luz e transparentes...

— Como explica, assim, o sucedido em Tomar?

— *A única explicação é de que o local se apresenta dotado de energia, circundado por muitas árvores. Para que aquela materialização fosse possível, foi retirada energia a tudo o que era vida ali perto. Fenómenos assim são raros! Por vezes, em determinados locais é possível conseguir uma materialização, pode até recolher-se uma marca em gesso, de uma mão, por exemplo. Não vamos mais longe, no Brasil, colocam quarenta, cinquenta, oitenta* mediuns *em concentração colectiva para que surja uma materialização...*

UM SATANISTA ENTRE A ESPADA E A PAREDE

Em Nome de Satanás. Assim se denomina um livro de Jacques Danube, editado em Paris pelas Presses de la Cité, em que se relata uma fileira de crimes praticados «em nome do demónio». Por exemplo: um adolescente torturado até à morte na Florida, um feitiço fatal em Orne, missas negras sangrentas em Staffordshire, uma mulher decapitada em Paris, oito membros de uma seita religiosa despedaçados com dinamite na Califórnia, nove crianças imoladas no Brasil, exorcismo mortal na Baviera, um vidente abatido em Berlim, um sequestro trágico na Mancha, um sacrifício humano no México, uma criança estrangulada em Sleaford, adolescentes supliciados na Bélgica, óbitos prematuros em Compiègne, crianças decapitadas a martelo em Manchester...

— A tradição conta de estádios orgiásticos acompanhando, por vezes, até às últimas consequências, o cerimonial negro...

— *Existe uma série de rituais mágicos não exclusivos do Satanismo (também nos domínios do tantra-ioga) em que se formula a elevação do Homem através do sexo, da potência sexual. Explico: dentro de um determinado ritual é necessária uma certa polarização de energia, a qual pode ser obtida de diferentes maneiras — uma delas é o amor. Este tem*

dois componentes: psíquico e físico, este último apoiado na noção de «libido». Quando ela é posta em bacanais ou em qualquer coisa desse tipo, não sei se funcionará bem, porque existe sempre um elemento inibidor, o qual faz com que boa parte dessa energia seja perdida. Mas que é um dos meios de polarizar energia, é... Há, porém, outro meio, mais poderoso ainda, o pensamento. O Homem de boa educação logra atingir esse mesmo objectivo de polarização através da força mental.

— Não se esqueceu dos sacrifícios e dos rituais de sangue?...

— *Essas práticas são contrárias aos meus princípios, porque respeito a Vida. No entanto, adiantarei que um ritual, também, se pode apoiar no sacrifício de um determinado animal. Quer dizer, no instante da morte, o medo, o pavor, o horror do próprio animal representam um enorme fluxo de energia. Eu próprio, confesso-o, já cometi esse erro no Brasil. Já passei por essa experiência, tanto no ritual de Umbanda como de Quimbanda.*

— Que animais sacrificavam?

— *Galos, galinhas ou, então, bodes negros, devido ao símbolo representado, mas podiam ser brancos. Ou virgens. Até que comecei a seleccionar a minha atitude. Admito: fiz muita coisa errada.*

COMO DECORRE UM RITUAL

— Como se processa o sacrifício?

— *O animal é sacrificado, porque se trata de um modo de criar energia, tal como acontece no acto sexual. Qualquer elemento com vida representa energia a ser canalizada em sentidos diversificados. À medida que a evolução progride, as pessoas vão-se afastando desses suportes de natureza física, passando a utilizar os seus próprios recursos.*

— De que se compõe um ritual negro?

— *Em primeiro lugar existe uma Abertura, uma tentativa de identificação do operador (o elemento que rege o cerimonial) com todas as forças naturais, os respectivos elementos básicos: Fogo, Terra, Água e Ar. É uma forma de simbolizar a fusão com as forças cósmicas. Ligam-se, portanto,*

os elementos básicos da Terra, a fim de estabelecer a união (simbiose) com o Universo, o UM.

A segunda fase compreende o contacto dos dois planos, material e astral, sendo o primeiro representado pelo operante e praticante. O plano astral é representado por muitas entidades em determinados rituais, podendo realizar-se através de invocações no interior do círculo mágico, traçado no chão a giz ou a carvão. O círculo assume a função de protecção, pois nele existem fórmulas tendentes a polarizar e impedir que certas energias atinjam o espaço que circunscreve. Regra geral, quem utiliza esses círculos, trabalha com forças que considero duvidosas (aí está a tese de que uma entidade superior nunca pode ser obrigada a apresentar-se). Sendo assim, quem se apresenta em seu lugar? São forças elementares e daí a necessidade de o operador estar protegido. Se o operador sai do círculo, é o salve-se quem puder!

— O ritual pode avançar sem invocações?

— *No meu caso pessoal, a minha protecção sou eu próprio, a minha casa está bloqueada dentro de um círculo energético criado pelas próprias essências. Em minha casa não entra nenhuma entidade de baixo nível, a não ser que elas queiram, para um contacto, uma experiência requisitada. O ritual avança com ou sem invocação, as mensagens são transmitidas, trocam-se conhecimentos de natureza esotérica, em linguagem corrente, habitualmente por meio da encorporação de* mediuns, *aliás o processo que exige menor dispêndio de energia.*

A NUDEZ SERÁ A FORMA MAIS NATURAL

O ritual entra na sua derradeira fase, pela boca do Satanista:

— *O encerramento dos trabalhos inclui um agradecimento e uma tentativa de contacto com as forças naturais. Devo dizer, ainda, que antes do início de qualquer ritual é conveniente que os participantes se encontrem num grau de pureza interna, a qual passa por uma meditação, uma autocrítica, para que a pessoa alcance a paz consigo mesma. Só depois desta introspecção (os problemas deixados fora de nós) entramos no cerimonial.*

— Nus?...

— *A nudez será a forma mais natural, foi assim que viemos ao Mundo. No entanto, em Portugal, a nudez nem sempre será a forma mais apropriada, devido ao frio!... Antes de mais é necessário que você se sinta bem e à vontade!*

— Os rituais satânicos não se desenvolvem, apenas, no templo, mas também em cemitérios...

— *Pode haver práticas satânicas em qualquer espaço aberto e fechado, de preferência os espaços abertos. Um templo, para nós, não é uma casa. O ideal seria montar um altar numa floresta em contacto com as forças naturais. Os cerimoniais podem desenvolver-se em todo o sítio: na praia, no campo, no cemitério. De qualquer modo, o cemitério é para nós um lugar importante, um sítio-marco, simbolizador da união entre o material e o espiritual. Para os Satanistas, toda a Terra é um cemitério, a todo o instante morrem pessoas, animais, plantas, pequenas partículas e, simultaneamente, vivem outras. É a mutação constante. O cemitério adquire essa força simbólica tal como as ruínas, por onde passaram muita História, muito passado, muita vida.*

— Por exemplo?

— *Entre à noite num castelo, o de Sesimbra, feche os olhos e pense, sinta toda aquela vida-história-passado. A carga é diferente do que se estiver sentado num banco de jardim...*

— Qual o nome da entidade dos cemitérios?

— *OMULU. E não com esse nome, mas como OBALUIAÊ teria correspondência com S. Lázaro, dentro de Umbanda (linha branca).*

O EXORCISTA É INIMIGO DO SATANISTA E VICE-VERSA?

— O Exorcista extirpa o demónio do corpo de «possessos». Quererá a própria definição significar, implicitamente, que lhe «tira», por tabela e convicção, alguma coisa a si, Satanista? O Exorcista é inimigo do Satanista?

— *Demónios para mim, é coisa que não existe. Há é determinados*

grupos que, por vezes, podem ocupar um determinado aparelho (por aparelho entendo corpo, não necessariamente humano), prejudicando-o. Nesses casos é preciso auxiliar o corpo a «regressar» a ele próprio. Não precisa é de falar «sai, sai», de orientar «faça isto, faça aquilo», utiliza, apenas, a força mental. Tem de lançar energia contra aquela energia. Vai haver um choque e vence a mais forte. Não é preciso um ritual, não entram as mãos, a vela, o símbolo da água salgada, a cânfora, a «fumacinha»... Determinadas essências até brincam com isso!

— Se é tudo «teatro», se é tudo desnecessário, os resultados não contam?

— *Por exemplo, no caso da neurose, esse tipo de ritual pode modificar até o comportamento do indivíduo, é uma sugestão, sabe-se qual é a finalidade de um ritual: provocar um ambiente que sugestione e induza uma mensagem em certas pessoas. Tome-se o caso de um cerimonial em que apareça um sujeito de capa vermelha, erguendo uma poção, se o paciente não está «possesso», mas apenas «lelé da cuca», ele pode ficar sugestionado e curar-se! O ritual actuará, assim, beneficamente, sobre o mecanismo psíquico. Não convém misturar as coisas.*

— Então, há «possessão» ou não...?

— *Gostaria de frisar que não existe nenhum caso de obsessão de entidades de linha branca, nem de linha negra, pois ambas pertencem a um nível superior. Existem, sim, casos de «possessão» no sector indefinido das entidades perdidas, as quais podem apresentar-se sob o nome que quiserem. Podem dizer que são o diabo ou tudo o resto. É que uma essência evoluída tem um determinado potencial de energia e, se permanece, durante algumas horas, dentro de um corpo, quando sair, poderá provocar um choque que levará à morte do corpo. Não tenho dúvidas a esse respeito! A essência fica por um período relativamente curto, no máximo uma hora, duas horas, e se for tanto, o* medium *já ficará combalido. No caso das entidades perdidas, de baixo nível, é mais fácil retirarem-se. O chamado Exorcista não vai tocar nessa minha área, eu próprio já retirei essências indefinidas, há dois dias incrustadas no corpo de pessoas. Esta a explicação. Só que nunca sai uma essência isolada, são falanges. Primeiro sai uma, e depois outra, e outra. São de fraca energia, quando isoladas, agrupam-se para ganhar força.*

— Que língua falam as essências?

— *Elas podem aparecer sob qualquer forma e falar qualquer idioma, porque se expressam através da mente e a mente utiliza das palavras da pessoa com quem está falando um vocabulário conhecido da pessoa em causa. Não há, portanto, problemas de diálogo. Acontece, por vezes, que determinadas essências denotam dificuldades em falar por intermédio de um aparelho, devido à adaptação das cordas vocais. Algumas necessitam de um treino para lograr comunicar. De início, não conseguem dominar o mecanismo das cordas vocais...*

FEITIÇARIA, BRUXARIA SÃO CAMPOS QUE NADA TÊM A VER COM SATANISMO

— Muita gente mantém a correlação entre Satanismo, Feitiçaria e Bruxaria... membros de uma família maléfica, de resultados coincidentes?

— *Satanismo é um campo, Feitiçaria e Bruxaria pertencem a outro, funcionando a níveis completamente diferentes. Que é isso da bruxaria em Portugal? A resposta depende do nível cultural das pessoas. Muita gente curiosa arranja o* Livro de São Cipriano, *cujo conteúdo é de bruxaria e não de Magia Negra (coisa séria) e a finalidade básica é o de tirar algum proveito.*

Definindo conceitos:

— *Magias Branca e Negra estão relacionadas com a ideia de conhecimento, de elevação. E o pior é que certas pessoas lêem essas coisas e praticam-nas, para delas tirarem benefício. Alfinetes, pregos de caixão e afins podem ter consequências...*

— A história dos alfinetes espetados na bonequinha, muita gente não acredita...

— *Repare: o que opera, de facto, é a força mental. A energia não está no alfinete, nem no bonequinho que é espetado. Aquilo serve, simplesmente, para canalizar um desejo e, acaso ele seja intenso, depende da pessoa, pode resultar.*

— Resultar como?

— *Dentro da operação mágica existe um elemento emissor, um elemento receptor, além do meio transmissor de energia, cuja função é fazer com que a energia do emissor atinja o receptor. Toda a operação se situa dentro do plano astral, vai ser canalizada dentro dele e ser lançado sobre o ponto receptor. Claro que para canalizar a referida energia e obter a ligação com o plano astral é requerida uma experiência, um grau de conhecimentos. Daí o reverso da medalha: se a operação for mal conduzida verifica-se o chamado «choque de retorno», o movimento de vaivém do* boomerang...

O ALFINETE NO BONEQUINHO

— O alfinete no bonequinho afecta a pessoa-alvo ou não passa de uma trapaça?

— *Se o operador dispõe de uma grande força mental, no momento em que espeta o alfinete (ou o prego de caixão), ou ainda qualquer outra coisa, ele está chamando a energia do alvo representado no boneco. Primeiro, pensa no alvo, vai entrar em ressonância com a energia dessa pessoa, vai trazer a energia do alvo para o bonequinho. Depois, vai espetar alguma coisa no boneco, tentar destruir algo dentro dele. Se a energia da pessoa estiver presente, é como se essa pessoa-alvo estivesse presente no boneco e a energia, quando voltar, vai levar consigo aquele dano. E a pessoa alvejada vai sentir uma dor, uma reacção, o que for.*

— Se o operador da bruxaria for um simples «aprendiz de feiticeiro»?...

— *Acontece que vai ser lançada energia que não atinge o ponto desejado. O bonequinho está sempre no pensamento do operador e verifica-se um ataque a si próprio. Já cá têm aparecido, no meu consultório, casos de ser a consultante a pessoa atingida, ou seja, a pessoa que solicita ao operador que faça a operação frustrada... Quem pede para isso ser feito, se for mal feito, é que pode ser atingido, em vez do «inimigo»... E um conhecimento desse tipo não chega de um dia para o outro. Requer tempo e sacrifício, dedicação e, até, jejum de dias, uma alimentação especial. Além de uma vida equilibrada, toda uma série de preceitos que devem ser respeitados.*

— Quantos iniciados haverá em Portugal?
— *Nos domínios da Magia, se houver quatro, já é muito!*
— E no Satanismo?
— *No campo da iniciação completa, apenas eu.*

E OS CRIMES EM NOME DO SATANISMO?

O Satanista ouviu a pergunta em voz alta:
— *Confunde-se muito Satanismo com todas as formas de violência, de negação de um valor de Bem. Toma-se o Satanismo não como uma atitude de procura e insatisfação, mas como um modelo derivante da Idade Média. Eu não nego que muita gente tem praticado «muita coisa» em nome de Satã, desde há séculos, mas a verdade é esta: é, de facto, verdadeira essa ideia de Satã ou a ideia de Satã que essas pessoas exprimiram? Antes de mais, o Satanismo não é uma religião anticristã. Cristo, para nós, representa uma entidade, uma essência de linha elevada, de sétimo plano, no interior das pirâmides, dotada de uma função específica numa determinada estrutura universal. Contudo, Cristo não seria, na linha branca, a maior essência, o expoente máximo. Existiria, ainda, o UNO formado por essências do sétimo plano, resultante da fusão das linhas branca e negra.*
— Satã, nas suas palavras, não se opõe, como inimigo figadal, a Cristo?
— *As nossas essências não são inimigas de Cristo. Se Cristo não existisse, bem como todas as outras essências, nós não existiríamos também. E vice-versa. Muitos Autores não fazem de Satã o antideus. Em relação às mortandades, assassínios e torturas em nome de Satanás, podiam fazê-lo, igualmente, em nome de qualquer outra coisa... Isso advém de um conceito histórico, medieval, falso, em suma. O conceito satânico é quase panteísta: adora as forças criadoras da Natureza, venera-a como ela é. Qualquer sistema de base natural não pode pregar a destruição de Vida. Agora, baptiza-se a Violência em nome de Satanismo, porque não fazê-lo em nome da Violência propriamente dita. E, lógico, deixar o Satanismo em paz!*

CAPÍTULO 17

As pirâmides do Satanismo

TOMANDO como ponto de referência os preconceitos na sua gama variada (morais, sociais, tradicionais), o Satanismo pressupõe a «primeira porta de um caminho», um processo alquímico do «próprio eu», uma procura e pesquisa, porque o ocultista não detém a verdade nas mãos. Enforma uma fase prévia de conhecimento próprio, uma ligação de correspondência entre o macro e microcosmo, sendo uma primeira fase aquela que se relaciona com o «despir de preconceitos». E por mais paradoxal que pareça, a Justiça assume-se como termo base, ela é um conceito universal de que estão excluídas as noções tradicionais de Bem e de Mal. Sendo assim, que é o Satanismo?
Uma atitude de modificação, um comportamento dinâmico que implica uma religião dinâmica. Dois termos habitam no cerne do sistema satanista: dinamismo e renovação. O primeiro explicita-se como uma constante renovação, no Tempo e no Espaço, do indivíduo na procura de uma constante sintonização com o universo cósmico. Em relação à renovação, ela decorre de um estádio de insatisfação e rebeldia, no qual se procura, a cada instante, uma posição tendente à perfeição. Em síntese, adquire a identidade de uma posição não conformista.

Assentando como fulcro a acção de energia, o fluxo de corrente energética afirma-se como elemento motriz da visão metafísica do Satanismo. Imagine-se uma pirâmide constituída, de forma equilibrada e simétrica, por um sopé comum e um corpo composto por sete planos transversais, cumeando num topo a designar por UM. Por sua vez, a pirâmide

encontra-se dividida, na vertical, por uma linha equidistante dos dois lados, a qual se delimita rigorosamente ao meio nesse sentido. Considerando a zona do sopé comum aos dois lados, reconhecem-se, de uma banda, o sector das forças passivas (brancas), e de forças activas (negras) na outra. A pirâmide assenta no plano material e ergue-se no plano astral. Os sete planos energéticos referidos no interior da pirâmide sobem, assim, em estádios sucessivos até atingirem um cume significante da fusão dos elementos passivos e activos. Segundo o Satanismo, é esse o sentido do Universo.

No que diz respeito às tendências em jogo, deve dizer-se que ambas as forças são da mesma natureza, a essência da força é, também, semelhante, só que actuando em sentidos inversos, portanto complementares. Uma e outra (branca e negra) anulam-se. No íntimo da pirâmide, tanto de um lado como do outro, existe uma tendência para a evolução, partindo dos planos inferiores para os superiores. A evolução: ela é sempre experimental, nenhum conhecimento é gratuito, pois representa esforço, trabalho, logo um potencial de energia adquirido. Dentro do plano astral situam-se as essências, que se caracterizam pelo seu grau de evolução adquirido pelo respectivo processo de aprendizagem.

AS DIFERENTES IGREJAS PINTAM O INFERNO COM ESPETOS E FOGUEIRINHAS!...

O Satanista precisou a dicotomia do Bem e do Mal:

— *Vou exemplificar com o elemento Fogo. Com ele podemos aquecer a comida ou podemos destruir. O fogo é o mesmo, apenas que a responsabilidade do Bem ou do Mal recai sobre quem o pratica. O Satanismo sustém uma ideia básica: somente colherás aquilo que plantares. É conhecida a imagem do Satanismo como fonte maléfica, mas aconteceu que essa imagem está directamente relacionada com a Idade Média, tempo em que as populações incultas, reprimidas pelo clero e pelos grandes*

senhores, sem acto de rebeldia, odiavam os valores vigentes simbolizados pela Igreja (dominante), mercê da criação do conceito do Anticristo. Daí o facto de a pseudo-Missa Negra constituir uma paródia da inversão dos cultos católicos. Mais tarde, aquela imagem deturpada foi explorada pela Inquisição e trazida até hoje através de um conhecimento hereditário, aliado a um processo de reforçamento constante por meio de pregações das diferentes Igrejas, que pintam uma situação de Inferno com espetos e fogueirinhas!...

OBRIGATORIAMENTE TEM DE HAVER DUAS LINHAS

— *De acordo com princípios satanistas, o sopé da pirâmide, a referida área indefinida não pertence nem à zona branca nem à negra e denomina-se «zona das essências perdidas». Ela representa, em termos concretos, uma situação intermediária, onde se situam as essências muito ligadas aos hábitos materiais. Na área indefinida, as essências procuram, ainda, continuar a simulação da vida terrena, sofrendo com o facto todos os anseios e frustrações recebidas em vida. Após um determinado período, as essências perdidas evoluem e atingem um primeiro plano evolutivo (dos sete aludidos), quer na linha branca como na negra.*

— Duas linhas equilibradas no interior da pirâmide?

— *Existe sempre uma tendência para o equilíbrio, o desequilíbrio é que provocará o movimento. Quando se fala em equilíbrio, ele é apenas aparente. No instante em que houver equilíbrio será a própria destruição. Passa-se o seguinte: vamos supor um ponto de acumulação sem que houvesse mais alimentação de energia da zona inferior da pirâmide.*

— O cume da pirâmide?

— *Seria uma lei geral que utilizaria a energia proveniente das duas linhas. Existe sempre um compromisso entre elas, uma nada faz independente da outra. Existe uma planificação comum que é fornecida desse topo de mais elevada energia. Obrigatoriamente, tem de haver duas linhas.*

— A área indefinida...

— *Qualquer tipo de vida, quando vem à Terra, é para colher uma deter-*

minada experiência. Pode ou não colhê-la. Se não colhe, daí resultará uma carência dentro da sua aprendizagem, a qual tem de ser suprida em qualquer campo. Será suprida na área indefinida e esse tipo de vida, para lograr progredir, tentará passar por alguma coisa.

— Deus e o diabo?...

— *Não existe nem o conceito de Deus, nem de diabo, mas tão-somente o conceito de forças e essências complementares. No interior dos planos, as energias podem ser individualizadas, o que já não acontece no cume que é o UM. O UM é o TUDO. Por isso, as energias, antes de atingirem o ponto máximo, podem tomar qualquer nome, o dos espíritos, por exemplo, ou seja, a sua individualidade.*

— A planta ou a pessoa que morrem...

— *Vamos supor que as respectivas essências já atingiram um determinado plano, onde adquirem conhecimentos, podendo subir de escalão, mercê do tal processo de aprendizagem.*

AS SUCESSIVAS ENCARNAÇÕES. VIDA E MORTE SÃO TRÂNSITOS

— Conhecimentos de índole diversa...

— *Por exemplo, os materiais puros e, dentro desse sector, a essência terá, então, de encarnar, sob qualquer forma, não necessariamente humana, dependerá do tipo de experiência a colher.*

— Depois?

— *Voltará à pirâmide através de encarnações sucessivas, não existindo a regressão, ou seja, estar num plano e cair noutro mais baixo. Pode haver, sim, uma certa estagnação e convirá frisar que não reina a noção de Tempo no plano astral. Não existe passado, nem presente, nem futuro. Uma acção pode ser feita em termos de um ano, mil anos, um milhão de anos... milhões de anos.*

— Mau para os «apressados»...

— *O Universo é ilimitado, está sempre em expansão e disso resulta que há sempre algo de novo a ser experimentado, a ser aprendido.*

— E não só os humanos...

— *Os objectos também têm vida. Não se esqueça de que são constituídos por protões, neutrões, electrões, neles existem essências, com movimento, dotadas de organização. Tudo isso, claro, mergulhado na força cósmica.*

— Vida, vida...

— *Essa energia pode estar individualizada ou não, pode formar um conjunto inteligente ou um conjunto primário, um átomo ou ainda menos, mas energia. E energia é vida, não a vida no conceito que temos dela, mas a vida no conceito cósmico. A vida é uma constante.*

— A morte...

— *É apenas aparente, nada mais é do que uma mutação. Essa mesma matéria permanece viva sob outras formas. A minha essência, essa é constante, está em evolução. A Vida é um trânsito. Vida e Morte não têm para nós, satanistas, um significado profundo como barreiras. Não existe esse limite, como vê.*

CAPÍTULO 18

Sonho acordado

A manhã nasceu, já não somos crianças. Com ela resvalei pela vertente das pirâmides como um *tobogan*, joguei «ao eixo» na hipotenusa das entidades, lancei a «malha» na barba dos Satanistas, corri ao «trapo queimado» na fronte do Exorcista, mergulhei ao «pião» no fundo de um lago de argila, pedi *bacon* para o pequeno-almoço.

Bem ouvia as mulheres na *cegarrega* do temor: «Creio em Deus Pai Todo Poderoso...», ao pressentirem-me associado, elas têm um *bissexto* sentido, a cordas de enforcados, ao albusão dos alquimistas, aos exterminados albigenses, os gritos da população liquidaram os derradeiros reféns, enquanto o legado do Papa, por volta de 1200, incutia nos soldados da Cruzada: «Matem sem descanso que Deus conhece os seus eleitos!»

As minhas ligações com o ouro pigmentado, a mensagem de Bagoé, a sibila toscana, as barricas fervidas das proscritas de Salém, os ossos dos nativos índios enfeitando as vedações demonólogas dos puritanos do Novo Mundo, as virtudes mágicas da pluma do ganso macho: «Eu te sacrifico, ó ave sem par, nesta hora solene», em pleno dia de Júpiter, quem me ouvir crê-me maldito. Rebusco a aveleira silvestre entre 2 e 30 de Junho, a conjuração não me afecta, eu sou um adulto, a permeabilidade de quem me julga esbarra no próprio acto da suposição.

Ando ensonado pelos pássaros de mau agoiro, colho, a custo, o coral para estancar o sangue das minhas feridas, o número dois não joga à defesa, mas é a marca de Leonardo, dono e senhor de bruxos e bruxas, bem parecido bode, amante da mandrágora e de bosques espessos.

Olho-me no tecto do meu quarto — ali se reproduz uma tela de Bruegel, *A Feiticeira de Malleghem.* Sorrio, pois o meu dicionário de Ciências Ocultas é patrocinado, na contracapa, por uma marca de relógios japoneses.

Mais: encontrei nas minhas andanças os mais descompassados frenólogos, geromantes, necromantes, belomantes, detentores de filtros e malefícios, acendedores de resinas e futurólogos dos restos de café (das ex-colónias); reconheci a fraude de videntes e certas «Santas», o oportunismo e a gosmice, embora me curve perante evidências, as de minha mulher à cabeça, hoje, quiçá, desgostosa desta minha vocação para a ololigmancia (presságios através do latir dos cães), oinomancia (adivinhação por meio do vinho, preferivelmente rosé, digo eu, o que me cai melhor no piloro), oenisticia (predição pelo voo das aves). E eu, ave tonta, destrambelhado nervoso, espiritualmente inquieto, sensorialmente desperto, ou não fosse Aquário, apresento uma indesmentível predisposição para a leitura dos caracteres dos umbigos, a mulher não vai muito na história. Paris acordou-me. A bruxa olha-me de soslaio, qualquer uma que seja, mas não me desdiz, teme-me, conta com os meus relatórios promocionais que arrastam uma legião de seguidores, nesta mafia dos bruxedos. Eu, mercenário, me confesso!

Se o efeito surte? Aqueles tolhidos, envenenados, convulsos, espasmódicos, as trevas do cérebro em mentecaptos, a paraplegia dos movimentos, a paramnésia da memória não lhes dá largas para a refutação, as entrevistas. Eu detenho o exclusivo de salvadores e terroristas, curandeiros e fantasistas, pantomimeiros e chantagistas, funcionários públicos do Sobrenatural. Sobre tudo, natural. A publicidade é a minha vida, abandonei os gelados à comissão na Rinchoa. Quem quiser marrasquino ou avelã, troco-os pelo enxofre, mercúrio e sal, deve trepar ao altar da magia, aprender a calcinar o chumbo e a zombar dos purgantes violentos, na hora de Saturno, para as invocações infernais! Tenho um escritório, de renda barata.

O lobisomem não me perde de vista. Voltou a aparecer-me, vinha de pêlo frisado, corte italiano, levou-me a jantar, assobiou pela conta, pedimos caviar para o primeiro lance, sempre grato.

O *Sud* ia partir, finalmente.

— Filho! A mala está pronta, Paris é o teu destino, queres mesmo tomar banho!?...

O marido da *medium* não tinha alternativa. Levantou-se, rodopiou a cabeça de um sonho de dias, entrou na gare, estava desperto.

— Puhhhhh!!!!! Puhhhhhhh!!!

O relógio redondo na plataforma agigantou-se. Alguém recomendara os seus préstimos, a sua habilidade natural de redacção para um encontro com o Exorcista. Era a primeira vez que viajava para além da Linha de Sintra. O sonho ficara para detrás. Trepou ao compartimento, sem conforto de maior, as linguareiras, os dentes «a *diesel*», o estição encaminhou a composição carris adiante.

— Levas tudo?

— Os comprimidos para o enjoo?...

— Estão no bolso do colete.

— Vê lá! Olha o que o médico te disse... Não durmas demais!

A imaginação da minha mulher acompanhou-me até à fronteira. Depois,

....

vi um homem sair, levava lume, para vomitar cabelos pela boca.

ÍNDICE

Audacioso e intrigante, mordaz e criativo, *Bruxas à Portuguesa* define-se como o mais original processo de investigação social e psicológico de um grupo de misteriosas personagens, girando em torno do marido de uma *medium* com residência algures no subsolo de Lisboa.

Trata-se de um texto de extrema actualidade, desencadeado nos domínios da ficção a que não é alheia a reportagem, verdadeira mostra de reais personagens e lugares, agentes de uma *cadeia magnética* diversificada em Portugal: as bruxas, as feiticeiras, os curandeiros, os espíritas, as *mediuns*, os exorcistas, os possessos e os satanistas.

Bruxas à Portuguesa ostenta como espinha dorsal o mercenarismo de um homem que visita ao domicílio os antros de «tratadores» e «domesticadores» de espíritos, num permanente desafio aos crédulos e incrédulos.

